REVISTA BIANUAL DE PSICOÁNALISIS Nº17 - SEPTIEMBRE 2024

TRANSFORMACIÓN



OCAL
ORGANIZACIÓN DE PSICOANALISTAS EN FORMACIÓN DE AMÉRICA LATINA

*TRANS***FORMACIÓN**

Nº17

«Sistemas políticos/ religiosos/ ideológicos costumam ser altamente engenhosos em sua capacidade de desvitalizar ideias, eventualmente criativas, transformando em crenças, dogmas e fanatismo. Abre-se campo para a arrogância a violência, o desprezo e a morte. Descarga de emoções sem consideração pelo outro atacam a própria capacidade das emoções criarem vínculos com o outro.» (Roosevelt Cassorla, W. R. Bion – 'A obra Complexa')

«Los sistemas políticos/religiosos/ideológicos suelen ser muy ingeniosos en su capacidad de desvitalizar las ideas, posiblemente creativas, para convertirlas en creencias, dogmas y fanatismo. Esto abre el camino a la arrogancia, la violencia, el desprecio y la muerte. La descarga de emociones sin consideración por el otro atenta contra la capacidad misma de las emociones de crear vínculos con el otro».

Roosevelt Cassorla, W. R. Bion - 'Una obra compleja'

OCAL Revista bianual de la Organización de Analistas en Formación de América Latina pertenecientes a Instituciones de formación psicoanalítica FEPAL e IPA

www.ocal-candidatos.org
contacto@ocal-candidatos.org
publicaciones@ocal-candidatos.org

No se permite la reproducción parcial o total, el almacenamiento, el alquiler, la transmisión o transformación de esta revista, en cualquier forma o por cualquier medio, sea electrónico o mecánico, mediante fotocopias, digitalización u otros modos, sin el permiso previo y por escrito del editor. Esta revista es de distribución institucional y gratuita.

OCAL
ORGANIZACIÓN
DE PSICOANALISTAS EN FORMACIÓN
DE AMÉRICA LATINA

DIRETORIA OCAL
(2022-2024)

Presidente:

Thércio Andreatta Brasil

Sociedade Brasileira de Psicanálise

de Porto Alegre. (SBPdePA) - Brasil

Vice-Presidente:

Gabriel Rivera

Associação Psicanalítica Chilena (APCH) - Chile

Secretaria General:

Juliana Camacho

Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA) - Argentina.

Tesorera:

Camila De Araújo Reinert

Sociedade Brasileira de Psicoanálise de Porto Alegre (SBPdePA) - Brasil.

Secretaría Científica:

Bettiana Martello Martínez

Associação Psicanalítica do Uruguai (APU) - Uruguai

Samar Andrea El Maalouf Zaitoun

Instituto Latino Americano de Psicanálise (ILAP) - Equador.

Secretaría de Difusión:

Larissa Albertino

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ/Rio 2) - Brasil

Leslie Alejandra Mendoza Martínez.

Associação Psicanalítica Mexicana (APM) - México.

Secretaría de Publicaciones:

Juliana Simczak Treuherz

Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS) - Brasil

J. Nicolás Cardona-Santofimio Sociedade Colombiana de Psicanálise (SOCOLPSI) - Colômbia.

EQUIPE DA REVISTA

EDITORES:

Juliana Simczak Treuherz

Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS) - Brasil

J. Nicolás Cardona-Santofimio

Sociedade Colombiana de Psicanálise (SOCOLPSI) - Colômbia



COMISSÃO AVALIADORA:

AVALIADORES OCAL:

Alexandre da Costa Pantoja (SPBsb) - Brasil

Ana Maria Córdoba (SPC) - Venezuela

Carmen Maria Maldonado (APG) - México

Paola Cavallo (APCh) - Chile

Erika Flores (SPC) Venezuela

Maria Alejandra Jodar (APdeBA) - Argentina

Ximena Palabé (APU) - Uruguay

Gloriani Landeros (AMPIEP) - México

AVALIADORES IPSO:

Idê Almeida Crispim (SPMS) - Brasil

Cynthia Cirilo (ARPAC) - México

Diego García (SFCM) - México

Andrés Juárez (ARPAC) - México

Diana Maldonado (AMPIEP) - México

Beatriz Mora (SFCM) - México

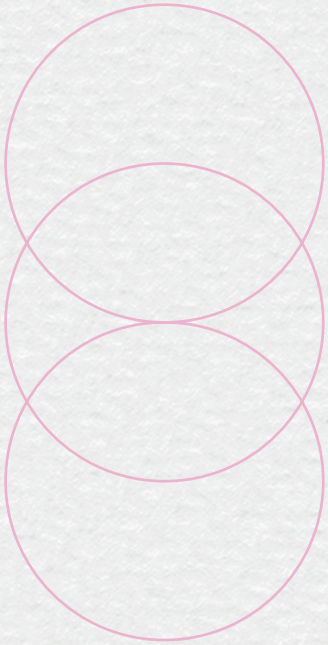
Liliana Tena (SFCM) - México

DESIGN:

Dibujos:Maria Fernanda Patiño

Graphic design: Alvaro Moz

INDICE



INDICE

16 **Editorial**

24 **Premios OCAL-IPSO**

Primer lugar. De lo viral a lo real: el 'hype' de la Psicología Pop en las masas actuales. *Alejandra María Vargas Vázquez*

34 **Segundo lugar. Un mundo convulso: la influencia de la intolerancia y el fanatismo en el desarrollo de las teorías psicoanalíticas y su incidencia en las modificaciones del método.** *Rosabell Hercilia Rojas*

44 **Tercer lugar. La potencia de la desobediencia: narrativas de Memorias Desobedientes.** *Carola Godoy*

58 **Invitados Congreso OCAL 2024**

La formación psicoanalítica. Entre pérdidas y ataques al continente. *José Daniel Aguilar P*

70 **A formação psicanalítica durante a ditadura.** *Ney Marinho*

84 **Clínica**

Pensar el psicoanálisis como preconcepción y no como concepto. Una propuesta para proteger al psicoanálisis del fanatismo. *Julio Galindo*

96 **Intolerancia psíquica/inmediatez del mundo interno: reflexiones del trabajo con pacientes fronterizos**
Raquel Mussali Kibrit

108 **Videojuegos: ¿hacia un futuro distópico o intolerancia ante la irrupción de lo discontinuo? Interrogantes y reflexiones a partir de la práctica clínica con niños.**
Romano Peirano Elías

122 **Conceptos**

A formação em tempos de turbulências: abrindo frestas entre fanatismos e intolerâncias. *Célia C. Fontes Parzewski*

132 **¿A qué renunciamos como analistas (o analistas en formación)?**
Martin Modonese

142 **El sentir.** *Paula A. Lerma López*

152 **Fracaso del pensamiento, intolerancia y fanatismo.**
Grupo de Estudio de André Green OCAL

160 **Los retos de la formación analítica en un mundo distópico.**
Gonzalo Cano

170 **Psicoanalistas Fanáticos.** *Sebastian Santa Cruz Ausin*

Mundo

182 **Construyendo un psicoanálisis centroamericano, más allá de la colonización y el fanatismo.** *Claudia Castro, Yasser Gutiérrez, Claudia Melville, Lisseth Paz, Sorel Sosa y Liza M. Zachrisson*

194 **El psicoanálisis y la psiquiatría en el discurso religioso de los testigos de Jehová.** *Pedro David González Martínez*

204 **Escrevivência na pesquisa em psicanálise: possibilidades de nomeação e de agenciamento coletivo de corpos-sujeitos negros.** *Miriam Cristiane Alves*

216 **La formación y la transmisión psicoanalítica en tiempos de la Matrix 3.0.** *Gabriel Alfonsi*

226 **La paradoja de la tolerancia: reflexiones sobre el lugar de la agresión, la autenticidad y la preocupación por el otro.** *Laura Jasso Zepeda*

234 **Psicoanálisis y mundo.** *Marcelo Alborés*

EDITORIAL



EDITORIAL

(Português)

Apresentamos a revista TRANSFORMAÇÃO ano 2024 um espaço de pensamento, reflexão, questionamento, criação, sendo assim, de crescimento dos analistas em formação da América Latina, em sua forma escrita.

O nome da revista acompanha o nome do Congresso da OCAL, “As faces da intolerância e do fanatismo: Mundo, Formação e instituição”

Encontraremos na revista Transformação o questionamento e a pesquisa teórica e clinica dos autores que com iniciativa e um olhar critico se debruçaram em suas escritas as quais foram envoltas pelas dualidades Pulsão de vida e pulsão de morte, amor e ódio, desintegração e integração, ataque e construção entre outras que norteiam o desenvolvimento humano na sua individualidade, nas relações entre os pares, sendo assim nas relações sociais, assim como corajosamente no processo da formação psicanalítica e nas suas relações institucionais, trazendo suas contribuições.

É a partir deste olhar que os autores exploram em seus artigos o predomínio da onipotência, arrogância e consequentemente, o preconceito, e a intolerância em tais relações.

Encontraremos também no lado oposto da destrutividade, a beleza do método psicanalítico no encontro íntimo com o outro, com olhar

atento aos movimentos da Instituição também possibilitando um saber sobre a realidade psíquica para o tornar-se essa realidade na vida.
Foi assim que nossa artista convidada de Bogotá, Maria Fernanda Patiño, conseguiu expressar o momento exato em que a beleza encontra o horror. Sua imaginação deslizou pelos labirintos ominosos do fanatismo para trazer à luz, em corpo e carne, os monstros que tal funcionamento pode produzir. Entre a crueza e a sublimação, entre o desespero desolador e os caminhos de uma nova esperança, o convite de Maria Fernanda Patiño é o mesmo que Freud nos fez há mais de cem anos: Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo!

São sonhos sonhados em conjunto que favorecem maior criatividade, um olhar mais amplo sobre a psicanalise, as relações sociais e o mundo, com a possibilidade de necessárias rupturas.

Temos clareza que a revista Transformação, o vinculo construído entre escritor e leitor da voz aos analistas em formação, estimulando a troca de ideias e promovendo a discussão a ser renovada a todo momento, em nosso caso à cada edição.

Os editores desta revista agradecem os autores que se entregaram e nos ajudaram a enfrentar o duro trabalho de ampliar o pensamento de um assunto tão primitivo do funcionamemto da mente, tornando a revista sempre contemporânea, reflexiva e criativa.
Obrigado aos avaliadores que se dispuseram ao contato intimo com os autores, observando, analisando, pensando, e dando suas sugestões para a melhoria dos artigos.

E também a toda diretoria da OCAL e nossos colaboradores, que contribuíram para que essa revista mantenha a qualidade e a beleza tão importantes à uma vida saudável.

Boa leitura colegas psicanalistas, motivo da existência desta revista, que a experiência também emocional possa ser sonhada através de outros caminhos a partir da vivência experimentada.

EDITORIAL

(Español)

Presentamos la revista TRANSFORMACIÓN 2024, un espacio para la reflexión, el cuestionamiento, la creación y, por lo tanto, para el crecimiento de los analistas en formación en América Latina.

El nombre de la revista sigue el nombre del Congreso de OCAL, «Los Rostros de la Intolerancia y del Fanatismo: Mundo, Formación e Institución». En este número encontraremos el cuestionamiento y la investigación teórica y clínica de autores que, con iniciativa y ojo crítico, han profundizado en sus escritos en las dualidades de la pulsión de vida y la pulsión de muerte, el amor y el odio, la desintegración y la integración, el ataque y la construcción, que orientan el desarrollo humano en su individualidad, en las relaciones entre pares, en las relaciones sociales, en el proceso de formación psicoanalítica y en las relaciones institucionales. Es a partir de esta perspectiva que los autores exploran en sus artículos el predominio de la omnipotencia, de la arrogancia y, consecuentemente, del prejuicio y de la intolerancia en tales relaciones.

En el lado opuesto de la destructividad, vimos la belleza del método psicoanalítico en el encuentro íntimo con el otro, con una mirada atenta a los movimientos de la Institución, posibilitando también el aprendizaje de la realidad psíquica para transformar esa belleza en vida.

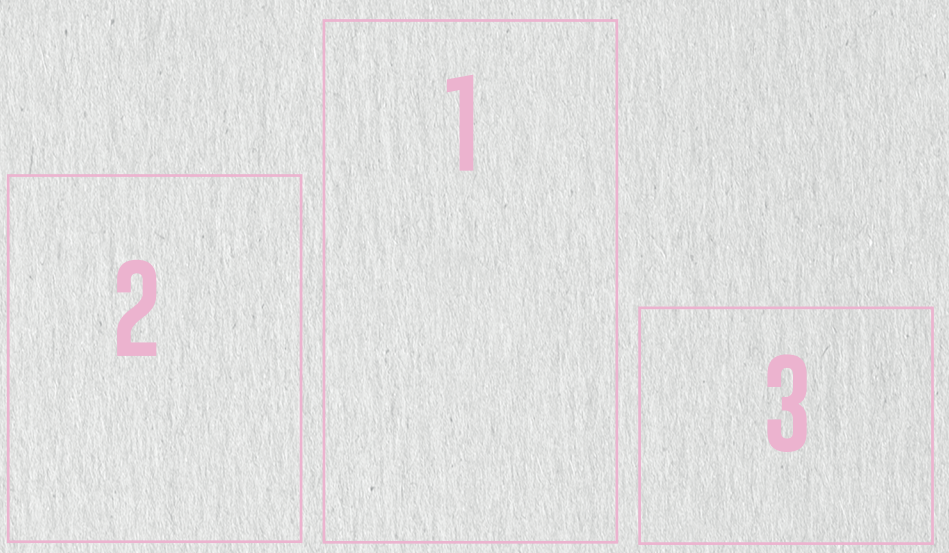
Es así como nuestra artista invitada desde Bogotá, Maria Fernanda Patiño, ha logrado expresar ese justo momento en el que la belleza se encuentra con el horror. Su imaginación se deslizó por los laberintos ominosos del fanatismo para sacar a la luz, en cuerpo y carne, los monstruos que un funcionamiento tal puede producir. Entre la crudeza y la sublimación, entre la desgarradora desesperanza y los senderos de una nueva esperanza, la invitación de Maria Fernanda Patiño es la misma que Freud nos hizo hace más de cien años atrás: Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo!

Son sueños soñados juntos que favorecen una mayor creatividad, una visión más amplia del psicoanálisis, de las relaciones sociales y del mundo, con la posibilidad de rupturas necesarias. De este modo, tenemos claro que en la revista Transformación el vínculo construido entre escritor, revisor y lector da voz a los analistas en formación de Latinoamérica, estimulando el intercambio de ideas y promoviendo la discusión para que se renueve todo el tiempo.

Los editores de esta revista agradecen a los autores que se entregaron y nos ayudaron a abordar la tarea de ampliar nuestro pensamiento sobre un tema tan primitivo, haciendo que la revista sea contemporánea, reflexiva y creativa. Gracias a los revisores que se han entregado a un estrecho contacto con los autores, observando, analizando, reflexionando y aportando sus sugerencias sobre la mejor forma de presentar los artículos. Finalmente, agradecemos a la directiva de OCAL, que permite que esta revista mantenga la calidad y la belleza, tan importantes para una producción científica ética.

Buena lectura, compañeros psicoanalistas, razón de ser de esta revista, y que la experiencia emocional se sueñe por otros caminos a partir de lo vivido.

PREMIOS OCAL-IPSO


1
2
3

PREMIOS OCALIPSO

PRIMER LUGAR

DE LO VIRAL A LO REAL: EL "HYPE" DE LA PSICOLOGÍA POP EN LAS MASAS ACTUALES

Alejandra María Vargas Vázquez [1]

Es cada vez más frecuente que analizandos me hablen sobre un Tik Tok o una publicación en Instagram de contenido psicológico con la que se identificaron o que les generó angustia por haber sido diagnosticados, en menos de un minuto, con algún tipo de trastorno o tipo de apego. Noto lo importante que es que puedan pensarse a sí mismos con lo que ven y escuchan y que puedan traerlo a su espacio analítico para digerirlo. Sin embargo, también pienso en el impacto que tiene este tipo de contenido en personas que no tienen acceso a servicios de salud mental y, sobre todo, me pregunto por qué es tan consumido y tan poco cuestionado el material que se ofrece, de manera categórica y absolutista en redes sociales.

Vivimos en una época donde la virtualidad es un espacio que habitamos día tras día. Por ello, no es sorpresa que la información que consumimos repercuta en nuestra subjetividad y en nuestra manera de vincularnos. Hornstein (2008, citado por Araujo, 2012) explica que para entender al sujeto debemos sí o sí tomar en cuenta el entorno

socio-histórico en el que se enlazan sus deseos, creencias, discursos, prohibiciones, sexualidad, ideales y prácticas.

---

1. Sociedad Psicoanalítica de México.

Virginia Ungar (2015) plantea que en la actualidad tenemos acceso casi instantáneo a un discurso virtual en el que hay inmediatez y posibilidades ilimitadas. Ya que se puede estar utilizando tecnología variada simultáneamente, propone pensar los mecanismos mentales de las generaciones actuales con el predominio de la escisión y la disociación de varios niveles del Self para poder hacer multitasking. Otra característica del joven actual es que no pasa por ritos institucionalizados de iniciación, sino que los crea él mismo. Vemos así, retos de Tik Tok que han cobrado vidas en adolescentes en los que parece no haber habido un juicio sobre los actos a cometer contra uno mismo.

Aunque hoy en día pareciera haber mayor disposición para hablar y tratar temas de salud mental debido a la accesibilidad que proporciona el internet para informarse y encontrar apoyo profesional, la realidad es que el diagnóstico de trastornos mentales se ha mantenido estable e incluso en aumento en el caso de los jóvenes en los últimos 20 años. Curiosamente dicha población cuenta con mayores niveles de estrés y preocupación que otras (Lack y Rousseau, 2022). Esta información parece contrastar bastante con el discurso social casi normado del bienestar y la positividad.

Béjar (2014) considera que nuestros tiempos se enfrentan a una etapa nueva dentro del proceso de civilización en la que valores tales como la interdependencia, que antes daban soporte a la sociabilidad, han sido sustituidos por la individualización. En consecuencia, se crea la cultura terapéutica actual en la que la autoayuda en sus diferentes

modalidades establece estatutos para una conducta adecuada. La individualización crea sujetos hiperracionales que toman decisiones a partir de un sinfín de posibilidades, pero que, al mismo tiempo, experimentan relaciones más caóticas e inciertas. (Béjar, 2014).

La actualidad también se caracteriza por relaciones establecidas bajo la búsqueda inmediata de placer y una intolerancia al malestar que vuelve al otro fácilmente desechable; el consumo predomina así como las opciones siempre disponibles que generan nuevos deseos y necesidades (Béjar, 2014) Aunque pareciera que hay mayor alcance a relacionarse con más personas y de manera más rápida gracias al internet, la demanda de felicidad predomina y la depresión se ha vuelto un “síntoma social” (Béjar, 2014).

Tomo en cuenta la teoría de Piera Aulagnier para quien pensar va de la mano con crear. Para constituirse, el Yo requiere primero identificarse con la madre y luego aceptar que no habrá un Otro que distinga por él y le asegure lo que es real de lo que no, por lo que empezará a pensarse en primera persona ganando así autonomía (Frison y Gaudio, 2012). ¿Qué pasa entonces con las personas que no han renunciado a la ilusión de un Otro que sabe la verdad absoluta? Considero que es depositada en los espacios virtuales donde lo categórico calma la ansiedad que implica la incertidumbre.

Si el sujeto centrado en la individualización siente malestar, no es coincidencia que acuda a la fuente que otorga información instantánea disfrazada de omnipotencia para solucionar y entender

sus problemáticas: el internet. Considero que esta es la primera y más lógica explicación de por qué el consumo casi ciego de contenido de salud mental en Reels y Tik Toks: un intento por deshacerse del malestar.

Este tipo de fuentes de información evitan la castración pues parecer no tener límite; el saber se vuele producto de la comercialización dentro del capitalismo (Bilbao, 2014). Siempre hay un taller, curso o pdf que comprar con las mejores estrategias para manejar una situación personal hasta que se requiere de una y otra cosa más.

Las redes sociales y plataformas de streaming ofrecen información que encaja con las creencias e ideologías que ya poseen las personas pues los algoritmos almacenan datos sobre patrones de búsquedas previas de modo que los reels y publicaciones que salen como opción se vuelven cada más más cercanas a lo que queremos ver porque nos significa algo (Lack y Rousseau, 2022). Si damos clic en un tipo de contenido que confirma alguna creencia, tendremos más de esa información lo que propiciará que le demos validez y nuestra confianza y credibilidad. Si no fuera veraz, ¿por qué sale tanto? Asimismo, cuando la información contiene datos neurocientíficos que aparentan explicar algún fenómeno, le damos más valor aunque en realidad los datos no son relevantes o reales (Lack y Rousseau, 2022).

Dicho esto, el contenido de estos espacios virtuales califica como Psicología Popular o "Pop". Es decir, aquella que utiliza términos y conceptos psicológicos desactualizados, sobre simplificados o sin

realmente entenderlos. Quienes propagan esta información suelen no tener alguna formación clínica que respalde lo que comunican, pero sí poseen reconocimiento público que fomenta que lleguen a más personas cada vez. Estas personas dan respuestas sencillas que aparentan verdad, facilidad de resolución de conflictos y un manual categórico de cómo hacerlo (Lack y Rousseau, 2022).

Si la tecnología almacena y procesa nuestra información, piensa por nosotros y nos deja sin la necesidad de reflexionar. Jan de Vos (2016) considera que esto propicia un "saber sin sujeto". Disfrutamos entonces saber que la información se encuentra ya en un lugar determinado: las redes sociales y, por ende, hay goce en saber también que ese conocimiento no nos pertenece. Podemos sentirnos motivados y dirigidos por el internet bajo la ilusión de que queremos saber, pero este saber no es fértil; no posee efecto (De Vos, 2016).

No es coincidencia que cada video dure tan poco y eso genere mayor necesidad y una insatisfacción constante. Barthes (1974) menciona que cuando se proporcionan detalles que dejan ver solo una parte de la información completa y no se llega a una conclusión, se mantiene el deseo de seguir buscando un desenlace.

Aunado a esto, la Psicología Popular en forma de auto ayuda plantea la autosuficiencia como un valor que plantea la necesidad de vínculo como debilidad y que fomenta negociar la manera de interactuar en vez de realmente involucrarse con otro (Béjar, 2014). Dicta cómo debe comportarse una persona creando cierta distancia de sí misma para controlar situaciones específicas y generar emociones socialmente

aceptadas (Béjar, 2014). Basta con tomar la decisión de cambiar de actitud, similar a lo que se escucha con la manifestación o el poder de la atracción: basta con pensarlo y desearlo para lograrlo.

La autoayuda parte de la idea de que el consumidor puede identificar de dónde surgen sus problemas por sí solo y le ofrece remedios sistematizados para cuestionar sus valores, conductas y creencias y al mismo tiempo, modificarlos para mejorar su vida. Pareciera ser entonces resultado de las decisiones personales y empodera a buscar el Self auténtico y real mediante el modelo de conducta que el líder carismático o gurú propone (Nehring y Kerrigan, 2018).

Por otro lado, la Psicología Pop de la mano con la inmediatez también propicia la ilusión de una aparente profesionalización en quienes la propagan. Podemos ver en redes sociales un sinfín de cursos cortos y talleres que prometen preparar a una persona para intervenir de alguna manera clínica. Aunque es cierto que muchos abordajes psicoterapéuticos no requieren de una formación extensa y exhaustiva como la psicoanalítica, la preparación de un profesional va más allá de tomar diplomados o cursos que más bien podrían servir de actualización cuando son mostrados por instituciones serias y avaladas.

Los conceptos complejos no son fácilmente comprensibles para personas fuera de las disciplinas psi. Un reto con el que nos enfrentamos es cómo dar a conocer esta información de manera clara, comprensible, pero no sobre simplificada. No hay que olvidar que somos parte de esta misma esfera social que los pacientes y que ellos no tienen por qué saber todo esto, intentan hacer algo con su malestar.

¿Cómo podemos manejar nuestra formación psicoanalítica como millennials, y próximamente generación Z, inmersos en estos fenómenos socio-culturales? Bauman (citado por Béjar, 2014) plantea que las instituciones duraderas fomentan la definición de objetivos y que en la modernidad liquida, los individuos que no se apegan a una institución, viven en soledad sus angustias. He aquí la importancia de nutrir nuestros institutos psicoanalíticos.

Ungar (2015) menciona que el Psicoanálisis surge de un modelo de familia tradicional, y burguesa con una crianza dominante. Me pregunto si debemos también plantearnos nuevas formas de enseñanza, presencia y vinculación para con el candidato del futuro con modelos muy distintos a los previamente establecidos.

Tufekcioglu (2020) nos recuerda que el analista millennial la pasará difícil negociando con el mundo externo cuando éste no se adapta a sus creencias. Valorará que su formación le permita crear su estilo único, encontrar su propia voz y poder usar su juicio para definir cuál es la teoría que le parece más útil. Propone seminarios en los que puedan expresar sus opiniones, dudas y cuestionamientos, aunque en ocasiones, hacerlo los meta en problemas generando en sus docentes posibles interpretaciones de su conducta como resistencias o grandiosidad. También propone que no se puede crear una experiencia de aprendizaje adecuada con el candidato millennial si no se entiende y respeta su cultura, por ejemplo, que contrario a otras generaciones, buscarán establecer su postura analítica desde el inicio y esto podría fomentarse creando seminarios donde se comparen teorías.

Para concluir, considero importante rescatar las cualidades positivas de época, por ejemplo, la creación de textos como "Dear candidate" donde analistas de todo el mundo nos comparten sus perspectivas sobre su formación psicoanalítica y nos recuerdan que es un proceso de incertidumbre donde no cabe la perfección. Qué mejor momento que ahora para practicar el arte de pausar, pensarse, frustrarse y construir.

Referencias

Araujo, M.,et al., (2012). Reflexiones sobre la adolescencia y las funciones parentales en la realidad contemporánea. Aperturas Psicoanalíticas (41).

Barthes, R. (1974). S/Z. Blackwell Publishing.Béjar, H. (2014). Therapeutic Culture and Self-Help Literature: The “Positive Psychology Code”. En T. Landini y F. Dépelteau. (eds.),

Norbert Elías and Empirical Research. Bilbao, R. (2014). Transformaciones sociales y Subjetividad: del malestar de la restricción hacia el mall-estar del exceso. Summa Psicológica UST, 11(1): 7-18.

Frison, R. y Gaudio, R. (2012). De la pulsión epistemofílica a la posibilidad de pensar. IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología. XIX Jornadas de Investigación, VIII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología-Universidad de Buenos Aires.

Lack, C. y Rousseau, J. (2022). Mental Health, Pop Psychology and the Misunderstanding of Clinical Psychology. En G. Asmundson (Ed.), Comprehensive Clinical Psychology. Elsevier (pp. 47-62).

Nehring, D. y Kerrigan, D. (2018). Thin selves: popular psychology and the transnational moral grammar of self-identity. Consumption Markets and Culture. DOI:10.1080/10253866.2018.1516814

Tufekcioglu, S. (2020). The millennial turn in Psychoanalysis. The Psychoanalytic Quarterly. 89(4), 813-830.

Ungar, V. (2015). El oficio del analista y su caja de herramientas: la interpretación revisitada. International Journal of Psychoanalyisis. 1(3), 663-682.

DE LO VIRAL A LO REAL: EL "HYPE" DE LA PSICOLOGÍA POP EN LAS MASAS ACTUALES

Alejandra María Vargas Vázquez

SEGUNDO LUGAR

UN MUNDO CONVULSO: LA INFLUENCIA DE LA INTOLERANCIA Y EL FANATISMO EN EL DESARROLLO DE LAS TEORÍAS PSICOANALÍTICAS Y SU INCIDENCIA EN LAS MODIFICACIONES DEL MÉTODO.

Rosabell Hercilia Rojas [1]

"Debemos afrontar el mal, aunque no podamos generar una teoría que lo explique"

(Gampel, 2021).

La historia de la humanidad parece estar llena de ejemplos de expresiones de fanatismo e intolerancia que han tenido un impacto profundo a nivel social e individual. Desde la invención del psicoanálisis hasta nuestros días, contamos dos guerras mundiales y numerosos conflictos armados posteriores que aún en la actualidad parecieran insistir sintomáticamente[2]; junto a esto, las expresiones de discriminación, xenofobia, fanatismo político y religioso, siguen estando presentes. Tal como expresa Bodner (2021), en diversos ámbitos se evidencian tensiones, conflictos y rivalidades, a las cuales se les atribuyen un inusual componente de odio que se extiende a nivel mundial. En dichas expresiones, se pone en evidencia la manifestación de la intolerancia como un mecanismo narcisista en el que se rechaza lo que se percibe diferente, irrespetándolo, desestimándolo, e incluso en casos extremos, queriéndolo destruir.

---

1 - Analista en formación IUPP – Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU). Miembro OCAL e IPSO. rosabel.rojasr@gmail.com.

2 - Según datos de la BBC, al menos hasta finales de 2023 existían ocho guerras activas en el mundo, siendo las de mayor visibilidad las de Israel – Gaza y la derivada de la invasión rusa en Ucrania.

Lander (2015), expresa que:

> Este fenómeno deja ver una clara rigidez en el pensamiento y en la actitud del sujeto en donde las ideas del ser intolerante son absolutas e inmodificables (…). La intolerancia está específicamente fundamentada en la imposibilidad del ser de mantener la alteridad (p.66).

Lo anteriormente expuesto refiere al hecho de que la intolerancia se encuentra fundamentada en aspectos arcaicos del psiquismo. Pienso en cómo en los bebés desde sus inicios se evidencian signos de intolerancia a la frustración, en una vivencia no discriminada del mundo donde todo aquello que le rodea "forma parte de sí mismo", dándose así una relación de objeto simbiótica, caracterizada por una indiferenciación entre él y el pecho (su madre), donde no hay lugar para la alteridad. Todo aquello es procesado a través de mecanismos de defensa propios de ese momento de la vida, aquellos que asociamos con lo narcisista, en el sentido de las pulsiones que van dirigidas y se satisfacen en el propio individuo.

En ocasiones, en la adultez se dejan entrever aspectos propios de esa etapa de la vida, donde el uso de mecanismos arcaicos se impone con tal fuerza que generan un impacto en la manera en que las personas se pueden relacionar con su entorno. En algunos sujetos, el predominio de mecanismos de índole narcisista pareciera impedir un "sano" desarrollo de las convivencias y el reconocimiento del otro distinto a sí mismo; en la medida que esto se vuelve insoportable, pareciera surgir el odio y con ello un monto importante de destructividad que en ocasiones llega a pasar al acto en forma de agresión directa.

En ese sentido, el fanatismo entra en el terreno de la intolerancia. Lander (2015), plantea que el fanático no discrimina entre sus ideales y la realidad externa que se le ofrece, evidenciándose una dificultad para sostener la alteridad. Esto lleva a la persona a la necesidad de actuar y proceder con la destrucción del otro diferente, en un conflicto que se desata ante la imposibilidad de aceptar las discrepancias, por lo que experimenta a los otros como enemigos que pueden atacarlo. Quizá es por ello que el fanático se "adelanta" a arremeter primero, ya que desde una posición esquizo-paranoide, se vive la diferencia de forma persecutoria y ante la incapacidad de tolerar esta frustración e integrarla como parte de su psiquismo, se expresa por medio de actos violentos que pueden ir desde los niveles más bajos, como la agresión verbal, hasta su máxima expresión como puede ser la aniquilación de los otros.

Cassorla (2019), reflexiona sobre algunos factores que conllevan a las prácticas fanáticas, entre ellas menciona la sensación de fragilidad y amenaza que pueden experimentar algunas personas, grupos o sociedades, la cual se contrarresta adhiriéndose a una creencia "salvadora" que contendría la "verdad única e infalible". En ese sentido, la percepción de la realidad objetiva es sustituida por una creencia absoluta, en donde aquel objeto idealizado que sostiene y resguarda forma parte de la identidad de las personas adeptas a dicha creencia, produciéndose así una falta de diferenciación con respecto a dicho objeto idealizado. Es por ello que en la mente del fanático no hay lugar para la duda, la tolerancia, la culpa, el duelo, la depresión, ni la reparación. Cassorla comenta también que el término "fanático"

cobra sentido cuando se produce un acto violento dirigido a un objeto "traidor", el cual se vive como desprendido del self simbiotizado, es decir, que ya no forma parte del sí mismo, por lo que se produce una sensación de malestar intolerable para el yo, necesitando destruirlo.

Siguiendo a Cassorla (2019), resulta interesante observar cómo el fanático es capaz de distorsionar una realidad de forma convincente para algunas personas de ciertos grupos, pero al mismo tiempo extraña para otros. He ahí la capacidad contagiosa del fanatismo, la cual puede obturar la posibilidad de pensar del observador, el cual correría el riesgo de convertirse en un adepto de la creencia. En ese sentido, el autor menciona que la creencia fanática se puede propagar igual que las enfermedades infecciosas, las cuales afectan a las personas vulnerables. En este caso la vulnerabilidad vendría dada por carencias propias del sujeto, con base en su constitución predominantemente narcisista, (originada en parte por posibles déficits de la presencia estructuradora de las figuras parentales), lo cual haría que estas personas pasaran a buscar parte de esta estructura afuera, bien en una creencia de este tipo o en algún líder fanático que la encarna.

Ahora bien, tomando en consideración que el mismo Freud atravesó situaciones donde la realidad externa hostil y violenta, muchas veces producto del fanatismo, impactaba de forma directa en su realidad psíquica (guerras mundiales, antisemitismo, migración forzosa…), me pregunto: ¿cómo afectó la vivencia de cada una de estas experiencias en la constitución de la teoría psicoanalítica en su fundador?

El psicoanálisis frente al fanatismo y su impacto en la labor analítica.

Es bastante conocida la incidencia que tuvo en el propio Freud el hecho de vivir tiempos muy difíciles como la caída de la Europa que había conocido y dos guerras mundiales en donde justamente el fanatismo, el odio, la intolerancia y la destructividad se hicieron presentes en su máxima expresión. Escritos tales como De guerra y muerte (1915), y ¿Por qué la guerra? (1932) dan cuenta de ello. Asimismo, se conoce que lo que Freud había visto en la Primera Guerra Mundial, en la cual incluso tres de sus hijos participaron de forma directa o indirecta, y la dantesca mortandad que la misma produjo, tuvo un peso importante en su desarrollo teórico sobre el papel destructivo de la pulsión de muerte.

En un intercambio epistolar propuesto por “La Liga de las Naciones”, Freud, responde a Einstein una carta que posteriormente fue conocida como ¿Por qué la guerra? (Freud, 1932/2007), comentando el nexo que existe entre el derecho y la violencia como expresión del poder, aspecto que remite a tiempos muy antiguos de la civilización. Asimismo, plantea el lugar de la repetición sintomática de los conflictos sociales, dándose así la creación de grupos a través de identificaciones secundarias, los cuales comparten sistemas de creencias e ideales, así como también al papel que juega la conjugación de las pulsiones de vida y muerte, en la búsqueda de sus expresiones.

En este intercambio, Freud le da un lugar de importancia al aspecto pulsional que se pone en evidencia en el desarrollo de la guerra. En él expresa que de la acción ligada y contraria de ambas pulsiones surgen los fenómenos de la vida. Pero ¿qué sucede en el desarrollo de la guerra? ¿por qué el ser humano se tienta ante ella? Quizá parte de la respuesta se debe al peso que posee la pulsión de destrucción que se desprende de la pulsión de muerte, dirigiendo un monto importante de agresión hacia un objeto externo, con la finalidad de destruirlo y de esa manera ocupar el lugar del poder o por lo menos ser parte de él. De esta respuesta de Freud, pareciera desprenderse el hecho de considerar casi intrínseca la destructividad como una característica del ser humano que en algunos casos hallaría su manifestación más directa.

Si bien el psicoanálisis ha transitado por diversos momentos históricos, lo cual ha hecho que se repensara la teoría y la técnica, en la actualidad nos seguimos encontrando con realidades que obturan en gran medida la posibilidad de pensamiento. Gracias al desarrollo tecnológico podemos acceder con mayor facilidad a la información y con ello enterarnos en segundos de lo que sucede al otro lado del mundo. Constantemente nos topamos con noticias sobre los diversos conflictos que se libran entre naciones, países que viven en dictaduras, guerras, actos de violencia extrema hacia personas pertenecientes a grupos particulares, así como también podemos dar cuenta del nivel de intolerancia y violencia que transita no solo en el terreno de lo presencial, sino que se da a través de las redes sociales.

Todo esto impacta en la subjetividad de las personas que habitan este mundo que pareciera estallar por partes, produciéndose una sensación de mayor vulnerabilidad y al mismo tiempo la necesidad de mayor reactividad ante un ambiente que puede vivirse hostil. Pienso particularmente en aquellos escenarios dónde la pulsión de muerte se expresa de forma muy directa y sin vacilaciones, como cuando el agresor arremete contra su "enemigo" causando infinidad de daños colaterales. ¿Será posible metabolizar tanto contenido violento y lleno de odio? ¿Es posible pensar y darle sentido a todo aquello que apunta a derrumbar las estructuras externas e internas del individuo?

Los psicoanalistas no estamos exentos al impacto que generan estas situaciones sociales, ya que como personas formamos parte de grupos y comunidades; nuestra identidad no sólo se suscribe al ejercicio del psicoanálisis, sino también a los lugares que habitamos y hemos habitado. Siendo así, ¿cómo se adapta la clínica psicoanalítica a un mundo en constante cambio y cómo podemos mantenernos vigentes en nuestro oficio? ¿Cómo se trabaja cuando la realidad externa se impone en el espacio analítico e irrumpe en el campo, alterando las estructuras del encuadre?

Pensando sobre las posibles implicaciones que puede tener una realidad externa disruptiva en nuestro trabajo, me cuestiono si es posible el sostener una posición analítica tradicional, cuando los mundos tanto del paciente como del analista se encuentran superpuestos[3].

3 - Mundos superpuestos: término desarrollado por Puget y Wender (1982).

Muy probablemente no; quizá estas situaciones nos obliguen a intentar rescatarnos y abordar el sufrimiento de nuestros pacientes, del que no somos ajenos, de otra manera. Para ello, es importante no desmentir la realidad que nos circunda, y en este sentido hacerle un lugar dentro del espacio analítico, en el cual, el sostenimiento del encuadre interno (sobre todo cuando el encuadre externo se ve interferido) podría dar lugar a la posibilidad de trabajo analítico y al despliegue de elementos para el trabajo con el inconsciente, aún si tuviéramos que modificar parcialmente nuestro método para poder sostenerlo.

Cardenal (2024) expresa que, a través de nuestro trabajo, podemos ofrecer un vértice de comprensión sobre los estados emocionales y las posibles defensas que se despliegan en situaciones críticas de intenso terror y pérdidas, brindando un espacio de escucha que se encuentra estrechamente ligado con nuestra propia identidad y a nuestros propios objetos internos, lo cual nos ayuda a contener aquellas vivencias que se experimentan con horror. En ese sentido, pienso que nuestra labor se encuentra unida a la posibilidad creativa de abrir una brecha dónde en conjunto con el paciente, se permita un espacio de palabra, escucha, asociación y generación de pensamientos alrededor de situaciones que pueden ser muy crueles, y a través de ello, proporcionarle a nuestro interlocutor la posibilidad de generar recursos internos que puedan sostener el impacto violento que viene desde afuera. Solo así podremos ayudarlos a rescatarse de los efectos de la violencia la intolerancia y el fanatismo, tal vez sólo así podremos ayudarnos a rescatarnos también a nosotros mismos.

Referencias

Bodner, G. (2021). Reflexiones en torno al odio. Revista Uruguaya de Psicoanálisis (133): 66-79.

Cardenal, M. (2024). Escucha en la línea de fuego. Calibán. Revista Latinoamericana de Psicoanálisis, 22 (1): 131-133.

Cassorla, R. (2019). Fanaticism: Reflections based on phenomena in the analytic field. The International Journal of Psychoanalysis, 100 (6):1338-1357.

Freud, S. (2007). ¿Por qué la guerra? En J. L. Etcheverry (Trad.), Obras

Gampel, Y. (2021). La supervivencia de las luciérnagas ¿es lo inactual de la practica psicoanalítica? En Encuentros de Psicoanalista de Lengua Castellana 2012 -2020. Psimática - APM.

Lander, R. (2015). Tetralogía de la maldad. Editorial Psicoanalítica.

Puget, J. y Wender, L. (1982). Analista y paciente en mundos superpuestos. Psicoanálisis, 4 (3): 503- 522.

Senra, R. (23 de noviembre de 2023). Qué otras guerras hay ahora en el mundo (además de Gaza y Ucrania) y cuáles son los efectos colaterales de que atraigan menos atención. BBC News Mundo. https://www.bbc.com/mundo/articles/cprpn7re7dxo.

UN MUNDO CONVULSO: LA INFLUENCIA DE LA INTOLERANCIA Y EL FANATISMO EN EL DESARROLLO DE LAS TEORÍAS PSICOANALÍTICAS Y SU INCIDENCIA EN LAS MODIFICACIONES DEL MÉTODO.

Rosabell Hercilia Rojas

TERCER LUGAR

La potencia de la desobediencia. Narrativas de memorias desobedientes

Carola Godoy [1]

"¿Qué hay entre el grito y el silencio?
Trabajar con lo que conmueve hasta el hueso.
«Discriminarse de la alucinación y crear el intervalo entre el horror y su reflexión.Me parece un lugar posible para el psicoanálisis […]"
(Marcelo Viñar, 1998, p. 65)

El movimiento Historias Desobedientes[2], su historia y la de sus integrantes, me ha conmovido desde sus inicios por su efecto disruptivo. Se trata de un colectivo vinculado a los DDHH en Argentina, integrado por hijos, hijas y familiares de militares juzgados por crímenes de lesa humanidad, en el marco de la última dictadura cívico-militar argentina. Lo ubico como una oportunidad para la revisión de diversas temáticas interpelantes y convocantes. En psicoanálisis habilita a reflexionar sobre la traumática transgeneracional en segunda y tercera generación.

Muchos psicoanalistas han dedicado parte de sus teorizaciones a la transmisión transgeneracional y toman como antecedentes los estudios teórico-clínicos sobre los efectos en la segunda y tercera generación de las guerras mundiales. Catástrofes del siglo XX que, lamentablemente —en otros ropajes—, se perpetúan en el siglo XXI. Dicha problemática

---

1 -Asociación Psicoanalítica de Uruguay
2- Historias Desobedientes y con Faltas de Ortografía nace en el 2017. Es un colectivo que sale a la vía pública cuando se intenta reducir los años de pena con la ley conocida como el 2 x 1. Estos familiares protestan contra dicho proyecto, sumándose a las organizaciones de DDHH por «Memoria, Verdad y Justicia».

nos ubica en temas de violencia social y su afectación psíquica tanto personal, familiar como colectiva.

Como psicoanalistas la labor y aporte sería intentar, en la escucha, pesquisar qué sucede con estos efectos. ¿Actúan como destino?, ¿cómo repetición?, ¿síntoma? ¿Se manifiestan como lo impensado o en otro tipo de inscripción? Me animan las interrogantes referidas al destino y a los destinos, cuando, como sociedad, se juegan momentos de extremo individualismo y destructividad desatadas (Gerson, 2016)[3].

Parto de la idea de relevancia de la realidad social en el trabajo clínico abordada por Marcelo Viñar cuando analiza los efectos de la violencia del Estado referido a la dictadura en Uruguay (1998)[4]. Señala que son los sobrevivientes quienes tienen la tarea de elaborar (de ser posible) los duelos, siendo responsables de la inscripción histórica del horror. Los colectivos de Historias Desobedientes toman algo de esta posta, intentando dar inscripción histórica y simbólica al horror.

Desde otra perspectiva, Haydée Faimberg, en sus trabajos sobre «telescopaje»[5], analiza algunos de los efectos de la traumática generacional en la clínica. Algo que se presenta muchas veces de forma casi incomprensible y nada fácil de discernir y pesquisar. Algo que aparece en huellas de lo que el otro, antecesor, silencia. También Abraham y Torok (1987) nos advierten de «la tópica de la cripta y el fantasma» como han denominado a la transmisión de los secretos.

3- Samuel Gerson, psicoanalista norteamericano, se pregunta ¿qué hay entre el grito y el silencio?

4- En este texto Viñar analiza de manera impecable una toma de posición importante planteando una experiencia analítica que subvierte las relaciones del llamado adentro- afuera.

5- El telescopaje entre generaciones es un tipo de identificación que condensa tres generaciones. Faimberg la define como alienante porque es portadora de una historia que le pertenece a otro, complejizando el acceso a la propia identidad y a la propia historización.

Plantean que no son los propios muertos los que vienen a obsesionar a la descendencia, sino las lagunas dejadas por el secreto de otros. Esa realidad denegada, silenciada, innominada, tiene un estatus concreto para el psiquismo.

No es un inexistente, pero sí nos advierte del peligro de la continuidad tanática (en Werba, 2002). Alejandra, hija de un condenado por delitos como jefe de operativos de la ESMA[6], narra que de niña desconfiaba de su padre y se encuentra con una foto escondida en su placar con otros miliares con nombres y alias:

> Yo siempre desconfiaba de mi padre […] como si algo no cerrara. […] Y entonces apareció su foto. Yo era una enana, pero ese día lo esperé. ¡Vos mataste personas!, le dije. Y creo que desde ese momento algo se rompió […]. Durante años tuve problemas de salud. Me enfermé muy mal. Estuve como doscientos días internada por una enfermedad autoinmune, como si mi cuerpo rechazara mi propia sangre. (en Guglielmucci, 2020, p. 31)

6 - ESMA: Escuela de Mecánica de la Armada.

I. «Desear desobedecer» [7]

«¿Qué harías tú, lector, lectora, si en algún momento de tu vida descubrieras que eres hijo o hija de un torturador?»
(Verónica Estay, Desobedencia de vida, 2022, p. 5)[8]

Estos hijos desobedientes ponen en la palestra pública *su desobediencia de-vida* en oposición a la obediencia debida. ¿Qué queda silenciado? ¿Qué no se puede nominar? ¿Qué queda sin narrativa? Parte de la obediencia se relaciona con el silencio y el silenciamiento. Se cuestiona el mandato consciente, racional e ideológico de silenciar, así como el mandato militar de pacto del silencio. El mutismo de lo no dicho en las historias íntimas, con el posicionamiento político militar de silencio acerca de los acontecimientos del pasado reciente. Estos colectivos alzan una voz y lo hacen audible.

La primera desobediencia es no aceptar la versión de la historia familiar en relación con la situación histórico-política que les tocó vivir. Sus progenitores decidieron no hablar de los crímenes de lesa humanidad, no dar respuesta a los familiares de las víctimas. Mueren en el goce del horror de otros.

Me pregunto: ¿esta desobediencia no tendrá que ver con un deseo que puja por la no repetición mortífera?, ¿por la búsqueda de inscripción de una ley social que sus padres transgredieron? Pelento y Braun (1991) plantean que en las experiencias de terrorismo de Estado se busca «matar la muerte»; paradigma de este postulado es el desaparecido[9].

7- Nombre del libro de Didi-Huberman: Desear Desobedecer. Lo que nos levanta, 1.
8- Publicación titulada Desobediencia de vida es fruto de talleres literarios realizados en 2020 y 2021 entre hijos desobedientes de Argentina, Chile, Brasil, Uruguay, Paraguay, El Salvador y España.
9- En Argentina el número de detenidos-desaparecidos asciende a 30.000.

Didi-Huberman (2020) en su profunda y prolífica obra sobre el deseo de desobedecer, toma la idea de **potencia** y la de **movimiento.** Sujetos con capacidad de crear realidad nueva. Tomando a Freud plantea una dialéctica "entre el lamento en sentido estricto y el acto de plantear la queja, es decir, pasión sufrida y la pasión de actuar, de actuar contra" (p. 16), que me resulta sumamente clínica.

Estos hijos aceptan un *saber sobre el horror,* cuestionan el pacto de silencio y obediencia familiar. ¿Acaso para huir de la desmentida y de la negación? Al llevar las preguntas al terreno del compromiso ético social, interpelan, haciéndonos pensar en la complicidad de la indiferencia. Resonancias que recuerdan al planteo de «banalidad del mal» de Hanna Arendt, a partir del juicio a Eichmann (1963).

Apelaré a la noción de terceridad viva y de testigo activo que propone Gerson, en oposición a la idea de un «tercero muerto». Nos plantea la tarea de evitar la negación en épocas de destructividad no contenida. Dirá:

> ¿Qué puede existir entre el grito y el silencio? Primero que nada esperamos que pueda haber un testigo, otro que pueda pararse al lado de ese evento y que le interese escuchar; otro que sea capaz de contener aquello que es oído y sea capaz de imaginar lo insoportable; otro que esté en posición de confirmar tanto nuestra realidad externa como nuestra realidad psíquica y, por lo tanto, que nos ayude a integrar y a vivir dentro del campo de nuestra experiencia (2016, p. 1)

Gerson toma el concepto de *madre muerta* de Green y plantea que esta idea puede trascender lo singular materno y lo hace extensible a los ámbitos de la ausencia de provisión de cuidados, de ausencia de la vitalidad, como la pérdida traumática de objeto bueno a cualquier edad. En estas catástrofes sociales el mundo se transforma en una madre muerta tornándose así un espacio de tercero muerto. ¿Cómo será vivir con y a través del *tercer muerto*? ¿Atravesado por una terceridad muerta? Sería un vivir en el fracaso del otro. Estos familiares desobedientes deben lidiar con la herencia fantasmática del tercero muerto[10].

Los familiares se resisten a validar cierta versión de la «foto familiar» para leer entre líneas, para ir más allá reparando en lo no dicho. Se preguntan: ¿qué hacía papá?, ¿a qué se dedicaba?, ¿por qué lo acusan de asesino? Parisi (Biblioteca Nacional Mariano Moreno [BNMM], 2023) plantea un yo histórico- social, como una hibridez entre sensibilidad histórica-política y reconstrucción yoica. Trascienden la vida familiar-militar y preguntan por la realidad de su país, de su ciudad y la de otras familias.

> «Seguir a pesar de todo con las alas rotas acomodando las partes sanas. Caminando firme en silencio a gritos […] (María del Pilar Funes, Desobediencia de vida, 2022, p. 53)

No ha dejado de sorprenderme desde que este colectivo ha virado hacia la vida pública, el movimiento psíquico, íntimo, nada sencillo

10- Gerson ejemplificará los efectos del tercero muerto con el poema de Primo Levi (1981).

de transitar por estas subjetividades. Tránsito por territorialidades internas y laberintos psíquicos complejos. Estos que se pueblan de interrogantes incisivas, dolorosas, implacables como la vergüenza,

el rechazo, la culpa, el dolor, la desfiliación. Dolor y rabia ante el legado paterno y culpa del dolor ajeno. Estos procesos han captado mi reflexión. Con los juicios aparece *otra verdad, otro saber* que impactará. Dando cuenta de este proceso, muchos refieren a la negación inicial, el descreer de lo sucedido y filiar con el silencio familiar. Hasta que algo del orden de cierta fractura aparece. En principio con el padre, luego con la familia militar, el *clan* militar.

Todos poseemos vínculos familiares pautados por determinantes sanguíneos, en algunos casos legales, de filiación, afectivos, y una herencia simbólica. ¿Pero qué sucede cuando la filiación está en tela de juicio? ¿Qué hacer con las vivencias de desamparo que aparecen?

II. «Me rebelo, luego somos»[11]

Intentaré hacer una breve reseña de algunos procesos que, a mi parecer, transitan estos hijos, en su proceso entre la desobediencia y la reconstrucción.

En primer lugar, el rechazo y lo que ellos llaman el *más acá de la desobediencia*, el hurgar en la historia propia. ¿Cuál es el peso del origen y de la filiación? ¿Cuál es su herencia simbólica? Deciden renegar

11 - Albert Camus, El hombre rebelde, 1951.

íntima y públicamente de ese origen. Algunos hasta legalmente. Con el rechazo, enojo y odio que trae la posibilidad de discriminación. Analía:

> Y cuando te mueras voy a escupir en tu tumba. Por la tumba de los que no tienen tumba. Porque te vas a morir y con vos va a morir la posibilidad de saber. […] Maldigo tu silencio y tu falta de amor (en Estay Stange, 2022, p. 119).

En segundo lugar, desafiliación afectiva, que ha llegado a desvinculación político-ideológica y hasta legal de sus progenitores. Algunos se denominan «ex hijos». Rita[12] solicita a la justicia argentina el cambio de apellido:

> …soy la hija de un torturador. Por eso quiero cambiarme el apellido. Quiero terminar con este linaje de muertes porque no acepto ser la heredera de todo ese horror. Los apellidos son símbolos y el mío es uno muy oscuro, lleno de sangre y dolor. (en Guglielmucci, 2020, p. 20)

Mariana realiza la misma solicitud años después:

> Debiendo verme confrontada en mi historia casi constantemente y no por propia elección al linde y al deslinde que diferentes personas, con ideas contrarias o no a su accionar horroroso y siniestro pudieran hacer sobre mi persona, como si fuese yo un apéndice de mi padre y no un sujeto único, autónomo e irrepetible, descentrándome de mi verdadera posición, que es palmariamente contraria a la de ese progenitor y sus acciones […] a causa de acarrear el apellido que solicito sea suprimido […] sinónimo de vergüenza y de horror, ajeno a la constitución de mi persona» (en Guglielmucci, 2020, p. 21).

12- Rita Vagliatti solicita en 2005 el cambio de apellido y la justicia se lo otorga en 2007. Este fallo judicial fue un antecedente jurídico tomado por Mariana Dopazo, quien en 2014 realiza un pedido similar y en 2016 la justicia acepta su cambio de apellido.

Erika[13] toma un camino diferente: «hacerme cargo de la mierda que me tocó» y ha declarado contra su padre por los vuelos de la muerte (en Guglielmucci, 2020, p. 21). ¿Acaso al amparo de la ley jurídica de un Estado democrático, amparado en ciertos acuerdos sociales, se acercan a una ley paterna menos mortífera? Algo del orden del *tercero vivo*.

En un tercer momento, pienso en la resimbolización. Este es su acto de *subversión*, al no aceptar *su-versión* de la historia. Ser insubordinados ante el mandato de silencio. Camino que han recorrido en intimidad y en grupos tanto de índole política como terapéutica. Lo que llamarán el «más allá de la desobediencia». La búsqueda de la re-construcción de una identidad propia (Baranger, Goldstein y Zak, 1997)[14].

Para finalizar citaré a Didi-Huberman acerca de la potencia de hacer otra cosa. Dirá:

> ¿Qué es rechazar? No es solamente no hacer […]. No se rechaza un cierto modo de existencia optando simplemente por no existir. No se rechaza verdaderamente sino decidiendo existir y hacer otra cosa. Mientras que algunos piensan rechazar contentándose con no hacer, retirando —y enseguida menguando— su potencia, otros corren el riesgo de exponer su rechazo hasta la puesta en potencia de otro hacer […], hacer algo en el espacio público a pesar de todo. (2020, p. 125)

13. Erika Lerderer es hija de Ricardo Lerderer, segundo jefe de la maternidad clandestina del Hospital de Millitar de Campo de Mayo durante la dictadura argentina, quien se quitó la vida antes de ser condenado por crímenes de lesa humanidad.
14. Estos autores referencian el duro proceso de desidentificaciones necesario.

Referencias

Arendt, H. (1963). Eichmann en Jerusalén. Un estudio sobre la banalidad del mal. Lumen.

Baranger, W., Goldstein, N., & Zak de Goldstein, R. (1994). Artesanías psicoanalíticas. Kargieman.

Biblioteca Nacional Mariano Moreno. (2023). Presentación del libro Desobediencia de vida. Familiares de genocidas por la Memoria, la Verdad y la Justicia [Video]. https://www.youtube.com/watch?v=KVNQuGywqX4

Braun, J., & Pelento, M. L. (1991). Las vicisitudes de la pulsión de saber en ciertos duelos especiales. En J. Puget & R. Kaës (Comps.), Violencia de Estado y psicoanálisis (pp. 91-106). Lumen.

Didi-Huberman, G. (2020). Desear desobedecer. Lo que nos levanta,1. Abada.

Estay Stange, V. E. (2022). Desobediencia de vida: Familiares de genocidas por la Memoria, la Verdad y la Justicia. Chirimbote.

Faimberg, H., Kaës, R., & Puget, J. (1993). El telescopaje [encaje] de las generaciones (acerca de la genealogía de ciertas identificaciones). En Trasmisión de la vida psíquica entre generaciones. Amorrortu.

Gerson, S. (2016). Memoria, duelo y ser testigo después del Holocausto. Trabajo presentado en el IX Congreso: Asociación Psicoanalítica del Uruguay, Montevideo.

Guglielmucci, A. (2020). Historias Desobedientes. Memorias de hijos y nietos de perpetradores de crímenes de lesa humanidad en Argentina. Revista Colombiana de Antropología, 56(1). https://doi.org/10.22380/2539472X.1045

Hobsbawm, E. (1998). Historia del siglo XX. Crítica.

Puget, J. (1991). Violencia social y psicoanálisis. De lo ajeno estructurante a lo ajeno-ajenizante. En R. Kaës & J. Puget (Comps.), Violencia de Estado y psicoanálisis (pp. 25-56). Centro Editor de América Latina.

Viñar, M. (1991). Violencia social y realidad en psicoanálisis. En J. Puget & R. Kaës (Comps.), Violencia de Estado y psicoanálisis (pp. 57-76). Lumen.

Werba de Siniavsky, A. (2002). Transmisión entre generaciones. Los secretos y los duelos ancestrales. Psicoanálisis: 295-313.

INVITADOS CONGRESO

La formación psicoanalítica. Entre pérdidas y ataques al continente

José Daniel Aguilar P.

Antes de iniciar la presentación, debo decir que es todo un honor para mí encontrarme en esta mesa con otros analistas en formación, compartiendo ideas y experiencias en el marco de este congreso de FEPAL OCAL, en esta bella ciudad que hoy nos recibe. Quisiera dar las gracias a la directiva de OCAL por esta iniciativa y el apoyo a todos los candidatos.

En el presente trabajo tengo la intención de mostrar algunas ideas que he podido recoger en mi tránsito por la formación psicoanalítica, atravesando circunstancias de país muy particulares, invitándonos a cuestionar qué tantas de estas condiciones operan como fenómenos disruptivos, o no, en la formación.

Para comprender bien el complejo fenómeno que estamos atravesando los venezolanos, es necesario hacer un breve recorrido por la historia. Observar la historia del país, así como la de nuestros pacientes, ayuda a comprender el devenir de los sucesos actuales. Para realizar esto, tratemos de hacer un esfuerzo de intentar conservar la neutralidad y abstinencia de juicios, recordando que, atravesados por el malestar y el dolor, es muy fácil recurrir a una identificación ya sea con las víctimas o los victimarios.

Quiero hacer énfasis en que, lo que comento a continuación, está desvinculado de cualquier posición política partidista. Aunque entiendo que la política no nos es completamente ajena desde la máxima aristotélica que concibe al hombre como “animal político”.

Venezuela, al igual que la mayoría de los países en Latinoamérica, ha sido un país atravesado por conflictos desde su nacimiento. Como señala Ana Teresa Torres (2009) al inicio de su libro, La herencia de la tribu: “Hay pasados que no terminan de irse; el pasado venezolano es uno de ellos. La gloria de la independencia, siempre dominante en nuestro imaginario, extiende su sombra de presente perpetuo”.

Al promover la independencia y romper lazos con la corona española, las labores emancipadoras de Bolívar, San Martín y otros proceres, parece que quedaron tatuadas en la psique más profunda de todos los sudamericanos, asentando así mitos de liberación, de fuerza, de omnipotencia e independencia que pueblan nuestra mente y que tienden a revivirse eventualmente como parte del retorno de los reprimido, promoviendo identificaciones colectivas. “Cuando un líder consigue hacer creíble ese mensaje, el pueblo le atribuye cualidades excepcionales: la ingenua fe popular, casi religiosa, lo inviste de carisma (el óleo ritual de las consagraciones)” (Monteveccio, et. al, 1989). De esta forma se inscribe el mito del líder mesiánico y/o el caudillo como fenómeno social y quedan, posiblemente, asentadas las bases para los fenómenos de fanatismo político y religioso que hoy en día son frecuentes.

Para comprender este fenómeno desde la perspectiva psicoanalítica, numerosos autores han planteado diferentes vías de acceso, pero creo que una particularmente resaltante son las ideas de Faimberg (1985), sobre el "telescopaje de las generaciones". Desde esta propuesta, las identificaciones narcisistas como las aspiraciones de este líder mesiánico y omnipotente quedan incluidas y transmitidas entre generaciones. Así se explicaría la tendencia a que aparezcan, de vez en cuando, caudillos y libertadores en nuestra historia.

Algunos filósofos, historiadores y periodistas, sugieren que el surgimiento de Chávez obedece en parte a ese eco en nuestra psique y, además, la coincidencia con un periodo de necesidad económica y social. Recordemos que, para finales de la década de los noventa, la "Venezuela saudita" de la década de los cincuenta y sesenta había dejado de existir y las clases sociales se diferenciaban mucho más, la realidad golpea y el pensamiento mágico y esperanzador cobra fuerza. Todo esto fue el caldo de cultivo para que el fanatismo, las luchas revolucionarias, las idealizaciones mesiánicas y en último grado, el ejercicio de la omnipotencia por el poder del estado, hicieran su

aparición. La intolerancia y los actos de violencia surgen, con fuerza inesperada, frente a la realidad de una Venezuela frágil y desilusionada.

Extenderme en profundidad sobre el contexto histórico y político excede los intereses de este trabajo, pero podemos rescatar que, desde el inicio de la década del 2000, un fenómeno recurrente fue la migración. Los primero en migrar fueron aquellos que posiblemente pudieron atisbar las calamidades que se avecinaban, en su mayoría personas de clase alta y media que podían elegir, con relativas

comodidades, un nuevo lugar para echar raíces, esta primera ola no fue una migración desesperada, pero si en incertidumbre como toda migración lo es.

Durante este periodo algunos analistas de nuestro grupo (SPC) también eligieron migrar, aunque conservaron el compromiso con la sociedad y el psicoanálisis. Con la ayuda de internet, era mucho más fácil continuar en comunicaciones y sostener los lazos, aunque para entonces, poco estábamos acostumbrados a sostener la función analítica a través de una pantalla.

En este punto es necesario subrayar que creo que esta primera gran ola migratoria, la fuga de cerebros y talentos venezolanos, puede ser considerada una primera gran pérdida para el país, para la sociedad en general y, en efecto, para el instituto de nuestra sociedad psicoanalítica. A pesar de la perdida, la formación psicoanalítica en Venezuela continuó en marcha.

Entre el 2015 y 2017 la condición socioeconómica del país se agravó. Reinó el caos, las protestas públicas fueron crecientes. No todas fueron manifestaciones pacíficas, hubo daño a establecimientos, perdidas de comerciantes y perjuicios a los bienes públicos, como respuesta surge la represión, que se justificada en considerar las protestas como actos vandálicos y de “terrorismo”.

Como en un sistema psíquico individual, frente a esas mociones destructivas, que eclosionaban por el dolor y la frustración social y económicas acumulados, surgía la represión como forma de contener

y aminorar la expresión de la hostilidad, pero esta represión era de forma desproporcionada, drástica y casi omnipotente. Varios venezolanos perdieron la vida por efecto de la represión. La intolerancia a la disidencia, como fenómeno social, volvía a cobrar presencia. Acá surgen varias preguntas: ¿esta represión e intolerancia estaba ya cimentada por efecto del fanatismo sembrado unas décadas atrás? ¿Qué mecanismos mentales impulsan a los que hacen caso a la orden del líder mesiánico, aun desoyendo sus propios valores éticos y morales? ¿es exclusivamente una cuestión de coalescencia e identificaciones con los valores y objetivos del líder, o acá tiene predominio un elemento de coacción social por alianzas y reforzamientos? Creo que podríamos decir que Venezuela se había sumido en una organización en supuesto básico de ataque - fuga según Bion (1979). Las ansiedades paranoides eran reforzadas desde ambos bandos políticos.

En este punto, considero importante compartir lo que ocurrió en relación con la formación psicoanalítica en nuestro instituto. Entre el 2013 y el 2016, estaban realizando la formación el penúltimo grupo de candidatos de nuestra sociedad. En una pequeña entrevista con algunos analistas de este grupo, me comentan que, por la situación de crisis del país y las protestas constantes (donde algunas calles y avenidas principales eran cerradas), se tuvo que recurrir a muchas estrategias que implicaban modificaciones importantes para sostener la formación. Tuvieron que asistir a los seminarios y supervisiones en forma presencial en casa de algunos analistas. Algunos seminarios se tuvieron que realizar los fines de semana o de forma condensada y consecutiva, lo que potenciaba la dificultad y el cansancio. Se puede

decir que, bajo esas circunstancias sociales, sostener el encuadre con un paciente oficial de 3 veces a la semana, se volvió una tarea casi heroica.

Al grupo más reciente de egresados en nuestra formación, quienes iniciaron en el 2016 hasta apropiadamente el 2023, les tocó una suerte similar. Algunos desafíos a los que se tuvieron que enfrentar fueron la hiperinflación que rondaba el 130.060% en 2018 y la escasez de productos y servicios. El dólar empezó su curso popular, aunque nunca se admitió como moneda oficial. Las sesiones tenían un precio aproximado de $2 a $5 dólares. Algunos candidatos tuvieron la suerte de acceder a los créditos IPA, que ayudaban y siguen apoyando la formación psicoanalítica bajo circunstancias económicas especiales. Por otro lado, la lista de analistas en el país era muy restringida y, a pesar de que ya tenían más experiencia atendiendo a pacientes de forma virtual (dada la migración extensa de los últimos años), las normativas vigentes no admitían las supervisiones ni seminarios online. Bajo este contexto, nuestro instituto no podía albergar a más de dos grupos en formación a la vez.

Tomando en cuenta lo antes dicho, se puede entender que el consultorio, el analista y el "encuadre como continente" (Echegoyen, 1986) estaban siendo "atacados", no solo por las fuerzas internas al paciente que luchan por sostener su proceder sintomático, sino por el contexto del país. Acá utilizo deliberadamente la palabra "ataque" para subrayar las intensas angustia paranoides y persecutorias que movilizan y despiertan todos los hechos relatados.

No quiero ser pesimista, pero sumado a todo este panorama, para el final del 2019 e inicios del 2020, se cierne sobre todo el mundo una crisis global, el COVID-19. Esto nos obliga a aislarnos aún más pero también nos empuja a buscar soluciones y flexibilizaciones para sostener nuestro oficio, el análisis y el encuadre. IPA opta por hacer varios ajustes en sus normativas y se aceptaron los análisis, seminarios y trabajos analíticos en línea. Esto nos permitió recuperar el acompañamiento de muchos analistas titulares y en función didacta que habían migrado, pero que no habían podido apoyar en la formación.

El más reciente grupo de formación de nuestro instituto, del que formo parte, inició las actividades a finales del 2020. Todos los primeros encuentros fueron online, desde las entrevistas de selección, los seminarios y las supervisiones. Un poco más de la mitad de los analistas de la sociedad estaba fuera del país, y los analistas didactas en el país decidieron realizar las sesiones analíticas y de supervisión de forma online para resguardarse de la enfermedad de COVID. Fue así hasta inicios del 2023 cuando se retoma “cierta normalidad” de la formación. Yo también empecé de nuevo ver a mis pacientes de forma presencial y asistir a supervisión didáctica y mis sesiones de análisis personal.

En todo momento tuvimos que optar por la flexibilidad, tanto en la forma como nos encontramos (presencial o virtual), haciendo ajuste en los honorarios y llegando a acuerdos económicos para sostener las sesiones y el trabajo analítico. Pero, por otro lado, haciendo un esfuerzo por desarrollar, integrar y sostener el “marco intersubjetivo e interactivo” que nos permite trabajar, el “encuadre interno”, como lo

plantea Alizade (1999). Creo que este sostén de la función analítica con el que nos identificamos es lo que nos ha permitido seguir adelante, pero muchas veces es puesto a prueba de forma severa, como ocurrió hace poco.

Dada la celebración de las elecciones presidenciales, realizadas el 28 de julio, se han vuelto a erigir las banderas del conflicto y la incertidumbre. Como todos saben, hubo múltiples versiones de los resultados, la oposición revela las actas y da por vencedor a su candidato, el oficialismo también lo hace. Ambos bandos se atribuyen la gloria y se atacan mutuamente desprestigiándose. Nuevamente es atacada la confianza en las instituciones venezolanas como garantes de la paz y el orden, el sentimiento de desconcierto, desprotección y vulnerabilidad se hace patente nuevamente.

A la mañana siguiente, lunes 29, yo no sabía si esperar a mi primera paciente o no. Lo que había sucedido era tan importante para mi que me sentí bastante desajustado. Eran las 8:00 a.m., la ciudad estaba en calma. Parecía un primero de enero, pero mucho más silencioso. Desde la ventana no se veía ni un solo automóvil en la autopista. La paciente me llama a la hora que teníamos acordado. Pudimos realizar la sesión completa por llamada telefónica, el internet estaba teniendo grandes interferencias. Toda la sesión estaba poblada por los relatos de malestar por las elecciones.

VbP: “sentí que a media noche me dieron una cachetada y me dolía el pecho”, “todo sabíamos que esto iba a pasar, pero yo tenía cierta esperanza”, “ahora si es verdad que dan ganas de irse”.

Todos esos pensamientos también eran los míos. Lo primero que descubrí en mí es que me era muy difícil mantener la neutralidad y abstinencia. Yo también estaba dolido, frustrado y con mucha incertidumbre. Traté de hacer un esfuerzo para diferenciarme de la paciente y poder escuchar su subjetividad a través de la lluvia de ideas y emociones similares a las mías. Así, siguieron las horas del lunes y con cada paciente se repetía la misma sensación.

En la medida que fueron pasando los días, y viendo cómo se avivaban las protestas en la ciudad, decido cancelar las sesiones presenciales. Mi consultorio se encuentra muy cerca de uno de los centros más populares para concentraciones de la oposición. Me parece peligrosos exponer a los pacientes, y a mí mismo, a la posibilidad de toparnos con una protesta y la incertidumbre de si pudiéramos llegar o no al consultorio. Para mi sorpresa, la mayoría de los pacientes asisten de forma online. Solo dos no pudieron hacer el cambio a telesesiones y a dos más se les “olvido” la sesión, aun cuando les había escrito que estaríamos solo en sesiones por videollamada esa semana. Tanto ellos como yo estamos luchando para sostener el espacio analítico atravesados por los conflictos sociales.

Una paciente me dice que estaba muy preocupada por un viaje de migración que ya tenia programado. En la sesión de esa semana, las angustias depresivas por las pérdidas anticipadas por la migración eran sustituidas por la preocupación por el control omnipotente del Estado. Me comenta que esto le recuerda “al gran hermano que vigila cada paso y poco a poco te deja sin palabras” de la novela 1984 de George Orwell. Otra paciente me muestra su preocupación por

el trabajo en una institución pública, ya que ha habido despidos a personas de quienes se confirme, o se sospeche, su participación en las protestas.

Todo este contexto político, económico y social, me hace pensar que mi grupo y yo estamos atravesando la formación psicoanalítica a través de diferentes movimientos externos e internos. Todos estamos en esa lucha triple que planteaba Freud (1923), en los vasallajes del yo. Todos estamos tratando de sostener el deseo de aprender y promover el psicoanálisis, entre las exigencias de la realidad, por un lado, de tener que buscar espacios y conservar el deseo de realizar sesiones a pesar de la disminución de la calidad de vida, la capacidad de ahorro, la falta de luz eléctrica y relativa escasez de productos y medicamentos. Y, por otro lado, aparecen las exigencias formales de nuestros institutos, como cantidad de horas de supervisión de pacientes oficiales, porcentaje de sesiones presenciales, costo de honorarios para los pacientes y los supervisores. Todo esto pareciera que vuelve cuesta arriba la formación psicoanalítica, sin embargo, doy fe de que los candidatos y los analistas de mi país realizamos un esfuerzo por conservar el amor por el conocimiento psicoanalítico, abriendo espacios para atesorar el que hacer psicoanalítico y sostener la capacidad para pensar entre pérdidas y ataques al continente que representa la sesión psicoanalítica.

Referencias:

Alizade, A. M. (1999). El encuadre interno. Revista Zona erógena 41.

Bion, R. (1979). Experiencias en Grupos. Paidós.

Etchegoyen, H. (1986): Fundamentos de la técnica psicoanalítica. Amorrortu.

Faimberg, H. (1985). Transmisión de la vida psíquica entre generaciones. Amorrortu.

Freud, S. (1923). El yo y el ello. En S. Freud, Obras Completas Vol. XIX. Amorrortu.

Montevechio, B; Rosenthal, G; Smulever, M; Yampwy, N. (1989). El mito del liderazgo mesiánico: el caudillo en América Latina. Sociedad Peruana de Psicoanálisis, pp.103-104.

Torres, A. (2009). La herencia de la tribu. Editorial Alfa.

A FORMAÇÃO PSICANALÍTICA DURANTE A DITADURA

Ney Marinho

(SBPRJ, FEPAL 2024)

I. Agradecimento

Aproveito este honroso convite para nosso breve e significativo encontro para entrar logo no tema. Seria inconcebível que na longa noite da ditadura brasileira (1964-85) fosse possível que uma militante do movimento negro fosse Presidente da FEPAL, por mais qualificada para o cargo como é o caso de Wania Cidade, que um declarado comunista e pacifista fosse convidado para abrir um encontro como este e, mais ainda, convidado por uma bolsista afrodescendente como nossa querida aluna Larissa Albertino.

Esclareço: naquela época o movimento negro não tinha força suficiente, os intelectuais de esquerda sofriam uma perseguição feroz e ... o programa de cotas, bolsas, ou algo do gênero, não era sequer pensado, exceto por algum exótico sonhador. Mas, vamos à História sem a qual será muito difícil compreender o que se passou na América Latina e na Psicanálise, em particular – tanto no pensamento teórico, como em sua inserção no establishment psicanalítico (as Sociedades e Institutos de Psicanálise). Vou me restringir aos anos 70 e à experiência brasileira, a qual vivi intensamente.

II. Contexto histórico. Origens da ditadura brasileira e a guerra fría.

As classes dominantes brasileiras têm sua origem no latifúndio e na escravidão, devido às amplas dimensões das propriedades – inicialmente doadas pela coroa portuguesa – e às necessidades de suas culturas (cana de açúcar, café e gado). O filósofo camaronês – Achille Mbembe – propõe, com pertinência, que tais estruturas – como a *plantation* (sistema semelhante usado por outros colonizadores) – produz relações de *inimizade*[1]. Por séculos, e até hoje, foi natural haver cidadãos de primeira classe, segunda ou outras categorias. Quando entrei na Faculdade Nacional de Medicina, em 1962, numa turma de 180 alunos, havia um negro (filho de diplomata africano!), 10 mulheres e éramos o 1% do 1% dos jovens que alcançavam a universidade. A União Nacional dos Estudantes (UNE), dirigida na época por jovens comunistas e socialistas, eleitos democraticamente, não se conformava com esse estado de coisas e através de seu Centro Popular de Cultura (CPC) fez o Auto dos 99% - peça de teatro itinerante criativa e bem- humorada – que percorria as faculdades denunciando este estado de exclusão. Por este e outros motivos, seu prédio foi queimado, seus líderes cruelmente perseguidos – muitos exilaram-se, particularmente no Chile, ou, no mundo socialista (Polonia, por exemplo) – e foi colocada na ilegalidade com a instalação da ditadura através do golpe militar de 1964. Contudo, essa liderança estudantil, da qual fiz parte, representava uma pequena porção dos estudantes

1. Ver o trabalho que apresentaremos – Fernanda e eu – numa mesa juntamente com colegas do Paraguai (Marisol Bedoya) e do Uruguai (Laura Verissimo): Fanatismo, Inimizade, Amizade e Realidade Psíquica.

que eram, em sua maioria, alienados (termo da época) das graves questões sociais que o país enfrentava. Voltemos à História para uma melhor compreensão dos anos 60-70 que marcaram fortemente o século passado.

Ao terminar a segunda guerra mundial, os aliados (União Soviética, Inglaterra e Estados Unidos, com seus demais parceiros e a heroica resistência clandestina) se separaram[2]. Iniciou-se a Guerra Fria. Através de várias reuniões internacionais com a participação de Roosevelt (USA), Churchill (Inglaterra) e Stalin (URSS) o mundo foi dividido em duas grandes áreas de influência: o mundo capitalista e o mundo socialista. Como nenhuma guerra leva à paz, a guerra fria matou um número significativo de civis e militares para a imposição deste canhestro modelo. Muitos povos não aceitaram se submeter aos ditames das grandes potências, daí a Guerra da Coréia, a Guerra do Vietnã, as guerras de libertação nacional dos países africanos, as do Oriente Médio que persistem até hoje e ... as nossas ditaduras latino-americanas, fruto fundamentalmente da imposição do modelo capitalista norte-americano impedindo que cada país escolhesse seu próprio caminho.

A ditadura brasileira surge neste contexto. Há outros fatores que devem ser mencionados. No correr do século XX houve o início de uma industrialização que deslocou o poder dos latifundiários – com fortes características feudais (entre elas a *impunidade*, ou, a ausência

2. Apresentarei numa mesa sobre a Paz, neste Congresso, composta por Harriet Wolfe (Presidente da IPA), Abel Fainstein (APA) e Serapio Marcano (Venezuela/Panamá), coordenada por Fernanda Marinho (SBPRJ) um texto: A Aventura da Paz, onde meu ponto de vista ficará mais claro.

de lei) - para uma burguesia nascente, embora em muitos casos ambos se confundissem, burgueses e latifundiários. Ao mesmo tempo surgia um proletariado mais consciente e reivindicador. Isto caracterizou

os anos JK[3], governo de Juscelino Kubitschek. Democracia, ampla liberdade política, duas anistias de militares inconformados com sua eleição (talvez equivocadas, mas próprias da generosidade de JK), desenvolvimento, mas ... necessidade de um sucessor que realizasse as *reformas de base* (reformas sociais que extinguissem o latifúndio improdutivo, estabelecesse um sistema tributário que promovesse uma melhor distribuição de renda, entre outras medidas modernizantes e ... socializantes). JK estava cercado do que havia de melhor na inteligência e política brasileiras. Sua volta ao poder era quase certa: saiu em 1960 e pretendia voltar nas eleições de 1965. Seu vice era João Goulart herdeiro político de Getúlio Vargas – político profundamente comprometido com os trabalhadores e, embora um rico fazendeiro gaúcho, sempre lutou pelas causas sociais e democráticas. Ambos foram cassados (proibidos de atividade política) pelos militares que tomaram o poder em 1964 e tiveram mortes suspeitas: Juscelino num desastre automobilístico inexplicável e João Goulart, no exílio, com suspeita de envenenamento. A ditadura brasileira perseguiu os líderes progressistas mesmo no exterior com o apoio dos EEUU, do Chile de Pinochet, da Argentina de Videla e mesmo da Alemanha Ocidental. Voltaremos ao tema.

---

3. Ver documentário: Os anos JK, direção de Silvio Tendler e Os anos dourados, novela de Gilberto Braga.

III. Consequências no movimento e pensamento psicanalíticos.

O insulamento – Desde a ascensão de Hitler na Alemanha, em 1933, e a perseguição sistemática, cruel e policial a seus opositores, os psicanalistas, por sugestão do próprio Freud[4], passaram a evitar suas atividades políticas e a proximidade, até para atendimento, com

resistentes antinazistas. Naquele momento tal postura fazia sentido, tal a violência com que as milícias nazistas agiam na Alemanha e Áustria. Além da proteção pessoal aos analistas que ainda estavam naqueles países, havia a ideia de preservar a psicanálise. Entretanto, tal política se prolongou no pós-guerra e mostrou-se extremamente equivocada a longo prazo. A psicanálise que convivia com o ambiente científico-cultural dos países onde existia, retraiu-se. Houve um empobrecimento cultural e criaram-se restrições inteiramente alheias ao pensamento psicanalítico, tornando de fato a psicanálise uma atividade elitista, restrita a certas classes sociais e *alheia* ao ambiente sociopolítico-cultural.

A vida nos Institutos – Havia uma recomendação explícita para que os alunos (candidatos) não participassem de política. Contudo, muitos de nós – comunistas, socialistas, esquerdistas em geral – estávamos filiados ao MDB (Movimento Democrático Brasileiro) que, juntamente com a ARENA (partido governista), eram os únicos partidos permitidos, os demais foram extintos ou passaram a atuar na ilegalidade (como foi

4. Ver a importante pesquisa de Elizabeth Danto: As Clínicas Públicas de Freud.

o caso do PCB Partido Comunista Brasileiro e outras agremiações que surgiram voltadas para a luta armada. O PCB desde o início da ditadura defendeu a luta política e participou ativamente da organização do MDB que era a grande frente democrática, liderada por Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, entre outros antigos políticos democratas que não foram cassados ou exilados). Os adeptos do regime ditatorial também tinham organizações paralegais, ligadas às forças armadas ou a órgãos policiais (nacionais e estrangeiros).

Passo a referir-me especificamente ao Instituto da SBPRJ, no qual entrei em 1975 e conclui minha formação em 1981, embora os outros Institutos não se mostrassem diferentes.

As associações de estudantes (candidatos) ainda estavam sendo criadas, principalmente pela iniciativa do saudoso Fabio Hermann (SBPSP) que lançou as bases do que veio a ser a IPSO. A atividade científica nos Institutos era intensa, entretanto, voltada somente para a clínica e teoria psicanalítica tradicional sem a discussão e estudo de outros campos de utilização do pensamento psicanalítico, como: análise de crianças e adolescentes, estudo psicanalítico dos grupos humanos; medicina psicossomática; experiências de comunidades terapêuticas de orientação psicanalítica. Cito especificamente essas áreas pois ocorria o seguinte paradoxo: tais atividades não eram bem aceitas ou sequer apresentadas nas atividades cientificas da Sociedade e Instituto, embora importantes analistas, até fundadores da SBPRJ, as desenvolvessem, como: Walderedo Ismael de Oliveira e Alcyon Baer Bahia (foram pioneiros na introdução da psicoterapia

analítica de grupo no Brasil); Danilo Perestrello (um dos principais estudiosos de psicossomática, trabalhando na universidade); Mara Salvini, Beatriz Pontes de Miranda, Manoel Thomaz Moreira Lyra, Décio de Souza entre outros (reconhecidos analistas e supervisores do trabalho com crianças). Um exemplo paradigmático foi o da Villa Pinheiros – uma comunidade terapêutica de orientação psicanalítica criada por Walderedo – que reunia inúmeros psicanalistas filiados à SBPRJ (Paes Leme, José Cândido, Paulo Marchon, Roberto Martins e Maria Luiza Pinto) e jovens psiquiatras que mais tarde se tornaram seus membros e que nunca foi apresentada para discussão científica por não ser tema psicanalítico (!). Ao mesmo tempo, o governo da época fechava as experiências de comunidade em hospitais públicos, e mesmo, o serviço de terapia de grupo do Ministério da Saúde; eram atividades suspeitas de ação subversiva aos olhos dos governantes militares! Talvez, esta estranha restrição fizesse parte da política de insulamento da psicanálise, um afastamento da vida social e cultural, o que veio a ser superado na década de 80. Como tais restrições eram arbitrárias, havia curiosas contradições: um consenso quanto à importância da análise de crianças e de psicóticos, mas uma oposição a qualquer tentativa de estruturar uma formação própria. Por sinal, este problema era mundial e só recentemente se estimulou a formação integrada para analistas de adultos e de crianças e adolescentes.

Bom lembrar que então (anos 70) só eram aceitos candidatos à formação que fossem médicos ou estivessem terminando sua formação médica (a partir do quinto ano se não me engano). Era até sugerido que se evitasse dar supervisão ou mesmo tratar psicólogos que

poderiam utilizar tal experiência para se intitularem psicanalistas! O Instituto, a rigor, dominava a Sociedade e era dirigido por cerca de 10 analistas didatas que se mantiveram os mesmos por mais de 10 anos! Era a temida Comissão de Ensino. Os didatas tinham um certo poder sobre seus analisandos, como o de liberá-los ou não para o início da formação, para fazer supervisões ou terminar a formação.

Ao lado dessa estrutura extremamente autoritária e excludente, havia uma grande dedicação por parte de todos os professores (didatas ou não) e uma paixão pela psicanálise que nas sábias palavras de Marcelo Viñar (ao descrever os pioneiros na América Latina) chegava ... ao delírio[5]. Tudo isto criava um clima de constantes e intensos atritos, dos quais os candidatos não participavam e tomavam conhecimento apenas vagamente. O mais relevante que apresentaremos por dizer respeito ao tema da mesa só foi de nosso conhecimento muitos anos depois.

O caso Helena Vianna versus Establishment[6] *Psicanalítico* – Em 1973 surgiu a denúncia da participação de um tenente médico – e candidato de uma sociedade de psicanálise (SPRJ) – Amilcar Lobo Moreira, como componente de equipe de torturas do Exército[7]. Esta denúncia, publicada no jornal clandestino do PCB – Voz Operária –, desencadeou uma forte reação por parte do *establishment* psicanalítico. Foi tomada como *difamações*, mentiras, calúnias e diversas instituições – SBPRJ, COPAL (precursora da FEPAL) – partiram para identificar a

5. Podemos pensar em termos de Bion em transformação em alucinose. A psicanálise muitas vezes foi tratada como um objeto alucinatório, obedecendo as regras de tal transformação. Isto pediria um outro texto. Apenas assinalo para futuras reflexões.
6. "Chamo de establishment o corpo de governo da sociedade: a contraparte no âmbito do pensar seria a disposição preexistente ou pré-concepção." p.119, in Atenção e Interpretação. Bion, W.R. Imago Ed. Rio de Janeiro: 2006 [1970]
7. Ver: Vianna H.B. Não conte a ninguém ..., Imago Ed. Rio de Janeiro: 1994. P.37

denunciadora, encontrando na colega Helena Vianna (analista muito respeitada, professora de nosso Instituto, militante comunista e pacifista) a responsável. Durante vários anos Helena sofreu várias pressões e mesmo *punições* (impedida de se qualificar como Membro Efetivo) até o esclarecimento final que comprovava – inclusive por confissão – os crimes de Amílcar Lobo, participando da equipe da *Casa da Morte*, em Petrópolis. O país já redemocratizado, a SBPRJ reconheceu publicamente seu erro e em nota pública desculpou-se com Helena Vianna.

Este é um episódio que demonstra como a psicanálise se tornava um *objeto alucinatório* – isto é, uma ideia dotada de grande poder capaz de "... dirigir as ações" mesmo de colegas altamente qualificados, isenta de crítica quando entronizada num determinado *establishment* que a aprisionava.

A *redemocratização* – Juntamente com o processo de queda da ditadura brasileira, ocorreu internacionalmente um forte movimento de insatisfação com a estrutura autoritária da IPA e suas instituições. Começou no Congresso de Roma (1989), com uma *revolta dos presidentes*. No Brasil, já em 1982 a SBPRJ, sob a presidência de Rosa Beatriz Pontes de Miranda Ferreira, filha de um renomado jurista, desenvolveu um radical processo de democratização, abolindo a categoria de analista didata (passou a função, perdendo os amplos poderes anteriores e preservando a análise pessoal de influências institucionais); criando a categoria de Membros Provisórios para os alunos do Instituto; a poderosa Comissão de Ensino foi extinta e

suas funções passaram aos Grupos de Acompanhamento e Avaliação Contínua (GAACs); foi estabelecido o direito a voto para todos os membros e representantes de alunos e outras medidas no mesmo sentido, entre elas: a aceitação da entrada de psicólogos! Todas as avaliações teriam sempre uma instância de recurso. Em suma: estatutos em consonância com a Constituição Cidadã que estava sendo gestada com a campanha pela constituinte e a luta pelas diretas. Curiosamente, todos esses itens foram aprovados com mais de 80% dos votos, o que quer dizer que mesmo os conservadores que antes defendiam a estrutura autoritária aderiram aos novos tempos. Alguns não suportaram o convívio democrático, manobraram junto à IPA, que também temia sua inevitável democratização (a qual veio com a criação da Casa dos Delegados e a eleição de Etchegoyen, assim como as eleições diretas e o rodízio de presidentes e congressos), para uma intervenção que nos humilhou, mas fracassou, ante a resistência da maioria da SBPRJ liderada pela presidência de Fernanda Marinho.

Considerações Finais Agridoces– O que dizer da formação durante a ditadura? Tentar responder seria contraditório para quem acredita com Bion, Green e Blanchot que "... a resposta é a doença da pergunta". Por isso, anexo uma bibliografia e filmografia para que possam desenvolver o tema e fazer suas conjecturas. Expresso apenas meu sentimento: foram anos tristes, tivemos que adiar nossos sonhos de levar a psicanálise para todos sem discriminações, mas aprendemos a valorizar a democracia; tornamo-nos mais aventureiros que militantes[8]. Não sabemos para onde nos levará a luta pela paz e o

8. Ver Stéphane, R. Portrait de L´Aventurier (Préface de Jean-Paul Sartre). Éditions Grasset & Fasquelle. Paris: 1965.

socialismo, mas quando vejo o sistema de bolsas explodindo em vários Institutos e reconhecido pela conservadora IPA vejo as sementes que Rosa Beatriz, Helena Vianna e tantos outros lançaram como um Ato de Fé, sem saber que frutos as novas gerações iriam colher. Espero que esse breve depoimento estimule vocês a levarem adiante o que acreditam, sem medo de sonhar o sonho impossível!

Bibliografía

Além da indicada nas referências, acrescentaria:

Hobsbawm, E. Era dos Extremos – O breve século XX. Cia. das Letras, São Paulo: 1995.

Padura, L. O homem que amava os cachorros. Boitempo, Rio: 2015

Retratos, Trieb – SBPRJ, edição especial, 2019

Marinho, F. Sonhando os fatos.

Marinho, N. SBPRJ 60 anos – alguns instantâneos 59x19.

Filmografía

Os anos JK. Dir. Silvio Tendler, 1980.

Jango. Dir. Silvio Tendler, 1984.

Pra frente Brasil. Dir. Roberto Farias, 1982.

Batismo de sangue. Dir. Helvécio Ratton, 2007.

CLÍNICA



PENSAR EL PSICOANÁLISIS COMO PRECONCEPCIÓN Y NO COMO CONCEPTO. UNA PROPUESTA PARA PROTEGER AL PSICOANÁLISIS DEL FANATISMO

Julio Galindo[1]

I. ¿Qué es el fanatismo?

En el interior de las sociedades de inspiración democrática en las que vivimos como latinoamericanos se ha hecho común el lamento por el incremento de los discursos fanáticos en el terreno político. Se habla de "populismo" y "polarización" como los enemigos de la democracia y se acusa a los rivales políticos como los culpables del "declive" democrático. Los demócratas de derecha advierten sobre el peligro del socialismo y los demócratas de izquierda advierten sobre los peligros del fascismo. Finalmente, los demócratas de "centro" advierten de los peligros de los extremos, pero implícitamente y sin violencia aparente, desacreditan los argumentos del adversario simplemente haciendo una acusación de extremismo. De esta manera, el concepto de democracia se puede volver un dogma más, que acusa y estigmatiza lo diferente como antidemocrático con herramientas más sutiles. El problema resulta aquí de la naturalización de los conceptos, del hecho de no pensarlos y no estar dispuestos a reevaluarlos. Esta es la situación descrita por Zizek (2016) cuando dice que en nuestra sociedad es más fácil imaginar el final del mundo que el final del capitalismo.

---

1 -Sociedad Colombiana de Psicoanálisis

Al respecto vale la pena tener en cuenta la forma en la que Dario Sor y Maria Senet (1992) describen los fenómenos fanáticos desde el vértice psicoanalítico. Según los autores, el fanatismo alude a todas las formas en las que la personalidad logra mantener los hechos aislados y escindidos de toda posibilidad de transformación. Las ideas en sí mismas no serían fanáticas, sino lo sería el hecho de no poder llevar las ideas hasta el terreno de las experiencias emocionales. Habitar el mundo del fanatismo es habitar una realidad en que ocurren eventos vacíos y aislados que no generan frustración ni satisfacción, no existe incertidumbre ni misterio. La clave de ese funcionamiento es que se logran mantener las ideas y las prácticas lo suficientemente aisladas unas de otras para que no se fecunden entre sí.

Un ejemplo claro de este mecanismo es posible verlo en los hechos descritos en el editorial del último número de la revista “Conexión fepal” (Mori, 2024) al respecto del incremento del fanatismo político en Brasil, amparado según la autora, bajo la idea de que “cada uno tiene su propia opinión”. Y es que, de hecho, bajo el manto de la tolerancia puede cultivarse el más profundo fanatismo, puesto que si mi opinión no admite críticas resulta imposible cuestionar sus cimientos. En términos de Meltzer (1990) la imposibilidad de acceder directamente a la verdad nos puede dejar indefensos frente al cinismo que se desprende del “sobre los gustos no hay disputa”.

Pero este funcionamiento no solamente ocurre en el terreno político. La teoría psicoanalítica, como todo conocimiento conceptual, está sujeta al uso fanático de las ideas. Si el debate psicoanalítico se convierte en

un “cada uno tiene sus teorías” podemos correr el riesgo de generar un efecto de aislamiento que hace que las teorías nunca puedan ser criticadas ni desmontadas. En todo caso, el efecto de escisión en este caso puede surtirse de una manera más fría y sutil. Basta con nombrar a un grupo psicoanalítico como “independiente” para implícitamente definir a los demás grupos como dependientes y dogmáticos, y con esto desacreditar sus ideas sin pasar por el acalorado proceso de la argumentación, el cual implicaría una lectura rigurosa de las ideas del otro y un nutrido esfuerzo para ver los puntos de convergencia y divergencia. En lugar de eso, lo que queda en el debate son los eslóganes y las etiquetas teóricas aisladas y estereotipadas como “mundo externo/interno” o “pulsional/objetal”. Pero ¿Habrá lugar para una crítica sobre la independencia y el eclecticismo? Y, por otra parte, ¿Es posible decir algo verdadero sin enjaular la verdad en trajes dogmáticos?

En este punto propongo considerar que para combatir el fanatismo no es suficiente con la tolerancia por las ideas del otro, sino que es necesario ir más allá, hasta alcanzar la comprensión y el pensamiento. Pero nada nuevo estaría diciendo hasta aquí, si no hago la salvedad de que no toda reflexión y no toda opinión es pensamiento. Existen muchas definiciones de pensamiento, incluso en psicoanálisis, siendo la más difundida la noción freudiana de aplazamiento de la descarga. Considero sin embargo más útil poner el acento en la conceptualización bioniana de “pensar”, que según Darío Sor (1992) alude más al proceso de establecer relaciones entre lo conocido y lo desconocido. Es decir, entender los hechos por lo que son y por lo que no son,

reconocer sus posibilidades y sus limitaciones. Desde este vértice, pensar no es un acto intelectual sino emocional derivado de ligar una preconcepción con una realización. En el fondo es el mismo proceder del psicoanalista: observar, describir, interpretar y seguir observando. El psicoanalista que piensa contrasta permanentemente sus teorías con lo que se encuentra. Encontrar que sus teorías se materializan en el paciente le dan seguridad para aplicar sus técnicas, lo cual genera la esperanza de ir por el camino correcto, pero es imprescindible que también viva la experiencia emocional de contrastar lo que la teoría no le permite ver. Solo de esa manera puede evolucionar.

II. Un encuentro singular con Ramón

Ramón es un joven universitario que asiste a análisis hace unos tres años. En un principio había consultado aquejado por un insomnio persistente, un desanimo generalizado en todas sus actividades y algunos fantaseos relacionados con la idea de no querer vivir. Sus grandes capacidades intelectuales especialmente en el terreno del pensamiento abstracto, lo llevaron a ganar becas universitarias que sin embargo ha terminado desperdiciando, perdiendo semestres por episodios de desconexión emocional que repercutieron en no entregar los exámenes y trabajos. Solía fantasear con abandonar todos los estudios y dedicarse a viajar en moto por el país, pero nunca tomaba la iniciativa de hacerlo. Estos padecimientos iniciales revelaron también una gran dificultad para tomar decisiones, un importante aislamiento vincular y una paradójica dependencia a sus padres en su vida cotidiana. En el transcurso del análisis cambió de carrera

dos veces y finalmente logró encontrar una que le permite sentirse verdaderamente interesado.

Pero lo que me parece particularmente misterioso del proceso analítico es que, en diferentes momentos del proceso, tiendo a experimentar un intenso adormecimiento en mi encuentro con él que me ha llevado a estados letárgicos de profunda confusión mental. En este estado suelo tener ensoñaciones, imágenes que suelo relacionar con sus asociaciones. Pero en otros momentos el adormecimiento me lleva a la desconexión emocional. Como fenómeno clínico he intentado comprender este adormecimiento desde diferentes vértices. Partiendo del paciente, algunas comprensiones me han hecho pensar en su tono de voz, su propia dificultad para articular el lenguaje, y en los largos períodos de tiempo en los que me quedo a la espera de que logre comunicar algo. En diferentes momentos he intentado formular e interpretar su dificultad para vincularse emocionalmente, sus defensas frente a angustias homosexuales no representadas, las barreras de protección narcisista frente al derrumbamiento psíquico, el uso de identificación proyectiva de objetos mortíferos derivados de la reintroyección de la agresividad que usualmente tiene inhibida en su vida cotidiana, o la escenificación de una relación con un objeto materno deprimido.

Desde luego que también he considerado hipótesis relacionadas con elementos personales, tan diversos como el horario de sesión, mis propias inhibiciones, intentos defensivos frente a angustias sin nombre de tipo psicótico que no he podido simbolizar, ansiedades

relacionadas con contenidos de tipo sexual no reconocidas, contratransferencia agresiva derivada del retraso en el pago de honorarios, contraidentificación con un objeto materno deprimido, repliegue narcisista derivado de la desesperanza profunda que a veces transmite, o intolerancia a los procesos regresivos del paciente.

Estas hipótesis han llevado a un relativo éxito tanto en el escenario transferencial como en el proceso de evolución del paciente. Sin embargo, esta reacción contratransferencial aún seguía pareciéndome algo misteriosa, y en cuanto era un fenómeno que no se cronifica, sino que tiende a aparecer de forma intermitente, sin alterar – al menos en apariencia- el normal curso del proceso analítico, no había considerado que pudiese llegar al nivel de un impasse.

En una sesión que se llevó a cabo a través de videollamada me dice:

R: tengo la imagen de que no voy a poder con este semestre de universidad

A: ¿Cómo es la imagen?

R: es como si la universidad fuera un peso que yo no puedo levantar. Y no tiene sentido porque

no hay nada que no haya podido hacer.

A: ¿Hay algo que hayas visto en tus clases que te parezca realmente pesado o difícil?

R: no, nada. no se. (se queda en silencio un par de minutos y yo empiezo a sentir el adormecimiento) Tengo la sensación de que no voy a aprender nada, sin importar el esfuerzo que haga. Como si esforzarse no sirviera de nada. como si no hubiera nada que hacer y que ya

no valiera la pena intentarlo.

A: raro tener sensaciones que vienen del futuro

R: sí, es como si nada pudiera cambiar… (silencio de varios minutos en los que en medio de mi sueño pensaba en la idea del medio maleable de Milner, en que realmente había sido muy difícil poder hablar de su infancia porque no recuerda nada, y de la idea winnicottiana de que el temor
al derrumbe es el recuerdo de un derrumbe que ya se vivió. Lo veía tratando de decir algo)

R: es como que sin importar lo que se haga, no se puede cambiar… es como no se…

A: ¿Cómo la gelatina?

R: sí. Como cuando la gelatina ya tomó forma y ya no se puede hacer nada.

A: algo no logra cuajar

R: sí.

(poco a poco, el sueño se había hecho intolerable para mí. Me di cuenta de que sentía muchas ganas de mover mis piernas. Pensé que era frecuente, y no me había dado cuenta, de que ya había tenido la sensación de querer mover las piernas en otras sesiones con él, pero me había restringido. Surgió en mi la idea "es deber del analista inhibir el polo motor para poder sentir y pensar el escenario transferencial". De repente me pareció absurda la idea y no encontré un argumento que me convenciera de que mover las piernas pudiese afectar mi trabajo en ese momento. Acto seguido di rienda suelta al movimiento de mis piernas, que frenéticas empezaron a vibrar sobre el piso, mientras permanecía sentado escuchándolo. Me pregunté si se iba a dar cuenta a través de la cámara de mi agitación y cómo podría explicárselo. En todo caso, pasado un minuto me di cuenta de que me sentía dividido. Mi impresión fue que mi cabeza estaba dormida, y mis pies muy despiertos, y en un balance general, me sentía equilibrado. Pensé en la escisición horizontal del cuerpo que describe (Meltzer, 1978/1990)

R: Tengo la imagen de estar atascado…como un camión cuando le ponen un freno de mano y no puede seguir andando

A: pero que tiene mucha fuerza y deseos de andar

R: sí

A: me llama la atención que me has hablado de dos imágenes de ti mismo. Una parte muy frágil como la gelatina, como un bebé que no puede sostenerse solo y que se siente arrastrado por la vida de un recipiente a otro. Pero también hay en ti una parte muy enérgica y fuerte que quiere seguir adelante pero se siente atascada.

R: Sí, pero me parece raro. (pasan algunos segundos) me siento mareado… no se…

A: ¿Cómo cuando uno viaja en avión y hay turbulencia?

R: no, como cuando estoy borracho.

A: ¿te sientes confundido?

R: no. Es raro... esa contradicción entre esas dos partes…como si fueran dos personas. No tiene lógica. Como si no pudieran ser uno solo.

A: ¿Cuál será Ramón y cuál será Javier? (el paciente se llama Ramón Javier)

R: pues Javier era como me llamaban de niño y Ramón es como me empezaron a llamar en la adolescencia

A: A veces puede ser difícil poderte ver como adulto, y a la vez sentirte tan frágil, sentirte Javiercito, como te dice tu mamá

R: sí. (su mirada se había aclarado, ya no miraba perdidamente, sino que me miraba a mí. Mientras tanto el movimiento de los pies y el sueño habían desaparecido. Pensé que habíamos acabado de cambiar de horario, con motivo del nuevo horario de su universidad)

A: es difícil ajustarse a una nueva rutina. Puedes sentirte desubicado en este nuevo horario. Tenemos que dejar aquí

R: sí, nos vemos el lunes, ¿cierto?

A: nos vemos el martes

R: ah cierto. Listo Julio, muchas gracias.

III. Reflexiones sobre técnica psicoanalítica y fanatismo

Los seres humanos necesitamos conceptos para relacionarnos con la realidad. Tanto la ciencia, como la religión, el arte y la filosofía requieren de conceptos para poder comunicar algo sobre la realidad espiritual, estética o sensible. Los conceptos nos protegen de la violencia y confusión que puede generar la aproximación directa con una realidad muchas veces inaprehensible e indomesticable, convirtiendo la realidad variable en constantes con las que podemos relacionarnos más claramente. En ese sentido las teorías psicoanalíticas son un "establishment" que como dicen Sor y Senet (1992) está encargado de la administración de las ideas nuevas y los pensamientos sin pensador. Tiene una función protectora en la medida en que cuando una idea está naciendo corre el peligro de entrar en una violenta relación con el receptor. Desde este punto de vista, las teorías y las técnicas psicoanalíticas son como la placenta que canaliza y modula la interacción madre-bebé, asegurando la supervivencia tanto de la madre como del bebé. Pero todo bebé eventualmente necesita nacer y desprenderse de las constricciones producidas por aquello mismo que le permitió su existencia. Pero cuando hay demasiada rigidez en los conceptos, se inicia un proceso de deterioro del pensamiento y se da una confusión con los hechos mismos. Es en este momento en el que su función de iluminar la realidad se invierte, de tal manera que lo que termina haciendo es devolvernos a la caverna de Platón.

Así como el encuadre, la formación nos permite que entremos en contacto con las ideas psicoanalíticas sin evadir las complejidades y las frustraciones inherentes al proceso de aprendizaje. Es lo que permite por ejemplo que aprendamos a observar la transferencia y la contratransferencia, y aquello que nos puede invitar a vivirla y elaborarla. Pero en ocasiones, se convierte en un canal para inocular el fanatismo en nuestro trabajo psicoanalítico, deteriorando nuestra labor y nuestro crecimiento.

En mi encuentro con Ramón, considero que fue mi constante incomodidad por el sueño lo que me permitió mantenerme alerta y me mantuvo en la necesidad vital y permanente de encontrar un sentido a lo ocurrido. Claramente, la seguridad derivada de la posibilidad de darle significado a lo que ocurre en Ramón, a partir de las teorías y las interpretaciones, han mantenido vivo el proceso en medio de las difíciles turbulencias contratransferenciales. Sin embargo, también fue necesario que yo pudiera tener la experiencia emocional de incomodidad y sueño, para poder observar el contraste entre lo que conocía y lo que no conocía en Ramón. Fue en medio del sentimiento de absurdo, que pude localizar la fuente del sutil fanatismo que se había incubado en mi mente: “los psicoanalistas no mueven las piernas”. Esta idea, cuya aplicación tiene sentido en la mayoría de las ocasiones con los pacientes, justo en ese momento se convertía en una barrera que se interponía entre el paciente y yo. Es cuando logro disolver la escisión de mi propia experiencia emocional que puedo llegar a la verdadera comprensión: El mundo de Ramón está partido en dos, y él

se está ahogando en el agobio profundo de ser dos al mismo tiempo sin poder llegar a ser uno.

Conclusiones:

La técnica nos protege cuando estamos frente a las turbulencias emocionales y al infinito desconocimiento que se vislumbra cuando entramos en contacto emocional con otro ser humano. Tal como muestra Meltzer (1971) en su estudio sobre la sinceridad humana, la confianza en el otro, al margen del prejuicio, depende del mutuo reconocimiento del papel social que desempeña cada uno en el encuentro: *"cuando se unen dos personas que conocen sus papeles en el mismo drama, dicho diálogo surge de una manera muy natural y sin esfuerzo"* (p, 263) de tal manera que ese lugar en la relación actúa como un recipiente sobre el que se puede verter la singularidad del sujeto y da lugar a las infinitas posibilidades de la espontaneidad en el encuentro con el otro (Meltzer, 1971).

Es decir, ubicarnos en el lugar de psicoanalistas es lo que permite que el proceso ocurra. Pero sintiéndonos tranquilos mientras ocupamos ese lugar y estamos haciendo "nuestro deber", también podemos caer en la dinámica del frío aislamiento de las ideas derivadas del fanatismo, que nos mantienen en un desentendimiento permanente de la vivencia emocional en sesión. En cambio, si usamos las teorías como preconcepciones, es decir como un estado de expectación adaptado a recibir un restringido margen de fenómenos (Bion, 1963), podremos construir esperanza sin deteriorar nuestra relación con lo desconocido.

Referencias

Bion, W. (1963/2000). Elementos de psicoanálisis. Lumen.

Meltzer, D. (1971/1997). Sinceridad: Un estudio en el clima de las relaciones humanas. Spatia.

Meltzer, D. (1978/1990). Desarrollo kleiniano parte 2: Richard semana a semana. Spatia.

Mori, M. (2024). “Cada uno tiene su propia opinión”: ¿Un camino banal hacia el fanatismo?
Conexión Fepal, 6-10.

Sor, D., & Senet, M. (1992/2010). Fanatismo: Una mirada bioniana actual. Biebel.

Zizek, S. (2016). Problemas en el paraíso: Del fin de la historia al fin del capitalismo. Anagrama.

Intolerancia psíquica/inmediatez del mundo interno: reflexiones del trabajo con pacientes fronterizos

Raquel Mussali Kibrit [1]

La inmediatez permea nuestra sociedad actual, influenciada por los avances tecnológicos, la globalización, la constante exposición a redes sociales y el acceso instantáneo a la información. Estas condiciones crean expectativas sociales de soluciones rápidas y, consecuentemente, la percepción de que no hay lugar para procesos profundos y reflexivos como el psicoanálisis, el cual a veces también actúa con rapidez intentando sostener y metabolizarle a los pacientes lo que presentan al momento.

A través de mi práctica clínica, he observado cómo los pacientes con estructuras fronterizas se enfrentan a la inmediatez de su mundo interno, que se caracteriza por una notable intolerancia al dolor psíquico. Como psicoanalistas, actuamos como catalizadores para sus procesos, pero nos vemos enfrentados a sus demandas. Cuando sienten que no las satisfacemos, tanto ellos como nosotros debemos enfrentar la frustración resultante.

En términos transferenciales, se pudiera decir que el análisis se asemeja al comienzo de la vida psíquica y por ende a la relación del bebé con sus objetos primarios. Aunque se tiende a idealizar la relación madre-hijo, sabemos que requiere de dedicación y

1- Instituto de Psicoanálisis y Psicoterapia (Sociedad Psicoanalítica de México).

constancia. Este mismo principio se aplica a la relación analítica. La transferencia y contratransferencia se instauran desde el comienzo, aunque inicialmente sólo representan una puesta en escena. La verdadera relación se desarrolla posteriormente, con las entrevistas iniciales que permiten recolectar el material para la comprensión e historización, la alianza terapéutica que facilita las interpretaciones, y el establecimiento del vínculo con cada paciente.

Últimamente, en mi práctica privada, he observado un aumento significativo de pacientes con características similares. Llegan presentando como demanda inicial acceder sin demora al bienestar y un rápido alivio del sufrimiento mostrando poco interés en establecer una relación analítica total. No conocen otro modo de relación que el utilitario, enfocado únicamente en la satisfacción inmediata de sus necesidades, bajo la creencia fantasiosa de su propia omnipotencia. Al explicar la metodología psicoanalítica, suelen mostrarse molestos ante el encuadre, como pagar por cancelaciones y la frecuencia de sesiones. Ponen en evidencia una incapacidad para enfrentar procesos de frustración, la demora en la satisfacción y viven como un ataque los límites que establece el encuadre. No obstante, también he observado pacientes que parecen accesibles al inicio, pero con el tiempo revelan una voracidad latente.

Al nacer, somos dominados por el ello, que busca descargar tensiones para obtener placer. Idealmente, una madre suficientemente buena actúa como mediadora entre el mundo interno y externo del bebé,

moderando la descarga de placer y ayudando a tolerar la frustración. Esta relación primaria sirve de modelo para futuras relaciones: el niño tenderá a interactuar con otros como lo hizo inicialmente con su madre quien debe permitir al niño experimentar las primeras etapas de desarrollo, y ayudarlo a postergar la descarga promoviendo la tolerancia a la frustración. De lograrlo, el yo del niño se constituirá como fuerte; de lo contrario, será lábil.

En pacientes neuróticos, el tiempo se relaciona estrechamente con la espera. Durante la infancia, las frustraciones y gratificaciones juegan un papel fundamental en su desarrollo. La insatisfacción da como resultado la capacidad de demora y esta enseña a valorar la gratificación, cumpliendo así con las exigencias del superyó y obteniendo placer como resultado. Por su parte, los pacientes fronterizos experimentan un tiempo efímero, caracterizado por un anhelo de ser colmados, pero sin lograr sentirse completamente satisfechos.

La falta de frustraciones en la infancia anula la noción de espera ya que el aprender a esperar conlleva perder la gratificación inmediata. Por otro lado, en casos donde la función materna (que puede ser llevada a cabo por cualquiera de sus cuidadores y su medio) no logra contener adecuadamente, podría resultar en un adulto voraz que busque satisfacer las carencias de su infancia. Para estos pacientes, la satisfacción proviene de la descarga inmediata y completa de impulsos, reflejando un superyó poco estructurado.

Cosentino et al. (2017) mencionan que los pacientes fronterizos están fijados en la etapa de separación-individuación (Mahler), resultando en una falla en la constancia objetal y una angustia predominante ante la posible pérdida del objeto, temiendo al abandono. Por ende, se puede inferir que estos pacientes evitan vincularse con el analista como una defensa anticipada contra el abandono fantaseado.

McWilliams (1994) refiere que estos pacientes no pueden integrar aspectos positivos y negativos de sí mismos y de los objetos, predominando la escisión y viendo los objetos como completamente buenos o malos. Gaitán (1991) comenta que la hipertrofia de la escisión impide una imagen coherente de sí mismos y de los objetos.

Ante los límites y reglas del encuadre, los pacientes fronterizos tienden a percibir al analista como objeto malo, ignorando sus aspectos positivos. Aunque, en algunos casos, estos límites proporcionan la contención que no recibieron en su infancia. En el mejor de los casos, los límites y la constancia del analista brindan al paciente seguridad para desarrollar una relación cercana.

En mi experiencia, trabajar con estos pacientes es complicado por la intensa y oscilante contratransferencia. Los cambios afectivos que presentan de sesión en sesión son muy desalentadores y dificultan la capacidad de comprensión. Dadas sus necesidades, estos pacientes requieren una constante comprobación de que el espacio analítico

es seguro. Empero, a pesar del esfuerzo del analista por demostrarlo, les resulta difícil establecer y mantener el vínculo, atacándolo frecuentemente debido al uso hipertrofiado de la identificación proyectiva. La dificultad es identificar este mecanismo sin reaccionar a él, ya que hacerlo confirmaría sus angustias.

Su voracidad puede atacar la capacidad del analista para pensar, difuminando la función analítica y causando una sensación de bloqueo. Por todo esto, considero que los pacientes fronterizos son de difícil acceso.

Betty Joseph, citada en Grinberg (1977), describe a los pacientes de difícil acceso como aquellos a quienes es complicado llegar con interpretaciones y brindarles una verdadera comprensión afectiva. El objetivo principal es establecer contacto con sus necesidades y ansiedades para promover una mayor integración de su yo. La parte "paciente" de estos individuos es disociada, y es su parte más infantil y dependiente, la que necesita ayuda inmediata. Usan mecanismos esquizoides y se comunican de manera concreta a través del acting out transferencial.

A continuación, me gustaría presentar algunos ejemplos clínicos:

1- Mujer de 30 años, acudió por un trastorno de conducta alimentaria (TCA). Desde la primera llamada sentí una contratransferencia extraña. En nuestro primer encuentro llegó tarde enojada porque no encontraba lugar para estacionarse y la máquina del parquímetro

no funcionaba. Al preguntarle "¿Qué te trae por aquí?", respondió agresivamente: "Tú ya deberías saberlo". Tras intentar explicar la necesidad de más detalles, me acusó de ser poco profesional ya que además no podía reponer el tiempo que demoró porque había llegado el siguiente paciente, se fue y me arrojó un billete (una tercera parte del monto acordado) y dijo "esto es lo equivalente a tu trabajo"

Al reflexionar sobre esto me di cuenta de que la paciente había atacado mi aparato para pensar. En su enojo con el parquímetro y el llegar tarde estaba su motivo inconsciente de consulta: no encontrar un lugar para ella. Mi intensa contratransferencia fue en respuesta a la identificación proyectiva de la paciente quien, al intentar provocarme, buscaba la contención y el sostén que quizás no recibió de sus objetos primarios y que tampoco pudo recibir de mí.

2- J, mujer en sus 40's, desesperada por resolver el tema de pareja mencionando "no saber porque todos la rechazan", al explicarle la metodología del proceso psicoanalítico estuvo de acuerdo. Al iniciar el tratamiento estaba completamente desbordada sin permitirme decirle más allá de hola: era tal su necesidad de hablar que fue complicado interpretar. Sin embargo, la solicitud por respuestas seguía presente. Al finalizar cada sesión no fallaba en preguntar ¿qué hago?, ¿qué harías tú?, después de algunas semanas señalé la angustia y la poca capacidad para considerar a los otros, mencionando que en transferencia me anulaba de forma que no podía decirle nada y aun así me exigía respuestas. Dos semanas después envió

un mensaje diciendo que le estaba siendo difícil profundizar, y que prefería acudir a una terapia “más holística”. En resumen, buscaba algo menos confrontativo con respuestas rápidas y efectivas para resolver un conflicto arraigado de años.

3- F, con quien la voracidad se hizo presente después. Llega para resolver un duelo y porque a su decir le faltaba rumbo a su vida. Los primeros años de tratamiento fueron confusos, Mi contratransferencia oscilaba, entre sentirme desesperada por no entender y en ocasiones me enternecía el discurso. F era puntual, nunca cancelaba y era respetuosa.

Parte del discurso giraba en torno a una incapacidad para entablar relaciones interpersonales mencionando que no se sentía tomada en cuenta. Con todos peleaba y discutía, pero hasta entonces no había pasado conmigo. Eventualmente llegamos a un periodo en donde la transferencia idealizada pasó a ser caótica. Principalmente debido a desacuerdos con el encuadre.

Pasó sesiones hablando de lo enojada que estaba conmigo, sentía que yo le estaba robando y que mi forma de trabajo no servía. Todo este tiempo yo me sentía furiosa, pero ante mi angustia por actuar la dejé enojarse. Algunas sesiones después entendí que F movilizaba a sus objetos por medio de una identificación proyectiva masiva, alejándolos de ella y generando la incapacidad para relacionarse de la cual hablaba. Le interprete, que como me agredía a mí, agredía a los demás y eso estaba generando que la dejaran.

Añadí que me ponía a prueba, para comprobar que yo también la iba a abandonar y enfaticé en que su agresión no me destruiría. Después de eso salió el verdadero conflicto de F, quien sesión por sesión hizo ver las demandas infantiles que necesitaba satisfacer. Estas salieron una vez que fue frustrada indirectamente por la analista/madre.

Es importante contextualizar que F fue gratificada por sus padres en todo momento, pero siempre hubo una carencia tanto afectiva como contenedora.

Painceira (1997) señala que, en los pacientes fronterizos, el falso self puede mostrar núcleos más organizados donde opera la represión de forma precaria. Estos núcleos neuróticos prevalecen en momentos de calma con exigencias moderadas y suficiente apoyo externo. Pero, cuando se rompe el equilibrio y enfrentan angustias psicóticas, se disuelven y recurren a otros núcleos del falso self con una organización más primitiva. Esto se deja ver en los ejemplos mencionados. Considero importante abordar cómo trabajar con este tipo de pacientes.

En el caso de F quien duró 3 años en análisis considero que lo más importante de su proceso fue que, a pesar de tanta incertidumbre, pudo sentirse acompañada y sostenida por mí y en ocasiones eso es lo mejor que podemos hacer por nuestros pacientes, estar ahí más allá de las interpretaciones.

Por otro lado, dado que su mundo interno es inmediato, no resulta útil enfocar nuestras interpretaciones en aspectos genéticos, que son históricos y pasados. McWilliams (1994) señala que este tipo de interpretaciones rara vez tienen efecto con estos pacientes; es mejor centrarse en el aquí y ahora, por lo que las interpretaciones transferenciales son más efectivas.

A pesar de vivir en esa rapidez, también necesitan tiempo. A veces, necesitan esperar para confiar en el analista y así poder desestructurarse en el espacio, mostrar sus fallas y necesidades reales y entonces reestructurarse desde otro lugar.

Su labilidad yoica, hace que actúen impulsivamente y sean intolerantes a las fallas del analista, con riesgo de terminar el análisis. Como analistas, debemos contener, proporcionar holding y luego señalar la conducta. Según Winnicott (1969), el paciente debe aprender a usar al analista y este debe demostrar que puede soportar y sobrevivir a sus agresiones, mostrando así su capacidad de contener y manejar la frustración del paciente.

Asimismo, es crucial considerar las áreas libres de conflicto que Hartmann (1939) define como funciones que operan más allá de los conflictos mentales. Estas, actúan como una capacidad auxiliar, permitiendo al yo resolver los conflictos entre el ello y la realidad.

Para lograr un buen trabajo, es crucial el análisis didáctico. Los pacientes fronterizos nos confrontan constantemente con nuestro propio narcisismo, ya que sus demandas nos desafían más allá de

nuestras capacidades. Además, dada la complejidad de sus historias y mundo interno, estamos constantemente poniendo a prueba nuestra tolerancia.

Por medio del uso de la identificación proyectiva, nos ponen en una encrucijada, deseando darles respuestas, pero sintiéndonos tan frustrados como ellos al no poder hacerlo. Si no hemos trabajado bien nuestro propio narcisismo, podemos caer en la trampa de responder o defendernos al no cumplir con sus exigencias.

Cuando el analista sobrevive a los ataques y metaboliza los contenidos agresivos del paciente, se inicia un camino hacia la cura. Este momento establece un inicio de relación de objeto que muestra al paciente que la constancia objetal es posible considerando que uno de los elementos más importantes en todas las relaciones diádicas humanas es la reciprocidad, la consideración a los otros, el tener la capacidad de respetar, tolerar y dar y entonces desde ahí, se podrá recibir.

No se trata de llenar el vacío de manera voraz, sino de alcanzar una satisfacción prolongada y duradera a través de la capacidad de demora. A modo de conclusión, quiero enfatizar que el análisis puede llegar a ser doloroso y displacentero en ocasiones. En un mundo que cambia de forma tan constante y nos envía el mensaje de que para todo hay atajos, los procesos nos parecen muy amenazantes. Sentir el displacer nos enseña que no todo puede tener una gratificación inmediata y que, para llegar a un mejor lugar, debemos aprender a incomodarnos.

En este sentido, la permanencia brinda contención. Para nuestros pacientes, somos quienes permanecen, enseñándoles que el vínculo puede superar obstáculos y proporcionar sostén. Nuestro trabajo ayuda a los pacientes a reeditar la relación con los objetos primarios, creando un prototipo para mejores relaciones y dando cabida a la espera y tolerancia a la frustración, para así recibir un resultado de placer prolongado y no inmediato.

Referencias

Cosentino, et al. (2017). El trastorno límite de la personalidad en psicoanálisis: la evolución teórica de los orígenes a la mentalización. Recuperado de https://www.temasdepsicoanalisis.org/2017/07/30/el-trastorno-limite-de-personalidad-en-psicoanalisis-la-evolucion-teorica-de-los-origenes-a-la-mentalizacion/

Gaitán, A. (1991). Trastornos Fronterizos De La Personalidad. Gradiva (3): 273-83.

Grinberg, L. (1977). Prácticas psicoanalíticas comparadas en las neurosis. En B. Joseph, El paciente de difícil acceso, pp. 150-164. Paidós.

Hartmann, H. (1939). La Psicología del yo y el problema de la adaptación. Pax.

McWilliams, N. (1994). Psychoanalytic Diagnosis: Understanding Personality Structure in the Clinical Process. Guilford.

Painceira, A. (1997). Análisis estructural de la patología fronteriza. En

A. Painceira, Clínica psicoanalítica a partir de la obra de D. Winnicott, pp. 295-218. Lumen.

Winnicott, D. (1969). El uso de un objeto y la relación por medio de identificaciones. En D. Winnicott, Realidad y juego, p. 123. Gedisa.

VIDEOJUEGOS: ¿HACIA UN FUTURO DISTÓPICO O INTOLERANCIA ANTE LA IRRUPCIÓN DE LO DISCONTINUO? INTERROGANTES Y REFLEXIONES A PARTIR DE LA PRÁCTICA CLÍNICA CON NIÑOS

Romano Peirano Elías [1]

Como producto epocal, los video juegos se inscriben como parte de la constelación de tecnologías digitales que están produciendo transformaciones en la constitución de la subjetividad y en los modos de vida. Si bien la historia de los video juegos y la progresiva proliferación de su uso se remonta al siglo pasado, las condiciones que impuso la pandemia permitieron que adquirieran un protagonismo inesperado en las sesiones a distancia con niños, propiciando que el análisis discurra en una geografía radicalmente diferente a la propuesta de juego que hasta ese entonces enmarcaba la técnica del psicoanálisis infantil.

Si bien hemos vuelto a los consultorios, en el viaje de retorno ya no éramos los mismos, llevamos en nuestro ser, en nuestro cuerpo y en nuestra clínica las marcas que dejó una vida sostenida en la virtualidad, en las llamadas, donde fuimos la imagen de una pantalla, la voz al otro lado del teléfono, donde fuimos avatars y, al mismo tiempo, fuimos más que eso. Los consultorios se abrieron, pero no se cerraron las posibilidades que trajo consigo esta nueva realidad, siendo una de ellas, en el caso del trabajo con niños, el uso de los video juegos. De hecho, cabe mencionar, que la experiencia más cercana y

1- Sociedad Psicoanalítica del Perú

sostenida que he tenido con los video juegos se ha dado a través de mi práctica clínica con niños, fuente donde se vienen produciendo nuevos contenidos que parecieran estar a la búsqueda de modelos y continentes aún en vías de desarrollo.

Recuerdo con claridad el primer paciente que, en ese entonces en consulta virtual debido al confinamiento, me pidió que para la siguiente sesión me descargue un juego llamado Brawl Stars. A los dos días que volvimos a vernos, el encuentro ocurría en dos plataformas distintas, estábamos conectados por zoom, medio por el cual discurría el diálogo, al mismo tiempo que nos hallábamos en un territorio que compartíamos con personas desconocidas de distintas partes del mundo y donde cada uno era un personaje. Recuerdo la sensación de desconcierto que me gobernaba en ese momento, no tenía idea de donde estaba ni qué debía hacer y, en paralelo, surgía un dialogo interno donde me debatía si lo que estaba haciendo era o no apropiado o si, a través de este medio, podría desprenderse algún tipo de terapéutica.

Mi primera intervención fue: “¿me explicas cómo se juega esto?”. En esa frase se condensan elementos varios que vale la pena descomponer. Esta vez era yo, quien, desde mi lugar de terapeuta, le pedía al paciente que me explique cómo se juega, era yo quien desconocía el juego. En el consultorio lo que solía pasar la mayoría de las veces era que el paciente elegía algún juego y, si lo desconocía, era él quien preguntaba y el analista quien explicaba. La lógica era: el adulto, desde su lugar de saber-poder, le otorga el conocimiento al

infante, quien a su vez le atribuye esa suposición de saber al adulto. La lógica se había invertido, los lugares de enunciación habían cambiado y, con ello, se advierte un primer punto de discontinuidad.

En la tradición que nos precede el sentido o la dirección por la que el saber circulaba predominantemente era lineal y transgeneracional. Mi abuela me enseñó a jugar Damas y Ludo, mi papá me enseñó a jugar Battleship y Ahorcado. Hoy son mis pacientes quienes me "enseñan" a jugar Roblox, Minecraft o Brawl Stars. No sólo han cambiado los juegos. Hay un punto de quiebre marcado, en parte, por el desface que produce en los adultos el pertenecer a una generación que ha vivido la transición de lo analógico a lo digital y, a su vez, por la velocidad a la que avanzan y evolucionan las nuevas tecnologías digitales, a las cuales no podemos seguirles el ritmo, nos exceden. En la otra vereda, observamos niños con menos de un año deslizando el dedo por las pantallas de los dispositivos con una "naturalidad" asombrosa y, al mismo tiempo, inquietante. Se trata de los llamados "nativos digitales", que serán criados por los "inmigrantes digitales".

La frontera que separa y al mismo tiempo conecta dos generaciones, en este caso padres e hijos, podría estar siendo alterada por este desface, que no se circunscribe únicamente al campo de los video juegos. Julio Moreno (2014) aborda la comprensión de este fenómeno explicando que los niños de hoy, a diferencia de otros tiempos, al tener un contacto más vivo, inmediato y efectivo con los medios digitales que los adultos, son más permeables a los cambios que suceden en nuestro entorno. La interfaz que une y separa los medios digitales de los hijos,

continúa Moreno (2014), es mucho más permeable y penetrante que la interfaz que une y separa a los padres del mundo digital. Cuando en consulta les pregunto a los padres si tienen conocimiento de los video juegos que sus hijos juegan o si los han jugado alguna vez, responden: “no tengo idea”, “yo no sé qué es eso”, “no lo entiendo”, “alguna vez le pedí que me explique, pero no entendí nada”.

Lo que pareciera redundar es que el acercamiento del padre o del adulto al video juego trae consigo una impronta tanto epocal como generacional. Como adultos creemos que necesitamos entender para luego poder hacer, mientras que a los niños el no saber no los condiciona. Quizás el problema no recae en que el adulto no sepa, sino que, a diferencia del niño, su mente está saturada de saberes y preconceptos. La mente aún ignorante del niño, no contaminada de preconceptos y del saber enciclopédico del adulto, constituye un campo más fértil para descubrir, crear y alojar novedades, y para que estas se conecten generando nuevas configuraciones que no necesariamente se asocian con representaciones de lo ya sabido (Moreno, 2014). Si los niños están más permeables y es mayor la penetración de los medios digitales en sus mentes, también habría una diferencia en los efectos de subjetivación que se produce en los niños y en sus padres y, consecuentemente, un efecto sobre la interfaz que existe entre ambos.

En más de una oportunidad me he visto a mí mismo, mientras jugaba o, mejor dicho, intentaba jugar un video juego con un paciente,

pidiéndole que me diga en qué consiste. El diálogo se ha dado más o menos así:

R: ¿me cuentas en qué consiste el juego o de qué se trata'

P: tienes que entrar

R: ya entré, ¿y ahora qué se hace?

P: ahora tienes que jugar

R: ya…pero… ¿cómo?

P: anda avanzando, sigue…

Más allá de la alusión en la viñeta a lo desconocido y a lo incierto, cualidades propias de la experiencia habitando el universo de los video juegos, que cambia a una velocidad impredecible, resulta evidente que el paciente y yo pareciéramos circular por rutas paralelas sin punto de contacto, él en la ruta del hacer y yo en la ruta del entendimiento. Es como si le estuviera pidiendo al paciente algo que no está en condición de ofrecerme: un manual de instrucciones (instrumento que ha sido central en la aproximación de un adulto a casi cualquier dispositivo), una explicación secuencial de cómo jugar, la cual se asentaría en un sustrato, bien o no tan bien organizado, de representaciones.

Julio Moreno (2002) sugiere dos formas en las que el ser humano podría captar las cosas: la vía asociativa, que se asienta donde la representación y lo simbólico presuponen una pausa y una distancia con el objeto, distancia que resulta crucial para representarlo y para pensarlo como objeto, pero no para meterse en él ni para vivir en él, ni para tener una experiencia en la que la distancia sujeto-objeto desaparece, rasgos más propios de una vía conectiva. Los

video juegos y la realidad virtual, en consonancia con el mundo que se vaticina para el futuro, requiere que se conecten acciones e imágenes sin que necesariamente se comprenda su lógica (Moreno, 2002). El pensamiento, además de permitirnos elucubrar sobre lo que reconocemos, nos aparta de la posibilidad de estar abiertos al objeto como podría estarlo un niño pequeño, para quien el juguete es parte de un universo propio sin que deba reconocerlo como objeto (Moreno, 2002).

Moreno (2014) relaciona este estado de apertura al objeto con, por un lado, la idea de Winnicott (1984) de que el niño crea lo que le es dado, pero que, además, se relaciona con eso dado de modo inmanente, como sin distancia para reconocerlo y representárselo. Y, por otro lado, con el at-one-ment propuesto por Bion (1963). ¿No estaría entonces la experiencia inmersiva de los video juegos más en el dominio o en el plano de lo conectivo que de lo asociativo? Y ¿no estarían los niños, por las características recién descritas, más disponibles que los adultos a un contacto conectivo más que asociativo? Quizás estemos ante dos vías de captar las cosas que no son excluyentes entre sí, una no destituye a la otra, sino que coexisten superponiéndose desde su diferencia, haciéndose tope la una a la otra.

Observamos con frecuencia que cuando un niño juega está como metido en la pantalla, sin distancia que albergue pensamientos o explicaciones. Quizás el auge de los video juegos, dice Moreno (2014), recae en que posibilita una pausa en el enloquecido trajín del progreso que no requiere del pensar ni de preguntarse, se trata de

una experiencia que como tal solo admite la inmanencia del instante. Venimos siendo testigos de la frustración que puede causar en los niños parar de jugar video juegos o dejar las pantallas, reacción que, a la luz de estas ideas, me pregunto si podría tratarse de una expresión de malestar emocional producida al salirse del objeto, al tomar distancia de este y pasar a tomar contacto con el medio que lo rodea a través de una vía distinta.

En la otra vía, la de la asociación, resulta palpable como los niños se identifican con los personajes del juego, inoculando sus propios contenidos internos. Así, por ejemplo, hay niños que eligen personajes muy poderosos y capaces de cumplir misiones o atravesar mundos con una destreza superlativa, logrando así sentirse competentes, reconocidos o incluso superiores. De hecho, no son pocos los casos en los que el niño encuentra en el video juego un territorio-refugio en el que se siente más competente que en la dimensión presencial, la cual puede resultarle más exigente y trabajosa de habitar. A su vez, vemos niños que se frustran intensamente cuando pierden, los matan o no pueden cumplir con el objetivo del juego.

Los emergentes transferenciales y contratransferenciales también forman parte de las producciones de un campo analítico engendrado en un universo virtual. Niños que, al notar mi “discapacidad gamer” y debido a su mayor expertise, me han protegido y ayudado: “Romano, hay que mantenernos juntos para que no te pase nada”, “no te preocupes, yo te voy a defender para que no mueras tan rápido”. Otras veces he sido el objeto devaluado: “cómo no te das cuenta, eres un

noob" o "por tu culpa hemos perdido, te estoy diciendo que dispares, mejor juguemos otra cosa porque si no voy a perder mis copas".

Tal vez son todas estas resultantes de una experiencia de juego digital en la que cabría discernir cuándo el sujeto-jugador se identifica con el personaje y predomina el "como si" o si en esa inmersión que habilita el video juego el sujeto se pierde y puede quedar como atrapado o fusionado con el personaje del juego. ¿qué nivel de discriminación tiene el sujeto con respecto al objeto (personaje-máquina) cuando juega? Dentro y fuera del consultorio escuchamos a niños decir frases como: "se me está acabando la vida" o "casi me matan", donde pareciera que el jugador y el personaje-máquina fuesen uno solo.

Balaguer (2016) plantea que el personaje no representa al jugador ni éste se identifica con el personaje, sino que lo que le pasa al personaje le pasa al jugador, como si se tratase de una suerte de yo ampliado que abarca, en un estado de fusión e identificación proyectiva mediante, tanto los recursos y funciones del jugador como del personaje, lo cual podría explicar los montos de angustia y frustración cuando al personaje le pasa algo o cuando pierde. La desconexión o salida del juego, continúa Balaguer (2016), resulta dolorosa porque implicaría una perdida y un retorno al yo material y limitado del jugador y, en ese sentido, operaria como un tercero o como una función de corte, que en la actualidad forma parte de las vicisitudes familiares en torno a la necesidad de establecer un equilibrio entre la conexión y la desconexión.

¿Será que la función de corte es condición de posibilidad para que el mundo presencial y el mundo virtual puedan potenciarse entre sí? ¿sería esta oscilación entre ambas dimensiones una resistencia frente a la distopía que emana de los tiempos que vivimos?

Por último, regreso a la frase "¿me explicas cómo se juega esto?" para ahondar en lo que "esto" representa. Ineludiblemente sugiere el encuentro con lo desconocido y cómo puede operar nuestra mente frente a aquello que nos resulta ajeno: cosificarlo, devaluarlo y sustraerle así cierta potencia. Pero quisiera dirigir la atención sobre "esto" en tanto insinúa, quizás de manera menos precisa, al contenido del juego, contenido que condiciona el jugar y revela otro punto de discontinuidad.

En los consultorios predominan hasta hoy juegos abiertos en los que el niño propone libremente escenarios con una narrativa especifica en la que asigna roles y usa al objeto-analista de formas diversas. Incluso en los juegos más estructurados, como los juegos de mesa, las trasgresiones, en sus variantes y gradientes creativas, revelan cómo los niños lidian con los límites, con la rivalidad, o cómo funciona y se vincula su mente.

A estas creaciones o escenificaciones les subyace una trama de representaciones inconsciente que el juego también contiene y que, al registrarla desde nuestra escucha psicoanalítica, se constituye como insumo para nuestro trabajo.

En el caso de los video juegos la oferta de imágenes y acciones posibles ya ha sido programada, el jugador-personaje recorre tramas y narrativas prediseñadas donde el grado de libertad para proponer, alterar o profanar el juego está reducido. Quizás existen video juegos en los que el margen de acción subjetiva es más amplio que otros, pero no son pocos los que presentan una realidad en sí misma que el sujeto transita desde la ilusión de control sobre la máquina: "el personaje en la pantalla hace lo que le ordeno". Pero ¿Acaso el sujeto desconoce la asimetría en el comando de esta interacción? ¿Quién juega a quién? ¿Podemos seguir hablando de lo interactivo o es que estamos ante una expresión de lo que Sibilia (2008) o Zizek (1998) han denominado interpasividad?, aludiendo al margen de participación del Yo en los medios digitales.

En todo caso, el jugar de hoy da indicios del sujeto contemporáneo que debemos seguir pensando. Un punto central gira en torno al uso que el niño o el jugador hace del video juego, ¿estaría este al servicio de la pulsión de vida o de la pulsión de muerte? ¿es un medio de enlace con otros y con uno mismo o un medio para el repliegue y la evitación del cuerpo y los afectos? ¿podría pensarse como un espacio de subjetivación donde el sujeto realiza ciertas tareas psíquicas de su devenir vital? Seguro quedan más interrogantes que certezas y habrá que sostener la inquietud y la curiosidad ya que, como dice Rodulfo (2019), el inconsciente encontrará la salida que siempre ha sabido encontrar utilizando los medios que la cultura le ha ofrecido a través de los años.

Referencias

Balaguer, R. (2016). La práctica psicoanalítica en el universo digital. Psicoanálisis para un mundo digital. Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico S.R.L.

Bion, W. (1963). Elementos de psicoanálisis. Hormé.

Moreno, J. (2016). El psicoanálisis interrogado. Lugar Editorial.

Moreno, J. (2002). Ser humano. La inconsistencia, los vínculos, la crianza. Editorial Letra Viva.

Moreno, J. (2014). La infancia y sus bordes. Un desafío para el psicoanálisis. Paidós.

Rodulfo, R. (2019). En el juego de los niños. Un recorrido psicoanalítico desde las escondidas hasta el celular. Paidós.

Sibilia, P. (2008). La intimidad como espectáculo. Fondo de Cultura Económica.

Winnicott, D. (1984). Realidad y juego. Gedisa.

Zizek, S. (1998). El sujeto interpasivo. Disponible en línea: www.geocities.ws.

VIDEOJUEGOS: ¿HACIA UN FUTURO DISTÓPICO O INTOLERANCIA ANTE LA IRRUPCIÓN DE LO DISCONTINUO? INTERROGANTES Y REFLEXIONES A PARTIR DE LA PRÁCTICA CLÍNICA CON NIÑOS

Romano Peirano Elías

CONCEPTOS



A FORMAÇÃO EM TEMPOS DE TURBULÊNCIAS: ABRINDO FRESTAS ENTRE FANATISMOS E INTOLERÂNCIAS

Célia C. Fontes Parzewski [1]

Neste trabalho abordo aspectos da formação do psicanalista dentro de Institutos ligados à IPA. Estimulada pelo início de formação oficial aos 60 anos, localizo em mim a necessidade de apresentar algumas observações e poder conversar levando em consideração a realidade de outros membros em outros contextos. Apresento minha perspectiva a partir de modelos teóricos da psicanálise e utilizo também como metáfora uma obra da dramaturgia.

Percebi neste início do processo de formação a vivência de *cesuras* (Bion, 1981), onde o membro filiado se defronta com possibilidades de crescimento e expansão e/ou de adaptação e restrições. Constato, a partir de minha trajetória e de instantes vividos, os desafios pessoais e institucionais envolvendo intolerâncias, fanatismos e seus desdobramento. Observo que transitamos entre estes estados mentais de rigidez e maleabilidade. Como manter-se com senso de liberdade para não se engessar nas teorias e conceitos (seminários teóricos), tão necessários, evidentemente, mas que podem equivocadamente, esmagar pensamentos brotos que poderiam alimentar o processo de tornar-se quem deveria ser, quando crenças são tomadas como certezas? (Cassorla, 2019).

---

1 -Psicóloga, membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto

No caminho da busca do pensar e conhecer enquanto experiência viva e espontânea, há obstáculos como as teorias serem apresentadas sem conecta-las com suas expansões realizadas por psicanalistas contemporâneos ou repetir definições de conceitos psicanalíticos oferecidos em um envoltório intelectualizado. Buscamos a criação de um espaço, nos vínculos, para que transformações criativas ocorram de fato, sem ficarmos submetidos e paralisados diante dos *exoesqueletos* institucionais (Bion, 1975).

Em outros termos, quais os equívocos os Institutos/sociedades podem engendrar favorecendo ou dificultando o processo de aproximação de uma psicanálise ontológica (Ogden, 2020)? No processo de formação que nos é oferecido, conseguiremos construir pontes para o trânsito do saber sobre a realidade psíquica para o tornar-se essa realidade na vida?

Utilizo como metáfora para pensar estas questões, a peça teatral de Bosco Lopes Fonseca Brasil (2007) Novas Diretrizes em Tempos de Paz. Nesta dramaturgia, há um encontro na alfandega portuária do Rio de Janeiro entre dois homens, Clausewits e Segismundo. Um deles, Clausewits, imigrante e ator polonês que chega se oferecendo para ser agricultor, trazido por um navio, como tantos estrangeiros, para tentar uma nova vida no Brasil depois de sofrer todo tipo de atrocidades durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, para receber o visto de autorização de permanência no país, depende do carimbo em seu documento migratório e se depara com Segismundo, um funcionário

do Estado Novo, um período sombrio da história brasileira, entre 1937 até 1945, em que Getúlio Vargas governava o país de forma ditatorial e autoritária.

No encontro com o imigrante Clausewits, Segismundo utiliza a técnica de tortura aprendida e usada em sessões em que obrigava as pessoas submetidas, a falarem. Assim, impôs uma condição a Clausewitz, para que pudesse entrar e permanecer em terras brasileiras: responder às suas interrogações, do porquê desejava entrar no Brasil, e mais que isto, o emocionasse, o fizesse chorar! Esta seria a condição para receber o visto de entrada, isto é, se fosse tocado de maneira única em suas profundezas. Havia outra pressão que era o fator tempo na sua urgência! O navio que o trouxera apitava, denunciando seu retorno imediato e caso Clausewitz não o emocionasse, teria que tomar o caminho de volta ao terror. Portanto, teria alguns instantes para despertar emoções no torturador.

A partir desta exigência, os dois homens passam a compartilhar suas trágicas experiências na vida. No entanto, por mais que o imigrante relatasse as histórias terríveis que havia vivenciado na Polônia, Segismundo nem se abalava, por sua vez, contava as atrocidades que também vivera no orfanato, fora uma criança invisível, abusada, tivera um padrinho perverso que o adotara manipulando-o e usando-o como torturador para obter seus interesses políticos e pessoais.
A tensão aumenta a cada momento! Clausewitz consegue seu intento, quando passa a recitar trechos da fala de outro Segismundo, personagem na peça A vida é Sonho (1936), do espanhol Pedro Calderón de la Barca.

Enquanto ator, conhecia os emocionantes versos por ter interpretado o personagem deste monólogo em sua terra natal. Ali, naquele encontro comovente, abre-se uma fresta, uma lágrima cai e o homem Segismundo se emociona ao ser tocado em seu âmago pela profunda dor encarnada pelo personagem da ficção e expõe sua fragilidade e precariedade, sendo resgatado da prisão psíquica, do claustro em se encontrava. Clausewitz quando percebe que conseguira emocionar Segismundo, também cai em si e exclama: “Sou um homem das artes! Não serei agricultor! ”. Ocorre uma transformação criativa, em que há possibilidades de expressão emocional colocadas em palavras e ambos se fertilizam e se libertam alcançando, provisoriamente, uma autonomia possível.

Percebo três cenários na peça Novas Diretrizes e que conversam com o processo de formação. Em um primeiro momento, que chamarei cesura, estão em cena dois homens em trânsito nas suas “ocupações” na vida. Em suas travessias há continuidades e des-continuidades.

Clausewits, exilado de seu país, massacrado pela guerra. Segismundo, que fora uma criança desconsiderada, além de sofrer o abandono dos pais, fora vítima de um padrinho que abusou de sua fragilidade. Assim, elabora um discurso adaptado: para ganhar a permissão de entrar no Brasil, ser aceito, ser útil, necessário, deveria se tornar agricultor. Já Segismundo, angustiado frente às turbulências, com o fim da Guerra e seus desdobramentos políticos, perderia seu posto de trabalho, e

a proteção de seu algoz, homem forte da política local que o fizera refém, usando-o como mero objeto que servisse às suas ambições e manipulações perversas.

Na formação oficial do psicanalista, ocorrem experiências turbulentas entre estranhos que se buscam para uma intimidade. Vamos nos dando conta de que estamos constantemente em trânsito, buscando passagens, diante do impacto dos encontros e desencontros entre nós e nossos analistas, entre nós e nossos pacientes, entre nós e nossos supervisores, entre nós e nossos colegas.

O segundo cenário que denomino o desafio da Esfinge: decifra-me ou te devoro. Segismundo ameaça Clausewits de deporta-lo a seu país de origem caso não consiga fazê-lo chorar.

A cena evidencia a presença da dimensão da maldade nas relações humanas e como nos lembra Cassorla: “Na mente fanática não há lugar para dúvidas, tolerância, alteridade, culpa, lutos, depressão ou reparação” (2019, p.04). Na peça teatral, os dois personagens passam a relatar suas agruras e batalhas vividas. Cada um narra suas autobiografias, suas mazelas, seus horrores e suas des-humanidades. Suas crenças e certezas começam a desabar e os dois homens se tocam a partir de suas precariedades.

Nos embates do processo de formação do psicanalista, a ideia de que a Verdadeira Psicanálise está neste ou naquele grupo ou autor cai

por terra, e o horizonte do mistério e do des-conhecimento ganha dimensões assombrosas.

Na dramaturgia, em uma terceira cena, que denomino mudança do aprendizado ao crescimento, Clausewits consegue, finalmente, tocar profundamente Segismundo que se emociona. Alcança uma linguagem de êxito (Bion, 2004) quando assume sua essência enquanto ator, e percebe que sua arte lhe abre frestas, autorizando-se a ser si mesmo e, em um instante transformador, resgata Segismundo de seus claustros. (Meltzer, 2017)

Considero que deste encontro turbulento, profundo e bem-sucedido acontece o aprender com a experiência emocional e ambos saem transformados. Ambos se deslocam de seus exílios pessoais, podem sonhar outros caminhos a partir do vislumbre da autonomia experimentada, emergindo de vivências profundas de suas dores psíquicas. Acontece o íntimo encontro de duas personalidades nos remetendo a Bion (1977) quando afirma que a experiência emocional não pode ser concebida isolada de uma relação.

Neste processo de vir-a-ser psicanalista, durante o processo de formação oficial, na com-vivência com colegas membros filiados, coordenadores, análise didática, supervisão, experimento possibilidades de rupturas com ideias endurecidas e equivocadas que permeiam os grupos internos e externos.

Neste cenário, que se movimenta o tempo todo, tento apreender as dimensões de uma psicanálise epistemológica e ontológica, pois considero que estas expansões iluminam o impacto das turbulências sofridos no interminável processo de formação do psicanalista. Thomas Ogden, em conhecido artigo (2020), discorre acerca de expansões teóricas e técnicas que a psicanálise tem sofrido ao logo dos anos, fruto do trabalho árduo de observadores que ousam continuar a sondagem do outro, o analisando, a partir de si mesmo, o analista, a exemplo de Freud, Klein, Winnicott e Bion e tantos outros. Afirma que a psicanálise epistemológica está relacionada ao conhecimento e à compreensão, enquanto a psicanálise ontológica relaciona-se ao ser e ao tornar-se. Há uma mudança na técnica, na medida que a interpretação perde o foco original e o estar junto ao outro em uma intimidade que possibilite o sonho, a intuição, e a imaginação ganham ênfase.

Ogden (2020), sugere um trânsito e uma complementaridade entre Psicanálise epistemológica e ontológica, e a partir deste vértice, haveria um senso de autonomia e expansão, em que baluartes, fanatismos e rigidez receberiam estímulos para a tomada de consciência de que tudo na vida é fluido e transitório. Ressalta que é a partir dos vínculos criados é que poderá ocorrer um trânsito entre o conhecer e o ser.

Menciona aspectos da teoria freudiana e kleiniana que criaram andaimes para que novos horizontes fossem vislumbrados por outros

psicanalistas. Sabemos que os psicanalistas pioneiros se lançaram em suas batalhas particulares, e imbuídos por sua curiosidade e amor epistemofílico conseguiram avançar com suas intuições, desobedecendo ideias que eram tidas como certezas da época. Vencendo obstáculos, ousaram perturbar e expandir o universo! .

Minhas reflexões apontam para nossa responsabilidade em nosso percurso. Ressalto também a beleza do método psicanalítico no encontro íntimo com o outro, com olhar atento aos movimentos da Instituição como um todo, em que podem ser criadas pontes para o trânsito do saber sobre a realidade psíquica para o tornar-se essa realidade na vida. A necessária construção de pontes que permitam trânsito entre os claustros da obediência e adaptação para a re-criação de uma psicanálise viva com surpreendentes e belas expansões.

São muitos desafios na odisseia do membro filiado e termino minha fala com os versos do poema Proa, do poeta e psicanalista Edval Perrini: “O sonho é meu pastor, nada me faltará. Que venham as tormentas, que venha o que vier, tenho o sonho comigo, o sonho é meu pastor”.

Espero que novas clareiras se apresentem aqui neste congresso Ocal/ Fepal, e agradeço a possibilidade de compartilhar pensamentos e desassossegos.

Referencias

Bion, W.R. (1970) Experiências com grupos. Imago.

Bion, W.R. (2004). Transformações.Imago

Bion, W.R. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio. Revista Brasileira de Psicanálise, 1(3), 467-478.

Bion, W.R. (1981). Cesura. Revista Brasileira de Psicanálise, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)

Brasil, B. (2007) Novas diretrizes em tempos de paz. Aliança Francesa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Braga, J. C. (2023) Entre memórias do passado e memórias do futuro, o hiato entre o conhecer e o tornar-se. SBPSP, XV Jornada Bion.

Cassorla, R. (2019) Fanaticism: Reflections based on phenomenain the analytic field, The International Journal of Psychoanalysis, 100:6, 1338-1357. Republicação em português autorizada.

Meltzer, D. (2017) O claustro: uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos. Blucher.

Ogden, T. (2020) Psicanálise ontológica ou “o que você quer ser quando crescer” Revista Brasileira de Psicanálise, Vol. 54, n 1, 23-46.

Perrini, E. (2001) Armazém de ecos e achados. http://www.edivalperrini.com.br

Sandler, P. (2021) A linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico de conceitos. Blucher.

A FORMAÇÃO EM TEMPOS DE TURBULÊNCIAS: ABRINDO FRESTAS ENTRE FANATISMOS E INTOLERÂNCIAS

Célia C. Fontes Parzewski

¿A QUÉ RENUNCIAMOS COMO ANALISTAS (O ANALISTAS EN FORMACIÓN)?

Martin Modonese [1]

El presente ensayo pretende dar una mirada a los procesos de renuncia a lo largo de la vida psíquica y ahondar en las renuncias a las que nos vemos expuestos específicamente en nuestro quehacer como psicoanalistas (o analistas en formación).

I. La Renuncia

La idea de renuncia implica acciones asociadas a dejar, a desistir, a abandonar, a dimitir, etc.; ineludiblemente conllevan a pensar en una acción a través de la cual deja de haber algo que antes había, o existía, bajo alguna condición. Asimismo, convoca la idea de cierto nivel de gestión a través de la cual se dan aquellos movimientos descritos.

Es importante mencionar la cercanía entre la idea de renuncia, y el concepto de tolerancia a la frustración. Siguiendo las descripciones planteadas, las renuncias implicarían casi que inevitablemente una pérdida, y, en consecuencia, como en toda pérdida, aparecerían afectos más o menos cercanos al dolor y al malestar (dolor por lo que ya no está, por lo que deja de ser, por la muerte, etc.). Frente a este dolor es que planteamos la presencia e importancia de una tolerancia a aquel dolor. Nos vemos compelidos a tolerar aquellos afectos que vienen de la mano con las renuncias.

1- Sociedad Psicoanalítica del Perú

Del mismo modo, es indispensable hacer mención de los aspectos que pueden motivar estas renuncias. Los escenarios o motivos previos son múltiples. Podríamos señalar que existen renuncias en tanto existe la promesa de algo mejor, un alivio, o una compensación. Se pueden pensar también las renuncias que, por un lado, provienen de las propias motivaciones o mociones internas, o, por otro lado, las renuncias con orígenes en el exterior, en órdenes o mandatos que provienen de afuera. O incluso, se podrían establecer diferencias entre renuncias que se hacen de manera más apacible, acompañadas de ilusión (o algún tipo de esperanza), o renuncias promovidas por miedos o coacciones, donde no existe mayor motivación que neutralizar temores internos (o externos).

II. La Renuncia en la teoría psicoanalítica y en la actualidad

Dentro del desarrollo teórico psicoanalítico, identificamos que, si bien no se aborda el proceso de renuncia como un concepto en sí mismo, desde los primeros postulados se le menciona. En la teoría freudiana, se habla de ella, por ejemplo, en tanto se plantea una renuncia al principio del placer, o, del mismo modo, se le menta al describir el proceso, a través del cual se renuncia a ciertos deseos o mociones internas (pulsiones) para convivir en el orden social. Se la asocia también al despliegue de diferentes mecanismos de defensa, o al desarrollo del yo, más específicamente en el proceso de renuncia al Yo ideal y la formación del Superyo. (Freud1914;1920;1923;)

Podríamos mencionar una gran cantidad de referencias a la renuncia, y no solo en Freud, sino en una gran cantidad de autores contemporáneos o posteriores a éste (Ferenczi, Klein, Winnicott, Bion, Aulagnier, entre muchos otros.) Son innumerables las veces que se le menciona y se le brinda un rol determinante en el desarrollo psíquico en general

Al margen del mundo teórico psicoanalítico, ampliando la mirada al contexto actual, resulta importante partir observando que, en términos generales, se ofrecen hoy en día mayores posibilidades, u oferta de cosas, que en el pasado. Con eso no quisiéramos ni remotamente parecer que proclamamos mayor igualdad en el mundo, no. Pero sí consideramos, que en el mundo tal como está configurado y mediatizado, inmerso en una lógica de consumo constante, se ofrece una mayor oferta de cosas en general. Se amplían las posibilidades para comunicarnos, para transportarnos, para "informarnos"; se reproducen a lo largo de todo el mundo espacios, plataformas o tribunas virtuales, desde las que nos podemos mostrar, interactuar u ocultar. Y, en esta línea, se reproducen también (y de manera exponencial) elementos con los que podemos identificarnos.

Dicho esto, nos preguntamos si, en este mundo que en apariencia parece mostrarnos una oferta significativamente más amplia y diversificada que antes, donde se podría inferir una promesa soterrada de prescindir de las renuncias, ¿acaso no existiría algún grado de mayor indisposición a renunciar, frente a la oferta actual de cosas? Sin plantearlo como una conclusión, no vemos tentados a responder tomando en cuenta,

por ejemplo, cómo en determinados espacios publicitarios, diese la impresión de que la insaciabilidad y la voracidad, casi que se plantean como un atributo positivo absoluto, y, por el contrario, las renuncias parecen asociarse a mediocridad, derrotismo o sumisión. No hace falta investigar mucho para observarnos incapaces de tolerar la espera para comunicarnos con alguien, la imposibilidad de transportarnos a un lugar determinado o de no saber el desenlace de una noticia.

III. ¿A qué renunciamos los psicoanalistas, o psicoanalistas en formación?

Luego de hacer este recorrido nos interrogamos sobre el alcance de estas dinámicas en el espacio analítico: ¿hay algo a lo que renunciamos al decidir formarnos y ejercer como psicoanalistas?

Son muchas y muy variadas las asociaciones que surgen. Resultaría apropiado empezar reconociendo los procesos de renuncia en los que vemos a nuestros pacientes involucrados. A distintos niveles y en diferentes dimensiones, son muchísimas las situaciones donde acompañamos a los sujetos a lidiar con el malestar propio de las renuncias. Se podría decir que, de manera muy general, y en circunstancias suficientemente óptimas, facilitaríamos el ambiente para que ellos mismos desplieguen sus recursos para tolerar la frustración que acompaña estos procesos de renuncia. En este sentido, nosotros también lidiaríamos con estas renuncias a través de nuestros pacientes, o juntos con ellos, si se prefiere.

En este punto, cabría complejizar la situación, preguntándonos sobre las cosas, los principios o los valores, a los que renunciamos en tanto respetamos el camino por el que resuelven los pacientes, desde sus propios recursos y su creatividad.

Esta ultima interrogante nos conduce a abordar un aspecto ineludible en este punto: los principios de *neutralidad* y *abstinencia*. Estos conceptos, discutidos y reformulados amplia y constantemente con el paso del tiempo, ocupan un lugar infranqueable al momento de abordar la técnica psicoanalítica. Independientemente de las acepciones que se le puedan hacer a estos principios, y al margen de la discusión sobre su mayor o menor pertinencia en determinados contextos, postulamos que existe algún nivel de renuncia a ser y desenvolvernos como si estuviésemos frente a cualquier persona fuera del espacio analítico. Es decir, consideramos que en la labor analítica estamos renunciando a emitir espontáneamente opiniones y juicios de valor, tal cual lo haríamos fuera del consultorio actuando por donde nos lleven nuestros afectos sin mayor regulación

Con el ánimo de no extender excesivamente este ensayo, me ceñiré a la idea de estos principios entendidos como características en el funcionamiento del analista, más o menos fijas, que funcionan como un dispositivo. Y es a través de este dispositivo (o dentro de éste) que podemos, “potencialmente”, facilitar y vivenciar la emergencia de contenido inconsciente en el encuentro analítico.

El mantenimiento de estos aspectos, de manera más o menos fija, no debería conducirnos a pensar nuestra labor carente de afecto, o sin disposición a la espontaneidad, rechazando la capacidad de jugar creativamente, y/o incluso prescindiendo de la importantísima capacidad de soñar junto con el paciente, tal cual Ogden (1997) nos lo plantea.

En este sentido, la intención de apuntar a algún nivel de neutralidad, absteniéndonos de emitir juicios y depositar nuestras propias opiniones (tal cual lo hacemos fuera de consulta), tiene básicamente la función de promover la emergencia de los contenidos inconscientes en los pacientes, intentando mantener al margen la sugestión que nuestro contenido pueda tener sobre el paciente. Tal como dice Kantrowitz (2022), aparte de distraer a los pacientes de enfocarse en ellos mismos (y no en lo que nosotros podamos opinar/elaborar), también podemos llegar a confundirlos tarde o temprano.

Una vez planteada la cuestión de la neutralidad y la abstinencia, y tomando en cuenta las percepciones sobre la actualidad previamente expuestas, nos planteamos una serie de preguntas. Por ejemplo, tomando en cuenta el creciente cuestionamiento a estos principios (neutralidad y abstinencia), no preguntamos si es que, tal vez, ¿en alguna medida, estamos viviendo una tendencia a no renunciar a nuestras maneras de ser fuera del espacio analítico?

Al margen de los cambios ocurridos en el entendimiento y aplicación de estos conceptos de neutralidad y abstinencia, ¿acaso no se comienza a filtrar cierta tendencia a evitar limitarnos (en el grado que fuese),

“sometiéndonos” a estos principios?, ¿podríamos tal vez plantear la idea de que posiblemente haya algo que no estamos tolerando (un límite=frustración que no se tolera)?

Siguiendo con la reflexión acerca de nuestras renuncias como psicoanalistas, nos ponemos a pensar si existen aspectos teóricos que limiten la función analítica, es decir, algo a lo que haya que renunciar teóricamente al asumirse como un psicoanalista. Cabría preguntarnos si el trabajo con lo inconsciente, por ejemplo, determina el límite de lo psicoanalítico, y si, por ende, renunciar al trabajo con éste… ¿resulta el limite de lo denominado “psicoanalítico”? ¿Podríamos hacer el mismo ejercicio con el concepto de transferencia? ¿asociación libre? ¿atención libre flotante? Es decir: ¿se le puede poner un límite a lo psicoanalítico? ¿a algo renunciamos teórica o técnicamente al formarnos (y ejercer) como psicoanalistas?

Luego de compartir un poco temeroso (confieso) estas preguntas sobre los límites y renuncias del psicoanálisis, conecto un segundo tipo de renuncias asociadas esta vez a nuestra manera de lidiar con la incertidumbre, y por ende con las certezas (muchas veces encubiertas). ¿qué papel tiene la incertidumbre (o las certezas) en nuestro transitar analítico? Tal como lo plantea autores como Winnicott, Bion, Ogden, etc. en análisis se va construyendo sobre la base de lo desconocido. Uno parte del no saber, vaciamos nuestros continentes (o en todo caso liberamos un espacio en nuestros contenedores), “sin memoria y sin deseo” (1970), para recibir un contenido nuevo, que por más impresiones previas que hayamos pre fabricado, nunca darán cuenta

de la resultante del encuentro. Resulta incoherente creer que vamos a poder entender aquello nuevo (emergente del encuentro) sin haber pasado por un lapso, al menos, de No-Saber, de incertidumbre, de espera. Desde esta perspectiva, desde esta manera de aproximarse al encuentro con Otro, no hay manera de pensar que estamos "conociendo" algo, si es que no atravesamos vivencias de incertidumbre. El proceso no parece ser corto y el final parecería muchas veces abierto. Es decir, no por elegir la incertidumbre, la certeza llegará; podríamos plantear más bien que oscilamos entre mucha incertidumbre, y (con suerte) poca incertidumbre.

Sin embargo, y a propósito de estos momentos de "poca incertidumbre", manteniéndonos en clave con el texto, no quisiéramos dar la impresión de estar planteando, *en nombre de la incertidumbre*, la inexistencia de ciertos elementos en los que creamos y confiemos, y que, tal como hemos señalado líneas atrás, nos pueden determinar ciertos límites (y renuncias). Me hace sentido pensar, que estos aspectos en los que depositamos nuestra confianza, estas "seudo certezas" (por llamarlas de alguna manera) recaerían más sobre los dispositivos o quizás sobre algunas herramientas o métodos utilizados, y no tanto sobre el devenir del encuentro analítico, que requiere siempre algún grado de incertidumbre.

Decantando estas últimas reflexiones, nos podríamos preguntar si, ¿acaso la renuncia a la certidumbre (sobre el devenir del encuentro analítico) resulta ser una de aquellas renuncias que definen lo psicoanalítico? Parafraseando esta última pregunta: ¿de repente

lo que limita, y por ende define, a lo analítico es el trabajo en la incertidumbre (renunciando a la certidumbre de lo que deviene del encuentro paciente-analista)?

Y otra vez, acercándonos a la tónica del presente ensayo, y cruzando estas interrogantes con aquel mundo descrito líneas atrás, (mundo que demanda inmediatez, que no tolera la espera, y que parece tender evitar lo que nos limita) ¿qué lugar tiene un método que parecería reconocer en la incertidumbre un rol fundamental para el trabajo terapéutico?

No resulta descabellado pensar la dificultad que implica habitar hoy en día el lugar del psicoanálisis, que, como ya hemos mencionado, podría estar renunciando a dos aspectos fundamentales en nuestra cultura: la certeza y la inmediatez. Si esta hipótesis resulta válida, es inevitable pensar el análisis, en cierto sentido, como un ejercicio que implica renuncias y, en consecuencia, una vivencia atravesada también por la tolerancia.

Referencias:

Bion, W. (1970). Atención e interpretación. Paidós.

Freud, S. (1914). Introducción al narcisismo. En S, Freud, Obras Completas. Vol. XIV. Amorrortu.

Freud, S. (1920). Las Pulsiones y sus destinos. En S, Freud, Obras Completas. Vol. XVII. Amorrortu.

Freud, S. (1923). El Yo y el ello. En S, Freud, Obras Completas. Vol. XIX. Amorrortu.

Kantrowitz, J. (2021). A psychoanalytic memoir: The analyst enabled and disabled by what is personal. Journal of the American Psychoanalytic Association, 68(1): 83-100.

Ogden, T. (1997). Reverie and Interpretation: Sensing Something Human. Jason Aronson.

EL SENTIR

Paula A. Lerma López [1]

El presente trabajo es el resultado de distintas reflexiones. Primero debemos preguntarnos, ¿qué es el sentir? ¿Qué es lo primero que viene a tu mente cuando piensas en sentir? Lo sé, es complejo; hay muchas maneras de pensar esto. Pero, para comenzar, ¿con qué sentimos? ¿Cuál es nuestra principal herramienta que nos ayuda a percibir el exterior?: Nuestra piel.

I. La piel

La piel es un órgano fundamental en la vida de todo ser humano, nos abriga, contiene, nos protege del exterior y es nuestra entrada para el dolor y el placer. A través de ella establecemos contacto con nuestro entorno y con otros objetos. Dentro del psicoanálisis, el concepto de la piel ha sido estudiado por algunos. Una de las primeras menciones al tema fue por Freud, en su escrito *El Yo y el Ello* (1923): “el Yo es, ante todo, un Yo corpóreo”. Propone que “El Yo es sobre todo una esencia-cuerpo; no es sólo una esencia-superficie, sino, él mismo, la proyección de una superficie” (Freud, 1923).

A medida que el Yo se desarrolla, se vuelve más capaz de expresarse a través de procesos mentales. El Yo es el que nos aporta la experiencia con lo real, el juicio de realidad con nuestro exterior. A través del

1- Sociedad Psicoanalítica de México

concepto del Yo-corpóreo se explica que el cuerpo y la piel, además de mediar la experiencia con el exterior, son esenciales para los procesos y partes de la psique, siendo la piel nuestra base sensorio-perceptual (Franco, 2012). Muchos recuerdos están ligados a experiencias en la superficie corporal.

Varios autores han concluido que la piel influye en la constitución del Yo, especialmente con el concepto de Esther Bick de la "piel como continente". Bick enfatiza la función de este órgano en permitir al bebé integrar las partes de su personalidad. El bebé necesita un objeto externo que lo mantenga unido, que le provea una experiencia de contención. Para Bick, la piel, que contiene el cuerpo del infante, también construye la piel psíquica contenedora del Yo. Para desarrollar la constitución del Yo, es indispensable introyectar la función contenedora de la madre; de no hacerlo, el individuo deberá desarrollar métodos sustitutivos para contenerse: "La piel es un espacio de consolidación de un Yo en permanente cambio y construcción" (Bick, 1987).

Otro autor interesado en el tema fue Didier Anzieu, un gran psicoanalista francés que desarrolló la teoría del Yo-piel en 1985. Explica que "la instauración del Yo-piel responde a la necesidad de una envoltura narcisista y asegura al aparato psíquico la constancia de un bienestar básico; el Yo corporal puede gozar de los placeres pregenitales, y después, de los genitales". El Yo contiene los contenidos psíquicos a partir de la experiencia corporal. Esto corresponde al momento en que

el Yo psíquico se diferencia del Yo corporal operativamente y pertenece poco integrado con él en el plano figurativo. “El Yo-piel encuentra su apoyo en las diversas funciones de la piel. La primera función es el saco que contiene y retiene lo bueno y pleno acumulado en él. La segunda es el límite con el afuera, siendo la barrera que lo protege. La tercera se enfoca en la boca, lugar primario de comunicación y establecimiento de relaciones significantes” (Anzieu, 1985).

John Bowlby (1969) propone el concepto de “apego” para referirse a la disposición de buscar proximidad y contacto con otros, especialmente en circunstancias adversas (Bowlby, 2015). En la dupla analítica, el paciente busca en su analista apego, proximidad, contención y comprensión. ¿Qué pasa cuando esta proximidad despierta en el analista una sensación de rechazo?

Freud (1919) escribe acerca de «lo ominoso», es todo aquello que se agrupa en personas, cosas, impresiones sensoriales, vivencias y situaciones, despertando en nosotros el sentimiento de lo ominoso, lo cual pertenece al orden de lo terrorífico, de lo que excita angustia y horror. Esto se despierta en la contratransferencia, la famosísima identificación proyectiva. En ese momento surge una desestimación, un rechazo por parte del analista a este desvalimiento que es propio al humano, rechazando la subjetividad y violencia del paciente, es por esto que se tiene que trabajar con lo doloroso, con el sufrimiento que atraviesa tanto al paciente como al analista. Por ello, es crucial

ser constantes con nuestras supervisiones, así como nuestro análisis didáctico, pero sobre todo cuando se trata de analizar pacientes que nos despiertan lo ominoso para poder separar lo que es propio del analista y lo que es propio del paciente.

Ahora bien, no debemos olvidar que, al momento del análisis, nuestra única y principal herramienta somos nosotros mismos. Pienso, ¿ese sentir ominoso que despiertan algunos pacientes en el analista se expresa a nivel corporal? En mi experiencia con pacientes psicóticos, borderline y con trastornos de la conducta alimentaria (TCA), dicha angustia nos es puesta a través de la identificación proyectiva en nuestro Yo-corpóreo. Ya que, si lo pensamos como un Yo contenedor, es lo que muchas veces hace la figura del analista, contener, pero también despierta en nosotros a nivel corpóreo una sensación de incomodidad, la explicación que yo le doy a esto es que mucho del material proporcionado por este tipo de pacientes está envuelto de pulsión de muerte.

Es por eso que desde un inicio debemos de estar observando nuestras reacciones contratransferenciales, es decir, ¿qué nos hace sentir dicho paciente? ¿Nos despierta el sentir de lo ominoso? ¿Corpóreamente cuáles son mis sensaciones: angustia, sueño, confusión, compasión? Es indispensable analizar que nos hace pensar e incluso observar si es que nos lleva a actuar alguna de estas sensaciones corporales.
Una de las funciones que lleva a cabo el analista es brindar un espacio contenedor, llámese espacio mental e incluso el espacio que significa el

consultorio para muchos pacientes. Podemos ver la figura del analista, pero incluso su consultorio como un continente, lugar en el que puede mostrar que sus mensajes, aparentemente incompletos, pueden ser escuchados y devueltos después de haber sido metabolizados por el propio analista y devueltos por medio de la interpretación, para así ser metabolizados por este.

II. Yo Corpóreo y su ideal

Existe una estrecha relación entre el cuerpo y el deseo. El deseo de tener un cuerpo ideal es un fenómeno influenciado por factores culturales y sociales. Los medios de comunicación y redes sociales promueven imágenes de cuerpos considerados “perfectos”, creando un estándar inalcanzable. Este deseo impacta la autopercepción y la relación con el Yo corpóreo. La piel, siendo la superficie más visible del cuerpo, se convierte en una arena donde se liberan luchas internas y externas.

Desde el psicoanálisis, el deseo de tener un cuerpo ideal puede entenderse como una manifestación del narcisismo y ansiedades relacionadas con la autoimagen y aceptación. Anzieu y Bick señalaron cómo la insatisfacción con el cuerpo puede desestabilizar la integridad psíquica. La presión para conformarse a estos ideales puede llevar a la fragmentación del Yo, como se observa en pacientes con TCA. La piel, que debería ser un contenedor seguro, se convierte en un recordatorio constante de deficiencias percibidas, dando lugar a una lucha interna con lo externo y las ideas preconcebidas que perpetúan estándares inalcanzables.

La intolerancia cultural hacia los cuerpos que no cumplen con estos ideales también juega un papel crucial. La discriminación basada en el tamaño, forma, color de piel y otras características físicas puede tener efectos devastadores en la salud mental y emocional de los pacientes. Esta intolerancia refuerza el deseo de cambiar el cuerpo para encajar y perpetúa un ciclo de insatisfacción y rechazo al Yo corpóreo.

Es vital reconocer y desafiar estos ideales culturales y trabajar hacia una aceptación más amplia de la diversidad corporal. En el contexto analítico, reconocer las presiones internas y externas y su impacto en el Yo corpóreo es fundamental. Los analistas debemos ser conscientes de cómo estas dinámicas influyen en nuestros pacientes y trabajar para crear un espacio de aceptación y contención donde se exploren y metabolicen estos sentimientos y creencias de manera segura.

III. La contratransferencia

¿Qué es la contratransferencia? Lacan (1961) exige que los analistas dejen de lado estos sentimientos cuando interpretan o intervienen en el análisis. Estos sentimientos pueden ayudar a los analistas a comprenderse a sí mismos y a detectar en qué lugar el paciente intenta colocar al analista en su economía libidinal, pero no deben ser revelados al paciente.

Winnicott (1947) explica la contratransferencia destacando la necesidad de estudiar y detectar sentimientos de odio, enojo y lo ominoso para intervenir y explorar la realidad del paciente, donde la realidad es tan subjetiva que sólo el paciente la conoce.

Algunos pacientes despiertan angustia y lo ominoso en el analista, por lo que es importante estudiar cómo se producen la angustia y el odio en el analista. Estos sentimientos y respuestas indeseables no se discuten mucho en el análisis con estos pacientes.

Bion (1967) explica que la memoria y el deseo son impresiones sensoriales de lo que se supone que ha pasado y de lo que aún no ha pasado. La observación, piedra angular del análisis, no trata de lo que ha pasado ni de lo que va a suceder, sino de lo que está pasando, destacando la centralidad de la experiencia emocional en la sesión.

Conclusión

La piel, como órgano fundamental en nuestra experiencia sensorial y psíquica, juega un papel esencial en la constitución del Yo corpóreo y nuestra identidad. Las teorías de Freud, Bick, Anzieu y otros nos ayudan a entender cómo nuestra piel actúa como un contenedor físico y psíquico, facilitando el desarrollo de la identidad y la integración de experiencias. La presión cultural por alcanzar un cuerpo ideal y la discriminación basada en características físicas subrayan la importancia de trabajar hacia una aceptación más amplia de la diversidad corporal en el contexto analítico.

La contratransferencia, con sus complejidades y desafíos, es una herramienta valiosa para los analistas, permitiendo una mayor comprensión de las dinámicas internas del paciente y del analista. Al observar y analizar nuestras reacciones contratransferenciales,

podemos brindar un espacio seguro y contenedor para nuestros pacientes, facilitando el proceso de exploración y cuestionamiento.

Es importante estar conscientes de lo que nos genera un paciente para entender su propia subjetividad. A través de las sensaciones corporales presentadas por la identificación proyectiva, podemos analizar y sentir el sufrimiento que aqueja al paciente.

Finalmente, destaco la importancia de la piel en el psicoanálisis, tanto en la constitución del Yo corpóreo como en el impacto en la díada analítica, y abordar los mandatos culturales y sociales respecto al ideal corporal para proporcionar un espacio de escucha, reflexión y contención para con nuestros pacientes.

Referencias:

Anzieu, D. (1985). El Yo-piel. Biblioteca Nueva

Bick, E. (1987). The experience of the skin in early object relations. In M. Harris (ed.), The Collected Papers of Martha Harris and Esther Bick (pp. 114- 118). Clunie Press.

Bion, W. (1967). Notes on Memory and Desire. The Psychoanalytic Forum (2): 271-280. British Library

Bowlby, J. (2015). El apego. Editorial Paidós Psicología Profunda

Freud, S. (1923). El Yo y el Ello. Obras completas Sigmund Freud, (Tomo XIX) (1923-1925). Amorrortu editores.

Lacan, J. (1961). Seminario 8: La transferencia. Paidós

Winnicott, D. W. (1947). El Odio en la Contratransferencia. Paidós.

Fracaso del pensamiento, intolerancia y fanatismo

Grupo de Estudio de André Green OCAL.[1]

I. Introducción

André Green es fundamental para entender y trabajar en la clínica contemporánea. El autor revisita la obra de Freud remarcando aperturas para la clínica y el análisis de las problemáticas actuales como la intolerancia y el fanatismo. Propone la relación **pulsión-objeto** como motor y eje del desarrollo del psiquismo. Este autor desarrolla una teoría psicoanalítica del pensamiento tomando como base el concepto de la doble frontera, que consiste en considerar el límite adentro-afuera y el límite entre las instancias intrapsíquicas, para pensar tanto la estructuración del psiquismo, su funcionamiento así también como su psicopatología.

II. La relación pulsión-objeto como fundamento del pensamiento

Si bien Freud enunció la **pulsión** con sus componentes: fuente, empuje, meta y objeto; el autor enfatiza que ninguna concepción del psiquismo podría darse sin su enraizamiento en el cuerpo. Toda la evolución posterior y el desarrollo de las formaciones psíquicas, en apariencia más distantes de las pulsiones, encuentran en éstas su razón de ser. Las pulsiones son la causa última de toda actividad humana.

1- Coordinadora Patricia Saks (Asociación Psicoanalítica Argentina). Integrantes: Mitzi Citlali Arce Rodríguez (Instituto de Psicoterapia y Psicoanálisis de la Sociedad Psicoanalitica de México); Javier Enrique Barroeta (Sociedad Psicoanalítica de Caracas, Venezuela); Thércio Andeatta Brasil (Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Brasil); Karina Elizabeth Bretz (Asociación Psicoanalítica Argentina); Rosalía Gallardo Cuevas (Asociación Psicoanalítica de Guadalajara, México); Carina Demarchi (Asociación Psicanalítica de Córdoba, Argentina); Andrea El Maalouf (Instituto Latinoamericano de Psicoanálisis-Ecuador); Carlos Alberto Ibañez López (Sociedad Psicoanalítica de México); Erika del Carmen Miaja Cabral (Asociación Psicoanalítica de Guadalajara, México); Dulce Maricruz Panduro Espinoza (Asociación Psicoanalítica de Guadalajara, México); Germán Darío Ramírez Suárez (Asociación Psicoanalítica Colombiana, Colombia); Romina Mabel Rossi (Asociación Psicoanalítica, Argentina); Sorel Sosa Thurm (Instituto Latinoamericano de Psicoanálisis, Guatemala); Maria del Rosario Torres (Sociedad Peruana de Psicoanálisis).

La relación entre **pulsión y objeto** es dinámica y bidireccional. No sólo las **pulsiones buscan un objeto** que permita la descarga, el placer; también **los objetos activan las pulsiones**. Así, Green sostiene que: "La **función del objeto** consiste no solo en **contener** las necesidades del niño, sino también en **despertarlo** para la vida, tolerar sus movimientos pulsionales profundos y ofrecer un receptáculo que le asegure un sentimiento de libertad y vitalidad" (Green, 1996, p. 36). De modo que el objeto actuará en el sentido de la organización o desorganización psíquica. Según Green, la pulsión es un modo incoativo de **pensamiento**, es decir, en germen. Toma el problema de las fuentes del pensar y su arraigo en la vida pulsional. Freud nos deja el desafío: **¿Cómo se hace para pasar de la pulsión al pensamiento y cuál sería la función del objeto?**

El pensamiento no es una actividad aislada o puramente racional, sino que está profundamente arraigado en la vida pulsional, y en la relación con el objeto. Para Green, el pensamiento se da en el entrecruzamiento de dos fronteras: la del adentro-afuera y la intrapsíquica.

Freud propone que el pensamiento es una actividad que permite al aparato psíquico **aplazar la descarga hacia el acto** cuando ésta sea inoportuna, y que consiste en relacionar impresiones dejadas por los objetos (representaciones) y su designación mediante palabras; analiza el proceso de pensamiento en relación con la percepción, las huellas mnémicas, el lenguaje **y la acción, frente a la cual, el pensamiento constituye un sustituto** (De Mijolla, 2008).

Green retoma la propuesta de Freud y amplía las propuestas de Bion y Winnicott, tomando la relación **pulsión-objeto** como base del pensamiento.

III. Teoría del pensamiento y sus implicancias en la clínica

En palabras de Green:

> Hoy los analistas se ven constreñidos a abordar el problema del pensamiento por cuestiones prácticas, porque, aun cuando no sean psicóticos, los pacientes que constituyen la población analítica actual tampoco son neuróticos…. la resistencia, la compulsión de repetición, el carácter rebelde de las pulsiones no lo explican todo respecto de la dificultad de estos análisis (Green, 1982, p.105).

Todos los procesos de elaboración de pensamiento se dan en un **espacio potencial:** en la frontera, en el "entre" se da lo nuevo. Esto es reubicarse en la clínica. Ya no es lo que el analista hace con el paciente, sino que la técnica consiste en ubicarse en el "entre" y lo que se va dando en el espacio transicional:

> "El pensamiento debe obedecer a la doble tarea de alejarse lo suficiente de los derivados pulsionales donde nace, sin dejar de mantener el contacto con sus raíces afectivas que le confieren su peso de verdad" (Green, 1982 p. 108).

Actualmente nos encontramos en la clínica con experiencias de vacío, la clínica de lo limítrofe, proponemos **pensar el vacío** como una expresión de lo que Green denomina psicosis blanca.

IV. Psicosis blanca como fracaso del pensamiento:

Green propone el concepto de narcisismo negativo como producto de la articulación entre el último dualismo pulsional (pulsión de vida-pulsión de muerte) y el narcisismo. Refiere que posee tres expresiones: la **psicosis blanca** con relación al pensamiento, la indiferencia en lo afectivo y la alucinación negativa para la representación.
El autor conceptualiza la psicosis blanca como:

> …el núcleo psicótico fundamental caracterizado por el **blanco del pensamiento**, la inhibición de las funciones de representación, la **"bitriangulación"** en que la diferencia de los sexos que separa a dos objetos disfraza la escisión de un único objeto bueno o malo, puesto que el sujeto está bajo el imperio de los efectos combinados de la presencia intrusiva persecutoria y de la depresión por pérdida de objeto. (Green, [1972] 1986, p. 61).

La alucinación negativa y el blanco del pensamiento implican la imposibilidad de generar representaciones que permitan ligar las pulsiones.**La bitriangulación** implica que con una **apariencia de lo edípico** hay en realidad un **objeto dividido** en bueno o malo. Se debate entre un solo objeto: bueno (el objeto idealizado inaccesible) y el malo (el intrusivo, persecutorio). No hay diferencias sexuales ni de generaciones, que son las que organizan el Complejo de Edipo; no hay una triangulación edípica estructurada (aunque lo parezca). Este funcionamiento requiere otro tipo de técnica para el analista; aperturas en la técnica que desarrollaremos en el ítem siguiente.

La alternancia entre la intrusión y el abandono del objeto no permite la estructuración del pensamiento y produce su parálisis: impresión de cabeza vacía, de agujero en la actividad mental, imposibilidad de concentrarse, de memorizar, etc. La lucha contra esas impresiones podrá traer consigo la actividad artificial de pensamiento: rumiaduras, pensamiento compulsivo de índole obsesivo, divagaciones subdelirantes, etc.

V. Vacío y fanatismo:

De acuerdo con Cassorla:

> El origen del término **Fanático** proviene del latín **fannus**, que significa templo. Los romanos asociaban la palabra al verbo *for, fari*, que significa hablar solemnemente. **El fanático era el portero que vigilaba** cuidadosamente el santuario. Con el tiempo, se comenzó a denominar así al religioso fervoroso que se dedicaba exclusivamente a un único dios. Luego, el término se amplió para denominar al loco, con entusiasmo delirante, frenético, iluminado, exaltado por su creencia (Cassorla, 2022).

Green refiere que la vivencia más terrorífica es la del vacío. En este sentido, **el modo de pensar fanático funciona como una reinvestidura ante la angustia del vacío en el pensamiento.** Se tiende a llenar este vacío con algún objeto idealizado por lo que pueden aparecer adicciones, vínculos adictivos y también el fanatismo. Una idea fanática actuaría como una **defensa ante el blanco del pensamiento**. Es producto de la rigidez y la ausencia de representación, que genera

certezas, lo que termina significando la anulación del otro, impidiendo una verdadera relación de objeto. Una de las características de la idea fanática es que dichas certezas buscan imponerse al otro, inclusive llegando a la violencia. Desde esta perspectiva, el fanático se posiciona como defensor y dueño de la verdad, como "portero de la certeza", que protege la pureza, se convierte en la idea que defiende, a fin de garantizar su seguridad. Se defiende rechazando el pensamiento distinto y ajeno anulando el "entre".

Teniendo en cuenta las fronteras adentro-afuera e intrapsíquica, deja afuera lo que considera impuro, no puede tener más de una versión de sí mismo y de los demás, y no se permite cambiar. La clínica actual tiene que ver con la clínica del vacío y el narcisismo negativo, por lo cual cada vez es más probable que se den implantaciones del fanatismo tanto en la clínica como en la vida cotidiana.

VI. Problemáticas en la clínica: aperturas en la técnica.

"La posición del analista frente a estos fenómenos resulta afectada por la estructura del paciente" (Green, [1972] 1986, p. 64). Si el analista llena precozmente el vacío con interpretaciones, repite la intrusión del objeto malo; si no interviene de ninguna manera, repite la inaccesibilidad del objeto bueno.

La única solución es brindar al paciente la imagen de elaboración, situando lo que él nos ofrece dentro de un espacio aireado, es el espacio de la potencialidad (por ejemplo: diciendo "eso podría querer

decir…") y de la ausencia. Como Freud afirma, es en la ausencia del objeto donde se forma la representación de este, fuente de todo pensamiento.

Estas aperturas implican variaciones en el encuadre clásico, cuyo propósito es facilitar la creación de nuevas representaciones y construir las condiciones propicias para la simbolización. En este sentido, "La técnica analítica procura introducir la capacidad de jugar con objetos transicionales. Lo esencial no es ya interpretar sino habilitar al sujeto para que viva experiencias creadoras con una categoría nueva de objetos" (Green, [1972] 1986, p. 310). El objeto fanático carece de estas características, siendo el opuesto al objeto transicional.

Finalmente, consideramos este escrito como un objeto transicional grupal. En la dinámica de nuestros encuentros siempre estuvo presente el pensamiento clínico que trataremos de ilustrar intercambiando experiencias en el debate.

Referencias:

Cassorla, R. (2022). Fanatismo: reflexiones a partir de fenómenos del campo analítico. R.M.S. En Sahovaler, J.R "De fanatismos y carismas. encrucijadas psicoanalíticas. APA.

De Mijolla, A. (2008). Diccionario Akal Internacional de Psicoanálisis. Akal.

Green, A. (1990). La doble frontera. En A, Green, La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud, (pp. 103-125). Amorrortu.

Green, A. ([1972] 1986). El analista la simbolización y la ausencia en el encuadre analítico. En A, Green, De locuras privadas, (pp. 48-87). Amorrortu.

Green, A. ([1972] 1986). Espacio potencial en psicoanálisis. En A,

Green, De locuras privadas (pp. 300-325). Amorrortu.

Green, A. ([1995] 1996). La pulsión y el objeto. En A, Green, La Metapsicología Revisitada. (pp. 21-44). Eudeba.

LOS RETOS DE LA FORMACIÓN ANALÍTICA EN UN MUNDO DISTÓPICO

Gonzalo Cano [1]

I. Contexto distópico

Todo momento histórico representa un reto para el Psicoanálisis. No porque seamos alguna especie de religión que tiene la misión de corregir el rumbo de la humanidad en ninguna dirección, sino porque en cada tiempo histórico la subjetividad se configura de forma distinta, y eso implica acompañar al ser humano a responder a las mismas angustias de siempre: ser felices, ser amados, sentirse capaces de llevar una vida en alguna dirección, responder a los problemas de la vida, etc.

Hoy en día, la sensación es de distopía, porque ya no existen grandes relatos universales que nos hacen pensar que vamos a algún lado. Todo lo contrario, lo que aglutina hoy a las masas, dada la lógica de las redes y de las comunicaciones mediadas por la tecnología, es más como espuma (Cano, 2024): dura poco, se pega a cualquier cosa, es una mezcla de elementos molidos y llenos de aire, toma la forma del lugar en el que cae, se vuela con el viento, etc. Sin relatos, lo que hay es una confusión sobre a dónde vamos, y eso da miedo y angustia, que son los ingredientes principales del fanatismo.

1- Sociedad Psicoanalítica del Perú.

II. Fanatismo

En la base de todos los fanatismos, están el miedo a la muerte y la angustia de tener que resolver la propia existencia (Fromm, 2006). Como la muerte es inevitable y no existe un manual para resolver los dilemas existenciales, el ser humano se crea y se cree respuestas. Tenemos esta necesidad de colgarnos para estar seguros, casi como los reflejos corporales del neonato, pero en la mente.

Podríamos decir que tenemos una zona fanática de la mente (Sor y Senet, 1993), lista para creer algo. Esta zona fanática de la mente no es eliminable. Está ahí siempre, y en determinadas circunstancias personales o históricas, gana terreno en el control de la mente y a veces gana el control de casi toda la mente. Está activa, crece y también se reduce, pero no se desactiva.

Cuando la zona fanática gana el control de la mente, nos asomamos al uso fanático de la mente, que es muy parecido al uso autista de la mente (Sor y Senet, 1993): tiene una sola idea a la que cuida de todo cambio, crecimiento y apareamiento con otras ideas. Es un funcionamiento fóbico, aislado y cerrado a lo nuevo que viene de fuera y también para lo que viene de dentro.

El fundamentalismo sería el fanatismo llevado a una mentalidad grupal o el fanatismo hecho cultura (Cano, 2014). Pero en el fundamentalismo, dado que es grupal, habría que agregarle a los miedos fontales del

fanatismo, el miedo al otro y a los peligros que trae su existencia. El otro es un problema porque nos cuestiona, y lo que se está evitando es el movimiento.

El analista en formación tendrá que enfrentar estos fenómenos no sólo en su práctica, sino también en él mismo. Y también en la institución a la que llegará, compuesta de individuos expuestos al mismo contexto, y a las mismas angustias y miedos que él tendrá, en donde la teoría psicoanalítica puede terminar siendo usada fanáticamente.

Cabe hacer la aclaración de que, si es que existe fanatismo en analistas o en instituciones analíticas, este no será (esperemos) del tipo criminal o radical con el que normalmente están asociadas estas palabras. Estamos hablando de formas de funcionamiento mental, no de categorías morales ni legales. Por otro lado, vale aclarar que se puede ser fanático en una institución que no lo es e inversamente, se puede no ser fanático en una institución que sí lo es.

III. El paciente que llega a análisis

Las angustias humanas serán siempre las mismas. Lo que será diferente será la subjetividad que las percibe y las tiene que resolver. Y es ahí donde estará el reto del viaje psicoanalítico que ofrecemos.

La mirada de los pacientes siempre ha tendido a estar evitando lo que causa su malestar. Esta vez, dadas las pantallas individuales, la cantidad de información disponible, la velocidad de los cambios para

escoger qué ver u oír, el uso de los algoritmos para darle a la persona muy rápido lo que quiere ver o llevarlo hacia donde se le quiere llevar según la lógica del mercado, la persona estará llena de información no digerida pero repetida hasta el adoctrinamiento por la cantidad de exposición.

La principal angustia para vencer será la que vendrá por dejar de ver la pantalla ansiolítica por la que estarán acostumbrados a filtrar y resolver todos los aspectos de su vida. La segunda será el tener que mirar dentro de uno a mismo a ver qué sale, siguiendo la regla del análisis. Soportar la espera, aprender a ser el emisor, a un ritmo propio y no el de la pantalla, mirando a otro o echado en un diván, será un reto tremendo. ¿Pero no ha sido siempre crear un paciente analítico el reto inicial? Aquí se me ocurre pensar en que, dado que la mirada de las personas estará más puesta en las pantallas y en lo virtual, tendríamos que pensar en un tiempo intermedio más largo entre el "cara a cara" y el diván para que la mirada salga de la pantalla, vaya a otro que no lo va a dejar solo sin pantalla para luego pasar a mirar dentro, echado en el diván, si es que se llega a eso.

Esta vez estará tomado por la espuma que los contenidos que la pantalla le ofrezca y lo que la extensa exposición haya instalado en su mente. Y los futuros analistas, y a eso vamos, serán personas que serán pacientes y que tendrán el reto de liberarse de esta modalidad de perder la libertad. Porque de eso se trata, de liberar a las mentes. Sin embargo, aquí está la trampa y puede aparecer nuestro "fanatismo analítico".

IV. El analista en formación y su posible fanatismo

Es probable que el analista en formación sea más consciente del contexto y no esté tan "poseído" por él, pero algo de la "forma mentis" tendrá. Y muchas de las respuestas para las angustias fundamentales estarán en su mente ya grabadas. Además de eso, se pondrá en "modo aprendiz", cosa inevitable para alguien que empieza un periodo de formación. Esto agrega una variable más de posible fanatización. Porque ahora no sólo tendrá que alejarse de las respuestas que tiene grabadas en la mente que no son suyas, sino que será formado en muchas otras respuestas de otros que no son suyas tampoco. Siguiendo con eso, se está enfrentando a algo nuevo, tanto en lograr una disposición mental de escucha como una técnica. Y como con cualquier arte que se aprende, primero se imita, se repite. Y estará en los que ayudan con la formación tener la ética para no reproducirse a sí mismos en los candidatos ni insertarles en la mente sólo una u otra teoría clínica, psicopatológica o estilo técnico… o sus propios miedos y fanatismo. Más aún, acompañarlos a descubrir su propia voz analítica en la producción de sus ensayos teóricos. Y, finalmente, y más importante quizás, el análisis. Suponiendo que está en manos de un buen analista, igual está entrando en una etapa en su vida en que se sentirá frágil por el proceso mismo de análisis y lo que éste implica. Y también el análisis didáctico tiene una cuota formativa. La opción de colgarse, para evitar todas estas angustias, de un analista, de una teoría o de una técnica, de una institución o de todas es muy alta. Mientras escribía estas líneas, pensaba en lo difícil que es formarse, pero también en lo delicado que es formar analistas. Influir

es inevitable, enseñar lo que uno sabe es lo que uno puede hacer cuando enseña y si uno ha armado su estilo analítico para tener una verdad a la qué aferrarse y con la cual "evangelizar analíticamente", se estará transmitiendo un adoctrinamiento, por más buena intención que uno tenga. Por otro lado, es imposible no tener algunos apoyos o "verdades básicas" y conocer esas teorías implícitas y reconocerlas como relativas a un estilo personal va a ser clave en los formadores para no generar clones de ellos mismos. Eso no le quita al analizado también el reto de lograr encontrar "la propia forma de escuchar" y "la propia voz" en su proceso de formación.

Quiero dejar algunas ideas que pueden ayudar a pensar en cómo ayudar a evitar que las angustias del candidato terminen en un "fanatismo psicoanalítico".

Hay que buscar que los estudios tengan un espacio para el análisis del contexto histórico en el que se realiza la formación. No se trata de que sean estudios de realidad nacional o geopolítica, pero sí de tener espacios de discusión sobre las realidades nacionales (políticas, culturales, económicas, históricas, etc.). El Psicoanálisis siempre ha tenido un pie puesto en el análisis de la cultura y esto no se puede perder (Freud, 1921, 1927, 1930).

Estar atentos a que conocer una teoría o pertenecer a una comunidad psicoanalítica nos haga una especie de "cruzados de la verdad sobre el ser humano" o "defensores de una ortodoxia de doctrina" en la que se logre creer que los misterios de la vida propia y de los pacientes

futuros ya estarán solucionados. Frases como “eso no es psicoanálisis”, “le falta análisis para estar bien” o “si hiciera análisis estaría mejor”, en determinados contextos, son peligrosas. Eso nos acercaría más a ser “instituciones totales” (Gofmann, 1961) que a ser institutos de formación.

El amor/admiración/identificación con los maestros, analistas, supervisores y lectores, si bien es inevitable, tiene que ser llevado al análisis, no como algo patológico, sino como algo a ser digerido para una fuente de conocimiento personal. No se trata de que no los queramos, todo lo contrario, los queremos por algo en particular. Hay que darnos un espacio para pensarlo. Y también a los que no queremos. Los formadores serán una especie de objeto transicional (Winnicott, 1953), pero no un líder a quien se sigue ciegamente. El liderazgo (Kernberg, 1998) ejercido por los formadores no es algo menor a tomar en cuenta, puede ser fanatizante (Volkan et al., 1998).

Si bien la formación tiene sus etapas y sus ritmos, los candidatos deben tener en mente que lo que tienen que desarrollar es su propia voz, estilo o personalidad analítica. Claro que para eso hay que saber teoría, experimentar en carne propia el análisis y aventurarse a pensar y escribir sobre Psicoanálisis, pero el objetivo tiene que ser ése: encontrar, creativamente y pensando bien las cosas, la propia forma de ser psicoanalista. Evitar la heterodoxia impulsiva o irreflexiva pero también la ortodoxia inflexible o culposa. Estos extremos son producto de una mente rígida, con resabios de fanatismos.

El objetivo de una formación tiene que ser liberarnos de los puntos ciegos sobre nosotros mismos, nuestro pensar teórico y nuestro trabajo y dejar esta indagación instalada para el resto de nuestro quehacer. Creo que el intercambio directo entre analistas en formación: desde las conversaciones informales, intercambios de producción teórica, hasta supervisiones y espacios de encuentro grupales (abiertos a lo personal) son clave. Conformar grupos de trabajo en el sentido bioniano va a ser muy importante (Bion, 1963).

Si nos formamos para ser ventanilleros de psicoanálisis cumpliendo lo que asumimos como órdenes de la institución, de nuestros mentores y creemos que el psicoanálisis sirve para todo y nos aislamos de la realidad y de otros tipos de conocimiento, estaremos más cerca de Eichmann que de Freud (Arendt, 2003).

Referencias

Arendt, H. (2003). Eichmann en Jerusalén. Lumen.

Bion, W. (1963). Experiencias en grupos. Paidós.

Cano, G. (2014). Del uso de la religión para la perversión: una mirada psicoanalítica al caso de Marcial Maciel. Tesis de maestría en Estudios Teóricos en Psicoanálisis. PUCP.

Cano, G. (2024). Los fanatismos en un mundo distópico. Trabajo resentado en el XVIII Congreso de la Sociedad Peruana de psicoanálisis. Lima, Perú.

Freud, S. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. En S. Freud, Obras Completas. Biblioteca Nueva.

Freud, S. (1927). El porvenir de una ilusión. En S. Freud, Obras Completas. Biblioteca Nueva.

Freud, S. (1930). El malestar en la cultura. En S. Freud, Obras Completas. Biblioteca Nueva.

Fromm, E. (2006). El miedo a la libertad. Paidós.

Goffman, E. (1961). Asylums. Anchor Books.

Kernberg, O. (1998) Ideology, Conflict and Leadership in Groups and Organizations. Yale University Press.

Sor, D. & Senet, M.R. (1993). Fanatismo. Ananké.

Volkan et al. (1998). The Psychodynamics or Leaders and Decision-Making. Mind and Human Interaction (9): pp. 129-181.

Winnicott, D. W. (1953). Transitional Objects and Transitional Phenomena. International Journal of Psychoanalysis (34): pp. 89-97.

PSICOANALISTAS FANÁTICOS

Sebastian Santa Cruz Ausin [1]

Explorar las profundidades de la mente de quienes trabajamos en salud mental a menudo revela fenómenos peculiares, y uno bastante intrigante es el de los *psicoanalistas fanáticos*. Los individuos a los que me quiero referir no solo practican el psicoanálisis, sino que lo veneran con una pasión que podría compararse con la de un adolescente en su primer concierto de Bad Bunny. Estos individuos, que algunos podrían llamar *apasionados estandartes del psicoanálisis*, levantan altares a figuras como Freud, Klein y Lacan, utilizando sus escritos no solo como textos de estudio sino como verdaderos evangelios.

La imagen de la consulta de un analista con un cuadro de Freud y un busto de Bion bajo el cual se queman inciensos que evocan las místicas atmósferas de los seminarios en París, son emblemáticas en la figura de estos personajes. Cada palabra de Freud sobre *El Chiste y su Relación con lo Inconsciente*, o de Winnicott sobre el *Objeto Transicional*, es recibida como revelaciones divinas que confirmarían la necesidad intrínseca de un osito de peluche para sobrevivir a la adultez.

Estos psicoanalistas viven los congresos, como este, como verdaderas peregrinaciones, donde entre cafés y debates discuten temas tan complejos como la pulsión de muerte con la misma pasión con que

1- Asociación Psicoanalítica Chilena.

otros debaten sobre los méritos deportivos de figuras como Messi o Cristiano Ronaldo.

Bueno, estoy dando por sentado que esta especie de analista existe y quizás ustedes podrían pensar lo contrario. Ayudémonos con las ideas de Wilfred Bion sobre el fanatismo y la verdad, quizás nos pueda servir para entender el fenómeno y no caer en caricaturas. Bion (1962) consideraba que el fanatismo se origina en parte por intolerancia a la incertidumbre y resistencia a la ambigüedad. En su teoría, el fanatismo es una manifestación de la tendencia de algunos individuos (¡psicoanalistas o no!), a adherirse rígidamente a una *verdad*, sin permitir la existencia de múltiples perspectivas. Plantea que esta rigidez impide el desarrollo del pensamiento complejo y obstaculiza la capacidad de pensar en términos de *contener* y *ser contenido*, cruciales para aprender de la experiencia. Argumentó que el fanatismo puede ser una defensa contra el cambio y el conocimiento doloroso sobre uno mismo, generando *ataques al vínculo*, donde las conexiones entre diferentes elementos del pensamiento son activamente rechazadas. Los fanáticos, en este marco, están defendiéndose del dolor y la confusión que puede surgir al confrontar la realidad y sus complejidades. ¿Cómo puede un analista hacer psicoanálisis en este estado mental? ¿Existe este tipo de analista?

Pero sigamos. Para entender mejor podemos utilizar el trabajo de Roosevelt Cassorla (2006), *Fanatismo: reflexiones a partir de fenómenos del campo analítico*. El autor explora el fanatismo no solo como un fenómeno social, sino también dentro del contexto

del psicoanálisis. Propone que ciertas disposiciones narcisistas y la formación de relaciones simbióticas durante la adolescencia pueden cultivar comportamientos fanáticos. Plantea que estas disposiciones están a menudo motivadas por la necesidad de defenderse contra sentimientos de terror y aniquilamiento. ¿Es el psicoanalista una especie particularmente vulnerable a ser presa de su disposición narcisista? Supuestamente no, ya que es un ejemplar que se analizó durante varios años. No debiese serlo si se analizó tanto. Sin embargo, conociendo de cerca a esta especie y habiendo habitado esta jungla, creo que sí. Hay algo en el narcisismo del analista fanático que no ha sido resuelto.

En psicoanálisis sabemos que el individuo narcisista proyecta una versión idealizada de sí mismo, sobre objetos externos o causas, como puede ser un líder político (¡o un gran analista!), un grupo social (¡como una sociedad psicoanalítica!), o una ideología, (¡como el psicoanálisis!). Esta proyección puede manifestarse en forma de fanatismo cuando el individuo se ve a sí mismo como parte de un todo superior o una causa grandiosa, perdiendo así la crítica hacia el objeto de su devoción. Desde este vértice, el analista fanático sería también un experto en proyectar sus propias inseguridades, impulsos inaceptables y defectos en los *otros*, aquellos que son vistos como diferentes, o más aún, como enemigos. Creo que este proceso no solo fortalece la adhesión del individuo a sus creencias, sino que también justifica su hostilidad hacia aquellos que están fuera de su sistema de creencias o teorías: ¡Malditos Conductistas!

Volviendo a Cassorla, él plantea que el fanatismo se caracteriza por una transformación de la percepción de la realidad, donde las creencias del fanático se vuelven indiscutibles y cualquier evidencia contradictoria es rechazada o distorsionada. Esto es paralelo a ciertos aspectos de la psicosis, como los delirios en el caso Schreber, donde las realidades internas se imponen sobre las percepciones externas, distorsionando la interacción con el mundo real. Para Cassorla, el concepto de las relaciones continente - contenido, clave en la teoría bioniana, parece esencial para entender el fenómeno. La falta de regulación emocional y contención adecuada durante la infancia puede predisponer a las personas al fanatismo, llevándolas a tener dificultades en la simbolización y la tolerancia de la frustración y la ambigüedad.

Volvamos a nuestro sujeto de estudio e imaginemos la mente de un psicoanalista como un vasto océano de ideas, emociones, teorías y creencias conscientes e inconscientes flotando en las corrientes del conocimiento y la experiencia personal. La transición de un analista a un fanático (suponiendo que no lo era antes de formarse) puede comenzar en las aguas tranquilas de la curiosidad académica y el deseo de ayudar a otros, pero poco a poco estas aguas pueden ser arrastradas hacia un vórtice de rigidez ideológica. Puede que en la medida que empieza a estudiar y entender más profundamente las teorías psicoanalíticas, se comience a identificar con ellas no solo a nivel intelectual, sino emocional. Podríamos pensar que, en este individuo, particularmente adepto a las teorías, éstas empiezan a formar parte de su ideal del yo: una versión de sí mismo que ve como

superior y más auténtica. Esta identificación va más allá de una mera aceptación de la teoría; él o ella se convierten en una fusión con la teoría. ¡Son la teoría o creen serlo! Ahora bien, para Freud el Ideal del Yo resulta de la convergencia del narcisismo (idealización del yo) y de las identificaciones con los padres, profesores y los ideales colectivos.

El ideal del yo sería un **modelo al que el sujeto intenta adecuarse**, el cual le permite **autoobservarse**. ¿¡Autoobservarse!? Nuestro amigo fanático no tiende a eso, más bien carece de autoobservación, no compara el yo actual con el ideal. No hace el duelo por el ideal perdido o nunca alcanzado. Lo anterior me hace pensar en que, más que determinado por el Ideal del Yo, nuestro personaje está enlazado férreamente con el Yo Ideal.

Detengámonos brevemente aquí para pensar sobre lo que voy planteando, ¡no vaya a ser que me fanatice con mis propias ideas! En psicoanálisis, los conceptos de Yo Ideal e Ideal del Yo son formaciones que, aunque relacionadas, poseen características y funciones distintas. El **Yo Ideal** se refiere a un ideal de omnipotencia narcisista forjado sobre el modelo del narcisismo infantil. Esta formación sería anterior al superyó y se asocia con un estado de unión del yo con el ello, caracterizado por la omnipotencia y la identificación primaria con figuras admiradas, como la madre o personajes históricos excepcionales (Laplanche & Pontalis, 2007). Por otro lado, el **Ideal del Yo** es una instancia de la personalidad que emerge de la convergencia del narcisismo y las identificaciones con los padres y sus sustitutos, así como con los ideales colectivos. Los autores sostienen que el

concepto, aunque a veces sinónimo del Super Yó, se distingue por ser un modelo al que el sujeto intenta adecuarse, representando una referencia para evaluar las propias realizaciones y manteniendo una función de observación y censura sobre el yo actual (Laplanche & Pontalis, 2007).

En resumen, mientras el Yo Ideal se centra en la omnipotencia narcisista y la identificación heroica, el **Ideal del Yo** se enfoca en las expectativas y normas internalizadas provenientes de figuras parentales y colectivas, funcionando como una guía. Luego de este breve análisis, pareciera que el Yo Ideal de nuestro psicoanalista fanático le permite una identificación heroica y omnipotente, experimentando una muy gratificante sensación de grandeza, alineado perfectamente con el ideal narcisista de omnipotencia. Es así que… ¡Ha nacido el Súper Analista! ¿Estaré exagerando? Empiezo a dudar, pero continuemos.

Vimos que en la vida del sujeto que nos convoca, las ideas del psicoanálisis ya no son vistas como herramientas para entender la mente, sino como verdades absolutas que definen la realidad. La tolerancia a las perspectivas alternativas disminuye y cualquier desafío a sus creencias se vive como un ataque personal al Yo Ideal. El psicoanalista fanático puede empezar a rodearse exclusivamente de otros como él, de otros super héroes que refuerzan estas creencias, creando una cámara de eco donde las ideas contrarias son sistemáticamente excluidas, por ende, estos seres se agrupan y aíslan. Se encuentra ahora en un estado de constante defensa de su identidad, que ha sido construida alrededor del psicoanálisis. Cualquier crítica

a la teoría se convierte en una amenaza personal y existencial. La defensa se aprecia a simple vista en una actitud de soberbia. ¿Conocen analistas así en sus asociaciones? Esta defensa puede manifestarse en debates acalorados, artículos fervorosos y una práctica clínica donde solo se valida lo que coincide con su teoría adoptada y alineada con el Yo Ideal.

¿Cuándo se transforma la confianza en la propia competencia profesional en una ciega soberbia que rechaza otras perspectivas? ¿De qué manera la necesidad de mantener una imagen de experto inquebrantable puede llevar a un psicoanalista a negar sus propias dudas y vulnerabilidades?

Pienso que el miedo al vacío, a la ambigüedad y a lo desconocido de sí mismo juega un papel crucial en el mantenimiento del papel de psicoanalista fanático. Quizás sienta terror a lo que suceda si las teorías que ha venerado resultan ser imperfectas o incompletas. Una caída al vacío por destrucción del ideal, que para este personaje pasa a ser una seria desorganización del Yo. Armó una verdad absoluta sobre la cual no puede hacer duelos. En lugar de explorar sus incertidumbres, se refugia en lo familiar, lo conocido, aunque esto signifique ignorar nuevas evidencias o perspectivas. El refugio puede ser reforzado por la institución psicoanalítica y resultar un bastión desde donde mantener su fanatismo. Una fortaleza desde donde refugiarse del enemigo de las dudas sobre su identidad. Quizás el psicoanalista fanático es un ser frágil que se viste con ropas ajenas para afirmar una identidad que en el fondo es quebradiza. Desde este vértice, creo que

es responsabilidad de la comunidad psicoanalítica no discriminarlos, sino integrarlos. ¿Existe en la IPA un "Comité de Apoyo al Analista Fanático?" ¿Proponemos a la IPA este Comité? No se rían, cualquiera, ustedes o yo, en ciertas circunstancias, podemos volvernos fanáticos, está en la fragilidad de nuestra naturaleza humana.

El reconocimiento de las dinámicas conscientes y preconscientes de este analista puede ser el primer paso hacia su recuperación. Si nuestro psicoanalista puede empezar a ver su fanatismo no como una fortaleza, sino como una barrera para el verdadero entendimiento y crecimiento, puede comenzar a desafiar sus propias percepciones y abrirse a un mundo más matizado, sin caer en el vacío ni a desorganizarse.

A pesar de sus excentricidades, tener un psicoanalista fanático en tu vida quizás no es del todo malo. Su apasionado interés muchas veces moviliza a las instituciones a generar actividades como esta, a hacer múltiples seminarios y charlas. También pueden ser grandes publicistas del psicoanálisis o motivadores de analistas que tienen una identidad psicoanalítica más frágil.

¿Tendrá curación esta terrible condición? No lo sé, sin embargo, creo que la transición de un psicoanalista fanático y su posible redención es un viaje profundamente personal donde debe desarrollar la capacidad de duelo. Viaje lleno de desafíos y oportunidades para el crecimiento personal y profesional. Quizás la clave está en mantener la curiosidad y la humildad, recordando con paciencia que el psicoanálisis, como toda ciencia, está en constante evolución y sujeto a revisión y debate.

Referencias

Bion, W. R. (1962). Learning from Experience. Heinemann.

Cassorla, R. M. S. (2006). Fanatismo: reflexiones a partir de fenómenos del campo analítico. Revista Brasileira de Psicanálise, 40(4): 113-129.

Lagache, D. (1995) El psicoanálisis y la estructura de la personalidad.

Revista de la Asociación Psicoanalítica de Madrid, (83): 307 -336.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2007). Diccionario de psicoanálisis. Paidós.

MUNDO



CONSTRUYENDO UN PSICOANÁLISIS CENTROAMERICANO, MÁS ALLÁ DE LA COLONIZACIÓN Y EL FANATISMO

Claudia Castro, Yasser Gutiérrez, Claudia Melville, Lisseth Paz, Sorel Sosa y Liza M. Zachrisson [1]

I. Introducción

Para el psicoanálisis institucional Centro América es una hoja en blanco, lista para ser escrita con propuestas que puedan adaptarse a nuestras realidades (tropicalizarse); sin antecesores propios ya establecidos, el psicoanálisis local anhela trazar una línea aparte del fanatismo y adoctrinamiento extranjero.

Practicar el psicoanálisis en esta región representa un reto que nos hace identificarnos con un Freud solitario que va abriendo campo con una propuesta muy profunda y nueva para el territorio. Nuestra historia de conquista y la colonia española evoca la cautela de ser colonizados por un modelo de psicoanálisis que se debe replicar, muchas veces, sin tener en cuenta el "nuevo terreno" con sus particularidades y necesidades. Las características específicas de la formación con ILaP no han fomentado el fanatismo, como hemos podido observar y escuchar de otros países con instituciones IPA.

Nos enfrentamos, a la vez, con el desafío de que la teoría es pensada obsoleta, en tiempos en que reinan las propuestas superficiales y rápidas, que responden a la demanda de inmediatez de la época.

1 - Instituto Latinoamericano de Psicoanálisis.

Realizamos una tarea ardua: recorriendo la formación, abriendo brecha en la región, mientras elaboramos la propuesta de algo distinto para armar el terreno que nos permita construir un psicoanálisis de cepa centroamericana.

II. De abrir brecha o "chapear el monte"

Al salir de la capital y viajar al interior de nuestros países, entre la belleza natural de nuestra Centroamérica, encontramos campos de vegetación que han crecido libremente (el "monte" como le decimos en Guatemala). A veces son simples hierbas, a veces selva; podemos observar a personas con un machete, haciendo espacio para lo que ha de construirse o sembrase, preparando el terreno para lo que vendrá. A esta actividad la llamamos "chapeando el monte". Y así nos identificamos con lo que, desde nuestros espacios, hemos hecho en nuestros países: Guatemala, El Salvador y Nicaragua; estamos chapeando el monte, para hacernos un terreno que permita sembrar las semillas que no han germinado, de un método que habilita un espacio para pensar, para escuchar y conocer nuestra realidad psíquica guanaca, *nica y chapina.*

Ser los primeros es un reto complejo que demanda múltiples funciones, pues a la vez que preparamos el terreno local considerando las particularidades de nuestros países y cultura, buscamos despertar el deseo y la duda en los colegas que nos rodean para empezar a construir una comunidad mientras nos formamos con el trípode en nuestro instituto ILAP. Esto nos exige trabajar como pulpos: con el

machete en una mano, el libro en otra, sosteniendo las herramientas de constructor y recostándonos en el diván para que todo este trabajo surja desde nuestro mundo interno hacia nuestra cultura.

Las características socio-económicas de nuestra región también incluyen que mantengamos uno (o más trabajos) para poder sostener la formación, atendiendo nuestros roles familiares, laborales y sociales. Es la apuesta al psicoanálisis que permite pensar y no sólo repetir la que sostiene nuestra pasión y compromiso, oportunidad, que, de no ser por la posibilidad de lo virtual, probablemente no hubiésemos podido profundizar.

III. Centro América "en medio de todos"

Nuestra historia está llena de batallas en las que se juega el imponerse, ante nuestras creencias, religiones, moneda, etc. Desde la colonización, hasta la política actual, nos hemos enfrentado a conflictos ideológicos, resultando en poca capacidad reflexiva, polarización y fanatismo.

"Y enviamos comitiva con regalos y bienvenidas
y nos hicieron prisioneros los piadosos misioneros.
Déjennos en paz, déjennos en paz
Tomen el oro y vuelvan al mar
Y dejamos las ciudades
pues nos trataron como animales
y nos marcaron en las frentes
y nos hicieron sus propiedades"
(grupo musical guatemalteco Alux Nahual)

Desde la conquista, atravesado por la colonia, nuestros países experimentan el trauma que vuelve pasivo el pensar, colocados usualmente en posición de objetos, nombrados y definidos por otros; donde pensar asusta y es el mayor acto de rebeldía. El resultado son países en los cuales se prefiere seguir por caminos cortos que no impliquen esfuerzo. En cuanto a salud mental, pareciera como si fueramos regresando a aquellos tiempos de manicomios, en donde el electrochoque se utilizaba como terapia, en donde se prefiere encasillar y medicar en vez de escuchar y contener.

Hacer psicoanálisis en Centro América resulta necesario. Nos encontramos en el "centro": puente de migraciones, de presiones políticas y de influencias del norte y del sur; como diría Arjona: "las barras y las estrellas se adueñan de mi bandera". El psicoanálisis representa una posibilidad de rescatar lo subjetivo de quienes habitamos la región, así como lo representativo de nuestro espacio sin negar las influencias que nos empapan y permean.

En Latinoamérica existe desde hace muchos años una fuerte trayectoria psicoanalítica. Sin embargo, Centro América representa un "nuevo terreno" para el psicoanálisis y sus propuestas. Esto conlleva un desafío para quienes tenemos el deseo de ejercer como psicoanalistas en la región. Quienes nos proponemos la tarea de trazar los propios senderos psicoanalíticos, nos enfrentamos a la realidad de encontrarnos en países en los que "Freud es considerado una pieza de museo, no para ser exhibido, sino oculto entre viejos tomos de libros que ya nadie lee" (Salgado, 2024).

En la academia, la palabra Psicoanálisis, hace alusión a “algo ortodoxo”, teorías “sexuales”, un enfoque que ahora “nadie utiliza”, y que muy pocos parecen estar dispuestos a abrirse a escuchar, y menos a profundizar. En tiempos en donde la superficialidad destaca, las “fórmulas para ser felices” están disponibles, en donde se camina con la mirada al celular para evitar intimar emocionalmente con el otro, pero también en donde aparecen silencios que gritan sedientos de ser escuchados, tomados en cuenta, contenidos. Habitamos una realidad distinta a aquella en la que vivieron los primeros pensadores psicoanalíticos.

IV. De ser conquistados a la subjetivación

“Eran estudiantes
Eran la patria pensante
Eran los libros andantes
que al tirano se enfrentó
Y a cambio recibieron Balas,
muerte y represión”
(Cantautor nicaragüense Jandir Rodríguez).

Una de las importantes secuelas de la forma voraz de nuestra conquista y colonia, fue un funcionamiento primitivo anhelando un cacique, que nos ha dejado siempre al borde del fanatismo.

Nos hemos preguntado, ¿qué hacer con ese fanatismo? ¿Cómo sostener nuestro deseo frente al deseo del otro, aún de aquellos que nos están

apoyando en la construcción de esto nuevo? Será necesario aprender primero, como analistas en formación, a escucharnos ¿Cómo tomar al psicoanálisis sin replicarlo como LA única forma de atender? Sin cuestionamientos y lejos de los dogmas. Una primera respuesta será un psicoanálisis de cepa centroamericana, con sus huellas y marcas; a través de una formación de alta calidad.

Al participar en las actividades con la comunidad FEPAL, OCAL e IPA, es interesante escuchar las críticas y cuestionamientos que los analistas hacen a sus instituciones. Es una escucha que hacemos desde un lugar que no es ni adentro ni afuera, es en un espacio entre, pues a la vez que estamos dentro de la institución internacional, también estamos fuera de ella en un sector que no tiene institución local. En un espacio que a su vez es transicional y potencial. Estas críticas que realizan al edificio que en cada una de sus ciudades han construido, sostienen un debate sobre qué preservar, cómo evolucionar, qué derribar. Es una edificación que mantienen en constante reconstrucción. Y ante eso nos preguntamos: ¿cómo construir nuestras instituciones? En nuestros terrenos, sin negar o desmentir las características de nuestras culturas.

Sin la tradición psicoanalítica previa, también perdemos el fanatismo y el dogma que en ocasiones percibimos al entrar en contacto con otros institutos y asociaciones. Esto es deseo puro acompañado del impulso epistemofílico que nos conduce a preguntar, a cuestionar y debatir lo que en otros institutos ya tienen formado. Como en nuestros países nunca se ha hecho, entramos con preguntas: ¿por qué lo hacen así?, ¿por qué lo hacían así y lo abandonaron?, ¿por qué lo quieren

cambiar? Como el curioso observador que llega de visita a una casa y se pregunta sobre sus tradiciones y rituales, para entender, para llevarse algo enriquecedor de lo que presencia ahí, y a su vez para no repetir ni replicar en su propia casa lo ajeno.

En las jornadas virtuales de ILAP del 2022 y durante un triángulo de OCAL en 2023, proponíamos la idea de "*tropicalizar el psicoanálisis*":

> concepto tomado de la economía, tropicalizar refiere a la operación de adaptar las características de lo que se lleva a los ritmos específicos de la región. En términos más apropiados, son esas adaptaciones necesarias para la internalización adecuada (Castro, Melville, Zachrisson, 2023, pp 105-106).

En 2003 Ambev, una empresa de bebidas importaba a El Salvador, Guatemala y Nicaragua la cerveza brasileña Brahma, sin embargo, en nuestra región la palabra brama se asocia inmediatamente a los animales en celo.Decidieron entonces cambiar el nombre del producto a Brahva a nivel local, tropicalizándolo.

Aprendemos a hacer psicoanálisis, pero no lo hacemos de la misma forma ni bajo las mismas circunstancias ni condiciones, esa es a la vez la belleza y la complejidad del psicoanálisis, da lugar a la singularidad para que pueda ser alojado y habitado en los distintos rincones del mundo. La falta de presencia de la IPA en el llamado "tercer mundo" delata la necesidad de sensibilizarse a los funcionamientos de estas regiones, adaptándose.

Nos identificamos más con un Freud que hacía camino al andar, construyendo un psicoanálisis en su terreno y en su época, inicialmente en soledad, armando grupo para edificar y construir. Un Freud que al inicio se acompañaba de Fliess a la distancia con cartas, y ahora esas cartas son nuestros chats con colegas en otras partes del mundo que nos acompañan.

V. Apuesta a pensar

"No te olvides del consejo, hay que romper el silencio.
Por eso, Hay que romper el silencio del silencio tuyo…"
(Cantautor nicaragüense Perrozompopo)

Machetear y hacer psicoanálisis en Centroamérica, internalizando lo creado, pero también creando a partir de las exigencias de lo distintivo de nuestra región, implica escuchar lo que se necesita, las carencias y los retos del formado y del paciente centroamericano.

En nuestras regiones hay una polarización entre gobiernos poco atravesados por la Ley y por otros que "son" la Ley. Esto implica una identificación con el opresor o una falta interna de límites que se expresa en diversas formas: pacientes que portan armas, que no registran límites, donde los pensamientos se mantienen en forma primitiva habiendo un déficit en la creación de la "máquina para pensar" limitando la transformación percepciones rudimentarias en pensamientos (Bion,1990). Se nos presentan sujetos con dificultades para establecer un encuadre o que se viven "paranoias" que bien responden a experiencias de violencia sin instituciones que amparen

desde lo real ni desde lo psíquico. Una verdadera vivencia de desamparo. El analista en formación en nuestros países centroamericanos se ve en la necesidad de contener y de "pensar lo impensable" (Winnicott, 1963) junto al paciente.

También nos encontramos con el paciente actual, el paciente del vacío: incapacitado para pensar. Surgen desbordes en adicciones y otras formaciones que se disfrazan de pensamientos: rumiaciones, ideas rígidas, que pueden llegar hasta lo fanático. No es casualidad la proliferación de mega templos e iglesias.

La propuesta psicoanalítica cobra relevancia en la región, ofreciendo un espacio distinto, un espacio para pensar. Ser analista en formación en países en donde no hay tradición psicoanalítica, da lugar a construir un camino propio, con los retos que esto conlleva. Por un lado, al ser un *lienzo en blanco* nos enfrentamos a vernos invadidos por teorías o modelos ya establecidos, que funcionan como imperativos aseguir para *ser analista.* No obstante, la formación a través del ILaP, nos ha brindado la experiencia de encontrarnos en un verdadero espacio potencial en el que se posibilita la capacidad de pensar y se fomenta el deseo de cada analista en formación. Es así como en una región con ausencia de tradición psicoanalítica, bajo el amparo del respeto por la subjetividad, pueden crearse verdaderos espacios para pensar, tanto para nosotros como analistas en formación como en nuestros consultorios. Como dice Green (1990) "es el espacio de la potencialidad y de la ausencia porque, como Freud fue el primero en verlo, es en la ausencia del objeto en donde se forma la representación de este, fuente de todo pensamiento".

VI. Anhelos

"Pintando en la pizarra del vacío,
en el final y en el principio sus historias por nacer"
(Grupo musical salvadoreño Broncco).

No estar permeados por una institución que nos anteceda nos da la posibilidad de descubrirla y la apertura a cuestionarla; no desde un sometimiento ni fanático ni adoctrinador; sino desde la genuina pregunta que curiosamente busca una respuesta que haga sentido en nuestra clínica del 2024 para el territorio centroamericano, desde una postura que permita la exogamia.

Un anhelo de una formación de alta calidad, exogámica y enriquecida con la amplitud que permite los espacios para pensar. Buscamos con ahínco velar por la marca propia de la trayectoria, un inicio que preserve el esfuerzo y la garra de esta tierra: digna y valiente desde su historia, en su presente y alejándonos del fanatismo hacia el futuro.

No somos los primeros en fundar una institución psicoanalítica, pero sí somos los primeros en hacerlo aquí y ahora. Reconociendo las particularidades de lo que ese aquí implica, que no es lo mismo que *allá* ni que *en aquel entonces.*

Referencias

Bion, W. (1990). Volviendo a pensar. Hormé.

Castro, C.; Melville, C.; y Zachrisson, L.M. (2023). Senderos lúdicos entre el diván y la comunidad en Instituto Latinoamericano de Psicoanálisis, La escucha analítica, jornadas virtuales de difusión mayo de 2022 (pp.105-111). Impresión Gráfica Mosca.

Green, A. (1990). De locuras privadas. Amorrortu Editores

Salgado David, J. (2024). Un sueño, un destino: El camino del psicoanálisis hacia San Pedro Sula. Calibán - RLP, 22(1), 216-221.

Winnicott D. (1963). “El miedo al derrumbe”. En D. Winnicott, Exploraciones psicoanalíticas I. Paidós.

CONSTRUYENDO UN PSICOANÁLISIS CENTROAMERICANO, MÁS ALLÁ DE LA COLONIZACIÓN Y EL FANATISMO

Claudia Castro, Yasser Gutiérrez, Claudia Melville, Lisseth Paz, Sorel Sosa y Liza M. Zachrisson

El psicoanálisis y la psiquiatría en el discurso religioso de los Testigos de Jehová

Pedro David González Martínez [1]

El mundo que nos rodea en nuestro quehacer analítico nos enfrenta a casos clínicos donde los pacientes profesan de manera fundamentalista una religión, que, al estar sumamente centralizada en su vida psíquica, nos plantea como analistas serias dificultades en nuestro trabajo. El objetivo del presente documento es realizar una descripción sobre la mirada que tiene una de las religiones cristianas más conservadoras en el mundo, los Testigos de Jehová, sobre el psicoanálisis y la psiquiatría. Expondré una revisión desde su propia literatura, iniciando con su historia, organización, ideas centrales religiosas y sus prohibiciones, sobre principales postulados relacionados a la recomendación, o no, para acercarse a tratamientos de sus padecimientos psíquicos.

Con base en información de su propio portal oficial, actualmente la agrupación religiosa tiene presencia en 239 países con un aproximado de más de 8 millones de miembros oficiales. La organización religiosa está constituida legalmente como *The Watchtower Bible and Tract Society* con sede en Brooklyn Estados Unidos de Norteamérica, fundada por Charles Taze Rusell, un próspero economista que se dedicó al estudio de la Biblia. En el año de 1879 fue el editor de su publicación *Zion´s Watch Tower and Herald of Christ´s Presence*, hoy conocida como *La Atalaya* (Barrios, 2020).

1- AMPIEP

Su estructura organizacional es vertical. Sus miembros que se encuentran en las bases son los predicadores, de ahí suben a los líderes de la congregación llamados “Ancianos”, los cuales forman un comité judicial donde administran, regulan y aplican medidas disciplinarias a los miembros. Todas las congregaciones pertenecen a un circuito que incluyen entre 20 a 25 congregaciones y son supervisadas por un superintendente, este le reporta al distrital, el distrital al director de cada país, y este a su vez reporta a la matriz en los Estados Unidos, llamándose el “Cuerpo gobernante”. (Barrios, 2020).

En su portal mencionan una lista de 15 creencias centrales y dogmas de la religión, entre las principales se encuentran: su religión es monoteísta únicamente veneran a Dios Jehová; creen que el mensaje de Dios para la humanidad se encuentra exclusivamente en la Biblia; reconocen a Jesús como hijo de Dios y siguen sus enseñanzas; creen que la humanidad vive en los últimos días (idea central de su proselitismo) y que Dios instaurará un reino reemplazando al gobierno de los humanos. Para los Testigos, las personas pueden librarse del pecado y la muerte gracias al sacrificio de Jesús, esto al poner su fe en Dios y bautizarse en su religión. La maldad y el sufrimiento lo explican por obra de Satanás, el ángel que se rebeló contra Dios y fue enviado a la tierra junto con sus seguidores en el año 1914, los testigos creen en la existencia del cielo en donde únicamente serán llamados a vivir ahí 144 mil personas que gobernarán con Jesús en el Reino, los demás justos vivirán en la tierra, en el paraíso prometido. No creen en la existencia del infierno, si no que cuando una persona muere, no hay nada. La esperanza es que Dios resucite a sus justos

una vez instaurado el paraíso en la tierra después de lo que llaman el Armagedón. Ven a la familia desde la concepción bíblica: la unión en matrimonio entre un hombre y una mujer. Mencionan que la única razón válida para poder divorciarse es la infidelidad de alguno de los miembros.

Al ser una asociación religiosa ultraconservadora, se rigen bajo reglas morales que controlan el comportamiento en un sentido totalitario. Dentro de las comunes son: prohibición de rendir honores a los símbolos patrios, en este punto también se agregan la prohibición de festejar cumpleaños, días festivos, Navidad, día de las madres, entre otros (Posinsky,1962). Tampoco permiten la transfusión de sangre, no están permitidos a trabajar en la política ni realizar servicio militar (este detalle es importante, ya que, durante la segunda guerra mundial en la Alemania nazi, los miembros de esta religión fueron enviados a campos de concentración colocándoles un triángulo purpura, todo debido a su negación a tomar las armas y a unirse al ejército). Las relaciones sexuales antes del matrimonio están prohibidas, así como la masturbación y sólo se debe tener una pareja de la misma religión.

En caso de violación de estas y más normas morales que tienen los miembros estarán sujetos a varias reprimendas, que van desde la censura pública hasta la expulsión de la religión.

Al ser una religión centralizadora sus enseñanzas tanto en sus reuniones públicas como en su literatura invitan a buscar consejo y alivio emocional únicamente al acercarse a los ancianos y otras autoridades religiosas.

En el artículo publicado llamado “A dónde dirigirse por consejo” en la revista Atalaya (1963) citan al mismo Freud, donde menciona que para él la religión es una gran ilusión de la cual el hombre se deshará algún día. Con base en esto, motivan a sus miembros a no considerar el psicoanálisis como una opción para buscar consejo o tratarse, ya que mencionan: “los analistas a menudo contradicen a Dios, por medio de aconsejar a los que tienen remordimientos que la fornicación, el adulterio, y la sodomía no son malos de por sí” (La Atalaya,1963). Continúan diciendo que el psicoanálisis lo que hace es exterminar la conciencia.

Para 1975, un año de publicaciones y campañas constantes en contra de la recomendación del psicoanálisis y la psiquiatría, publican en su sección “Pregunta de los lectores” en la misma revista *Atalaya* lo siguiente: “¿Les parece a los testigos de jehová que sea apropiado el consultar a un psiquiatra?” (La Atalaya,1963). En este artículo describen de manera contradictoria y tímidamente su postura, mencionando que la psiquiatría moderna, aunque se especializan en el tratamiento de los desórdenes mentales, tiene métodos que difieren entre sí, ya que, según el artículo, poco saben del funcionamiento mental. Con relación al psicoanálisis refuerzan la idea del artículo mencionado de 1963 y escriben que Freud dijo que la creencia en Dios era infantil y que no estaba en armonía con la realidad. La conclusión de esta respuesta expresa que, a pesar de que no se les prohíbe acudir a algún tratamiento psiquiátrico o psicológico, mencionan, sin embargo, que los cristianos verdaderos tienen profunda fe en que la Biblia tiene poder para suministrar guía útil (La Atalaya, 1975) y motivan a los

testigos a acercarse a los ancianos (autoridades religiosas de sus congregaciones) para liberar su carga con ellos y resolverlo a través de la oración.

En su revista *¡Despertad!* publican el artículo llamado "¿Deberían sus sueños guiar su vida?" (1975). En ese documento, mencionan que Sigmund Freud, conocido como el fundador del psicoanálisis, declaró que los sueños son la carretera real al inconsciente. Posteriormente explican que las interpretaciones de los analistas no son confiables y resultan incluso, contradictorias entre sí. Citando en su propio artículo a autores como la Dra. Joyce Brother, psicóloga estadounidense, la cual contradice la tesis freudiana que los sueños funcionan como satisfacción de deseos reprimidos, dice; "Las opiniones de Freud acerca de los sueños, por muy sugestivas que sean, no proveen una explicación cabal, debido a que las personas adultas no son las únicas que sueñan" (Despertad!, 1975). En el final de la sección del documento invitan a sus lectores a buscar en la Biblia su guía vital, la cual dicen que no es vaga, dudosa en cuanto a significado comparándolo con la interpretación de los sueños.

Siguiendo con sus publicaciones en 1975 publican un artículo llamado "Los psiquíatras reemplazan a los clérigos… ¿por qué?" en su revista ¡Despertad! Ahí explican la tendencia de ese año en América del Norte de que las personas acuden más a buscar atención y recomendaciones para aliviar sus síntomas afectivos y mentales que a lo clérigos. Dicen que "otra razón por la que muchas más personas están yendo a los psiquiatras y psicólogos es que están más interesadas en lo que parece

provechoso que en lo que es correcto. Los profesionales de la salud mental en su mayoría no emiten juicios morales" (¡Despertad!, 1975). Con base en eso explican el aumento de conductas como crímenes, la inmoralidad sexual, y el alcoholismo. Además, explican que los profesionales de salud mental no pueden contestar preguntas como ¿Por qué estoy aquí? ¿Qué me depara el destino?

Para 1988 en su artículo "La angustia mental… lo que puede hacer el cristiano afligido" se observa un ligero cambio de postura ante los padecimientos mentales, sus causas y la recomendación de la psiquiatría, pero no sobre el psicoanálisis. Explican que las causas de la angustia principalmente son derivados de algún padecimiento físico como desequilibrios químicos, factores hereditarios y por hábitos alimenticios, también, a diferencia de los artículos anteriores mencionados mencionan al trauma por una experiencia exterior intensa, como abuso sexual, violación o abuso de drogas que hayan experimentado antes de afiliarse como miembros de la iglesia.

La postura ante la psiquiatría cambió ampliamente, al incluso comentar casos de tratamiento exitosos en algunos de sus miembros que fueron diagnosticados con esquizofrenia, depresión y trastornos maniaco-depresivo. Con respecto al psicoanálisis no flexibilizan su opinión, explican que "no es recomendable acudir a psicoanálisis ya que no entienden los principios cristianos, los contradicen y algunos terapeutas hasta han concluido que seguir el estricto código moral de la Biblia es la fuente de los problemas de la persona" (La Atalaya, 1988).

Al poder su postura fundamentalista en contra de la recomendación hacia el psicoanálisis, considero que no podemos dejar de lado toda la serie de dificultades adaptativas que viven los integrantes de esta religión. No sólo observamos serias dificultades en el manejo y expresión del desarrollo libidinal, si no también en la calidad de sus relaciones objétales, además, la existencia de angustias reales al ser amenazados constantemente de ser sujetos a expulsiones sociales, familiares, a sentirse rechazados por Dios y a perder la promesa de la vida eterna, es decir, a ser castigados con la muerte. Volkan en 1997 menciona que el sentimiento de identidad de los individuos fundamentalistas es precario e inestable lleno de sentimientos de vergüenza y humillación, por esta razón dice que estos individuos se identifican con un grupo regido por una ideología que les ofrezca la vía redentora de un triunfo heroico, y agrega: “Se rehúsan a desplazarse entre ilusión y realidad e intentan mantener a la ilusión como su realidad particular” (Volkan,2009, como se citó en Benedetti, 2016). Por lo tanto, como analistas si nos llegan estos pacientes al consultorio nos encontraremos con la dificultad para trabajar con una estructura súper yoica sumamente rígida y de un yo que se identifica y se somete a un objeto totalitario que brinda protección pero que sojuzga la totalidad del mundo interno del paciente (Sebek, 2000 como se citó en Benedetti, 2016) Esto daría lugar a pensar como diría Winnicott a la destrucción total del verdadero self. (Winnicott, 1960\2007, como se citó en Benedetti, 2016).

Schulman (2004) En su artículo *Pshycotherapy and religión... A paradox?* nos explica que trabajar con pacientes con estas características

representa varios retos que el analista debe considerar, en especial en el campo de la transferencia y contratransferencia así como en el uso de la interpretación. Al relatarnos varios casos de tratamiento con pacientes que profesaban diversas religiones viviéndolas con total fanatismo se encontraba con sentimientos de frustración y duda durante el análisis de estos pacientes preguntándose, ¿Qué parte del material religioso que el paciente cuenta se puede interpretar? ¿Cómo entender la idea de Dios del paciente? Recordando que una de las metas del análisis es traer insights y que el paciente pueda cuestionar y autocuestionarse ¿Qué puede hacer entonces el analista con un paciente que tiene una idea radical que el cuestionarse y dudar es un acto imposible de pensar en su religión? ¿Qué puede hacer el analista cuando el paciente no permite el examen y entendimiento de sus impulsos? Y ahora nos podemos preguntar ¿Qué habrá sucedido en su sistema de creencias para que el paciente acuda solicitando ayuda a nuestro consultorio? Schulman menciona que el control del superyó no sólo abarca al paciente si no al mismo analista, que inhibe el análisis y la examinación de esta parte central en su psique.

Referencias:

Barrios, J. (2020). El sistema ético-religioso de los Testigos de Jehová como mecanismo de reinvindicación de las mujeres en la sociedad mexicana. La experiencia de mujeres mexicanas conversas. Cuicuilco. Rev. Cienc.antropol, 27(77).

Benedetti, V. (2016). Psicoanálisis y religión, entre creatividad y fundamentalismo. Universidad de Buenos Aires. Tesis de grado.

¡Despertad! (1975). ¿Deberían sus sueños guiar su vida? Recuperado de: https://wol.jw.org/es/wol/d/r4/lp-s/101975040?q=psicoan%C3%A1lisis&p=par

¡Despertad! (1975) Los psiquíatras reemplazan a los clérigos… ¿Por qué? Recuperado de: https://wol.jw.org/es/wol/d/r4/lp-s/101975607?q=freud&p=par

Freud, S. (1927). El porvenir de una ilusión. En S. Freud, Obras completas II, (pp. 73-99). Biblioteca Nueva

La Atalaya. Anunciando el Reino de Jehová. (1963). A dónde dirigirse por consejo. Recuperado de: https://wol.jw.org/es/wol/d/r4/lp-s/1963041?q=psicoan%C3%A1lisis&p=par

La Atalaya. Anunciando el Reino de Jehová. (1975). Pregunta de los lectores. Recuperado de: https://wol.jw.org/es/wol/d/r4/lp-s/1975287?q=psicoan%C3%A1lisis&p=par

La Atalaya. Anunciando el Reino de Jehová. (1988). La angustia mental… lo que puede hacer el cristiano afligido. Recuperado de: https://wol.jw.org/es/wol/d/r4/lp-s/1988768?q=psicoan%C3%A1lisis&p=par

Posinsky, S. (1962) Ritual, Neurotic and Social. American Imago (19): 375-390

Schulman, R. (2004) Psychoterapy and Religion- A Paradox. International Journal of Applied Pshychoanalityc Studies (1):73-81

ESCREVIVÊNCIA NA PESQUISA EM PSICANÁLISE: POSSIBILIDADES DE NOMEAÇÃO E DE AGENCIAMENTO COLETIVO DE CORPOS-SUJEITOS NEGROS

Miriam Cristiane Alves [1]

O estudo discute a escrevivência como estratégia metodológica e poético-política de pesquisa em psicanálise, a partir da subversão das noções de realidade e ficção, perspectivando torsões e criações de hipóteses conceituais que contribuam com a formação psicanalítica. A escrevivência é tomada, conforme Conceição Evaristo, enquanto ato político de corpos-sujeitos negros que se apoderam da escrita de si, em um processo encharcado pela singularidade do ser negro e, ao mesmo tempo, pelo agenciamento coletivo de vozes negras frente à violência racista.

Para pensar-sentir a face poético-política da pesquisa em psicanálise, convoco Audre Lorde, que afirma que poesia não é luxo, mas sim uma necessidade de existência, pois é na poesia que inventamos possibilidades de nomear o que ainda não tem nome. Freud, em *A Interpretação dos Sonhos*, nos lembra que a realidade psíquica é uma forma de existência que não pode ser confundida com a realidade material. A contraproposta que faço a Freud é: quais histórias podem, mesmo bastardas, ser paridas pelo emaranhado entre as realidades psíquica e material? A ficção escrevivida por vozes negras produz novas realidades, sejam elas psíquica e/ou material.

1- Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Presidenta do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (CRPRS). Diretora da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Psicanalista em formação no Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

A aposta que assento com pés descalços na pesquisa em psicanálise passa pela compreensão da(s) realidade(s) no plural.

I. Abrindo caminhos... a poético-política da ficção

O presente texto ensaístico se apresenta como uma conversação aberta sobre a pesquisa em psicanálise, a partir da experiência de corpos-sujeitos negros enquanto uma dimensão importante para compor o clássico tripé (seminários teóricos, análise pessoal e supervisão) que marca diferentes modos de experienciar a formação analítica em suas diversas instituições. Tal conversação nasce da invisibilidade e, sobretudo, insipiência de uma psicanálise que escute as nuances da singularidade de ser um corpo-sujeito negro em uma sociedade edificada pela violência colonial, estruturada pelo racismo.

Desde um caminho tributário de uma experiência prévia de pesquisa em psicologia social, me atrevo a transmutar meu olhar-sentir a pesquisa em psicanálise navegando por uma concepção de "ciência que parte de uma racionalidade não linear, forjada na complementaridade entre razão e emoção" (Alves et al., 2023, p. 4), na permeabilidade entre realidade e ficção, poética e empiria. Dessa feita, afirmo que muitos elementos aqui abordados, "embora de natureza psicológica", engendram "efeitos relativos às outras ciências" (Fanon, 2008, p. 58). Assim, assumo tensionar e torcer as noções hegemônicas de metodologia em pesquisa, em conversação com a literatura, por meio da experiência poético-política de escrita encarnada, viva, implicada, sensível, na pesquisa em psicanálise, com base na imprevisibilidade.

Luiz Carlos Nogueira (2004) enuncia que Freud, quando propôs às pessoas em análise a associar livremente, rompeu com a ideia de investigar seus organismos e produziu uma mudança radical na concepção e no modo de se relacionar com elas, que, por sua vez, deixaram de ser consideradas apenas objeto de investigação, mas, sobretudo, foram convidadas a construir uma relação entre falantes. Ou seja, na associação livre, não há a separação entre sujeito e objeto, mas há a transferência (Nogueira, 2004). Eis que a imprevisibilidade se impõe.

Édouard Glissant (2005) nos apazigua ao dizer que "conhecer o imprevisível é sincronizar-se com o presente, com o presente em que vivemos, mas de uma outra maneira, não mais empírica nem sistemática, mas sim poética" (p. 107). Em todas as ciências, o fazer pesquisa está permeado, transpassado, penetrado por uma parcela de arte. No caso da psicanálise, "a arte envolvida é predominantemente a literatura a qual, muito antes de nós, soube apreender e revelar o contraditório sentido da existência" humana (Herrmann, 2004, p. 25). Edson Sousa (2021) assinala que "Freud buscava abrigo na produção literária e artística para suas hipóteses conceituais" (p. 318). É nessa toada que escuto e convoco Audre Lorde (2020) para ajudar a pensar-sentir o lugar da poesia na pesquisa em psicanálise. A autora afirma:

> [...] poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valemos para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado (Lorde, 2020, p. 47).

No mundo poético, “muitas coisas que não poderiam causar gozo como reais podem fazê-lo no jogo da fantasia e muitas moções que em si são desagradáveis podem se tornar para o ouvinte ou espectador do poeta fonte de prazer” (Freud, 1908/2021, p. 54). Seria esse um caminho possível e prazeroso para pensar a pesquisa em psicanálise? Para Freud (1908/2021), o prazer estético que emerge da produção do artista contém o caráter do prazer preliminar e a “verdadeira fruição da obra poética surge da libertação das tensões de nossa psique” (p. 64). Ao escutar e saborear as palavras do inventor da psicanálise, te convido, leitora ou leitor, a fruir em suas hipóteses clínicas e conceituais a partir da poético-política que enuncia a carne, o sangue, o osso, as vísceras, a existência psíquica de corpos-sujeitos que encontramos na relação transferencial.

Para tanto, desde o lugar de uma mulher negra psicanalista, lanço mão da ficção como modo de pôr em relevo a questão poético-política da escrevivência que marca tessituras de vozes e tecituras de história singulares, de homens e mulheres negras, que podem ser agenciadas coletivamente; e da fricção “enquanto movimento de contato e esfregação de vivências e memórias do presente e do passado que são aquecidas na e para a produção e enunciação de um devir, de um porvir” (Alves et al., 2023, p. 4).

O estudo objetiva colocar em conversação a escrevivência como estratégia metodológica e poético-política de pesquisa em psicanálise, partindo da subversão das noções de realidade e ficção, perspectivando torsões e criações de hipóteses conceituais que contribuam com a formação psicanalítica.

II. Escrevivência e pesquisa em psicanálise: Como pensar-sentir esse encontro?

Olá, me chamo Carol. Sou uma jovem mulher negra de 26 anos. Uso meu cabelo Black e dizem que tenho olhos cativantes. Eu me vejo como alguém falante. Estou estudando Direito em uma universidade federal, na qual entrei com muita luta. Sou a primeira de minha família a ingressar na universidade. Um sonho sendo realizado. Hoje, ocupo e resisto em meio às paredes brancas da universidade. Nela, eu me sinto uma estrangeira, uma estranha. Mas foi na escola que senti pela primeira vez uma sufocante dificuldade de respirar, de existir. Eu sentia os olhares curiosos das colegas, recebia apelidos sobre meu cabelo, meu nariz, minha cor. Mas teve um dia que minhas colegas brancas passaram dos limites, elas me amarraram em um poste no pátio da escola e começaram a simular que estavam me chicoteando, dizendo que eu era escrava delas. Isso me dói até hoje...

Minha mãe era servente nessa escola, por isso eu e meu irmão tínhamos bolsa integral de estudos. Por ser a mais velha, desde muito cedo, eu passava o resto dia, em que não estava na escola, cuidando do meu irmão. Venho de uma família extensa, daquelas com muitos tios e tias, primos e primas; daquelas em que os encontros são repletos de falatórios altos, gesticulações, risadas, crianças correndo de um lado para o outro e muito afeto que transborda em amor, mas também em discussões. É em minha família que penso, que recorro quando preciso me nutrir de forças para continuar percorrendo minha formação no Direito. Uma travessia cheia de contratempos, entraves, barreiras,

opressões, vivências de racismo que questionam o meu lugar. Qual é o meu lugar? Eu tenho um lugar? Minha sensação é que tem algo que pressiona meus pulmões, impedindo-me de respirar, de existir em qualquer lugar.

A escrevivência emerge da narrativa e da escrita de mulheres negras, da escrita de si, do processo de autoapropriação de si enquanto corpo-sujeito negro que carrega memórias, histórias e trajetórias singulares e, ao mesmo tempo, coletivas (Evaristo, 2017). Ou seja, escreviver diz sobre narrar, contar histórias singulares, absolutamente particulares, que explicitam outras histórias negras que contam sobre um comum coletivizado. A escrevivência emerge de uma prática poético-política literária, cuja autoria nasce da experiência negra, feminina e pobre, em que o corpo-sujeito da ação protagoniza seu ser, estar e pensar no mundo, não somente como um exercício individual, mas, sobretudo, forjado na coletividade (Evaristo, 2020).

Desse modo, aposto no escreviver o mais íntimo de sentimentos e dores que escapam em palavras, na poética do refúgio, da mancada, transformando-se em histórias escritas, contadas, narradas, nomeadas, ficcionalizadas e friccionalizadas desde o comum. Experiências singulares que se agenciam no coletivo e criam possibilidades de corpos-sujeitos negros serem e estarem no mundo. Assim, desde a escrevivência assumo, na pesquisa em psicanálise, que escrever, viver, relembrar e inscrever memórias para se ver e ver o outro é um ato político de corpos-sujeitos negros que marcam sua presença e pertinência em um mundo historicamente habitado pelo branco colonizador.

No encontro entre escrevivência e pesquisa em psicanálise, aposto na potência de narrativas que rompam o silêncio do trauma colonial; narrativas que, por meio da ficção, inscrevem uma intensa afirmação ético-poético-política de corpos-sujeitos que performam a presença negra em espaços, histórias e tempos de ausência produzidos pelo racismo e colonialismo. Corpos-sujeitos negros, portanto, que ao performar em ficção suas presenças, abrem fissuras nas ausências.

Em *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*, Freud (1933/2010) lança mão do artifício da imaginação, colocando-se em um auditório e em relação com seus leitores e leitoras para, desde a ficcionalização dessas presenças, expor suas ideias e hipóteses conceituais, em um momento em que a palavra não lhe saía da boca. Tais conferências nunca foram proferidas, vociferadas da forma mais clássica esperada, no entanto, continuam sendo enunciadas na boca, na língua de cada pessoa que entra em contato com elas.

Assim, é na subversão íntima das noções de realidade e ficção que ouso rasgar por dentro seus significados. Assumo que a ideia de realidade que experimentamos nas sociedades ocidentalizadas, constitui-se enquanto ficção que apenas alguns corpos-sujeitos podem narrar, contar. E que a ficção, quando contada por vozes negras, produz novas realidades. Ao me desafiar a uma intimidade subversiva entre os conceitos de realidade e ficção, me autorizo a escutar novas realidades, agora narradas, contadas por corpos-sujeitos que foram sistematicamente silenciados. A aposta que assento com meus pés descalços na pesquisa em psicanálise passa por essa compreensão da(s) realidade(s) no plural.

Freud nos lembra que "a realidade *psíquica* é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade *material*" (Freud, 1900-1901/1996, p. 644). A contraproposta que atrevida faço a Freud é: quais histórias podem, mesmo bastardas, ser paridas pelo emaranhado entre as realidades psíquica e material? Que novas ficções e fricções podem vingar dessas realidades, quando com Conceição Evaristo (2016) podemos ir mais fundo nesse foço, questionando e, ao mesmo tempo, respondendo: "Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu" (p. 7). A autora complementa a ideia salientando que entre um acontecimento e sua narração há o que se perde pelo caminho e, por esse motivo, algo é acrescentado. E se nos debruçarmos nessa contraproposta? E se ao invés de calarmos o emaranhamento, nós pudéssemos escutar as suas canções? E se ao invés de discutirmos o que é ou não realidade, nossas escutas se debruçassem sobre esse "algo acrescentado", tecendo assim, com a ficção despretensiosa, novas realidades?

A ficção escrevivida nos possibilita a criação de narrativas que ao serem tecidas, fiadas, emaranhadas nos ajudam a refletir e torcer conceitos que cantarolam uma psicanálise desde experiências negras. Ao passo de Freud (1900-1901/1996), que em *A Interpretação dos Sonhos* qualifica a psicanálise como "ficção teórica", aqui, provocando o encontro entre escrevivência e pesquisa em psicanálise, utilizo da ficcionalização de histórias ouvidas, sentidas, vividas, degustadas como importante estratégia de produção de material empírico na clínica psicanalítica. Falo de pesquisa em psicanálise que tem como

pressuposto a clínica, a pesquisa e a teoria. Nas palavras de Luiz Carlos Nogueira (2004), “esses três aspectos estão sempre juntos, quer dizer, eu não posso pensar em pesquisa psicanalítica a não ser na relação analítica” (p. 87).

Referencias

Alves, M. C., Sant'Anna Junior, A. de, & Izidoro-Pinto, C. M. (2023). Mulheres pretas da Enfermagem: escrevivência atrevivida em oralitura na Covid-19. Revista Estudos Feministas, 31(1), e83154. https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n183154

Evaristo, C. (2016). Insubmissas Lágrimas de Mulheres. Malê.

Evaristo, C. (2017). Becos da memória. Pallas.

Evaristo, C. (2020). A escrevivência e seus subtextos. In: C. L. Duarte,

& I. R. Nunes (orgs.). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo (pp. 26-47). Mina Comunicação e Arte.

Fanon, F. (2008). Pele negra, máscaras brancas. EDUFBA.

Freud, S. (1996). A Interpretação dos Sonhos. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Imago. (Trabalho original publicado em 1900-1901).

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização, novos conferências introdutórias e outros textos. Obras completas, volume 18. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).

Freud, S. (2021). O poeta e o fantasiar. In: S. Freud. Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas (pp. 53-68). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908).

Glissant, É. (2005). Introdução a uma poética da diversidade. Editora UFJF.

Hermann, F. (2004). Pesquisa psicanalítica. Ciência e Cultura, 56(4), 25-28. http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000400014&lng=en&tlng=pt.

Lorde, A. (2020). Irmã outsider: ensaios e conferências. Autêntica.

Nogueira, L. C. (2004). A pesquisa em psicanálise. Psicologia USP, 15(1-2), 83-106. https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000100013.

Sousa, E. L. A de. (2021). Posfácio. Faróis e enigmas: Arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud. In: S. Freud. Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas (pp. 53-68). Autêntica.

La formación y la transmisión psicoanalítica en tiempos de la matrix 3.0

Gabriel Alfonsi [1]

Cuando algo inesperado o impensado ocurre, cuando aquello que parecía imposible se vuelve real, o cuando la evolución de los cambios es más rápida que la capacidad de ser asimilados por la cultura o las estructuras que componen la sociedad, la primera reacción suele ser la de oponerse o resistirse.

¿Acaso lo ***"inesperado o impensado"*** no tiene alguna semejanza con la sorpresa del lapsus, el chiste, la interpretación de un sueño o el acting de un paciente? ¿Cuántas veces no hemos sido testigos en consultorio de la negación del paciente a estas manifestaciones del inconsciente? Freud identificó tempranamente que el inconsciente ***"irrumpe"*** de varias maneras.

Por medio del método de la hipnosis y el método catártico, Freud identificó que las pacientes histéricas sufrían de reminiscencias; pero abandonará este tratamiento por insuficiente pues los síntomas volvían (Freud, 1893). Freud supo reconocer, por medio de la clínica, que no podía encerrarse a lo que iba descubriendo. A lo largo de su vida fue revisitando sus teorías, agregando notas, sin miedo a reconocer errores o límites a su conocimiento. Sabía que un saber no es estático, que siempre debe ser revisado.

1-Asociación Psicoanalítica de Asunción.

I. Nuevo siglo, nuevos paradigmas

Año 1900, cambio de siglo, y con ello todo lo que suele conllevar en el imaginario: esperanzas, miedos, expectativas. Freud fecha su obra magna ese año, aunque se sabe que ya la había terminado en noviembre de 1899. El impacto simbólico fue muy diferente. (Freud, comentario de Strachey, 1900).

El famoso "giro copernicano" destronaría al Yo del Positivismo. Grandes resistencias, críticas y descrédito irían a rodear a Freud por estas ideas. Pero su disciplina y convencimiento, y sobre todo los resultados que iba obteniendo en la aplicación de sus teorías a la clínica, atraería más y más seguidores.

Sesenta y dos años después de la *Interpretación de los Sueños*, Thomas Kuhn publicaría una obra que explicaría cómo reaccionan las sociedades científicas ante un nuevo paradigma: *La estructura de las revoluciones científicas* (Kuhn, 1962). Durante un paradigma vigente, la mayoría de la investigación se centra en ampliar el saber aceptado. Los científicos trabajan para refinar y expandir el conocimiento sin cuestionar los fundamentos reconocidos hasta ese momento.

A medida que avanza la investigación, pueden surgir anomalías que no se ajustan a las expectativas del paradigma. Inicialmente, estas anomalías suelen ser ignoradas o explicadas de manera "ad hoc". Cuando estas se acumulan y no pueden ser desconocidas, el paradigma

entra en crisis. Esto puede llevar a una revolución científica, donde el paradigma existente es reemplazado por uno nuevo. Este proceso implica una ruptura con las prácticas y teorías anteriores. Kuhn argumenta que los paradigmas rivalizan, generan tensiones entre lo establecido y lo nuevo. Entonces, un cambio de paradigma ocurre cuando una nueva teoría proporciona una mejor explicación de las anomalías y es adoptada por la comunidad científica.

II. Inicios del paradigma freudiano

A medida que las ideas de Freud iban ganando espacios, más personas interesadas iban acercándose al psicoanálisis. Este aumento de su popularidad, aunque inicialmente lenta (las 600 copias de la primera edición de Interpretación de los sueños demoraron más de 6 años en venderse), fue generando entusiasmo, pero al mismo tiempo preocupación: Freud, consciente de la fuerte resistencia a sus teorías, sentía que debía también protegerlas y rodearse de gente leal.

En 1902, Freud decide invitar a Stekel, Adler, Kahane y Reitler a conocerlo para dialogar sobre su trabajo. Esto terminó con la conformación de la Sociedad Psicológica del miércoles. Era una manera que el *"splendid isolation"* empezara a diluirse.

Para 1908 había 14 miembros en la Sociedad de los Miércoles, y se decidió cambiar el nombre a Sociedad Psicoanalítica de Viena. Luego se unirían otros como Ferenczi, Eitingon, Jung, Abraham y Jones. La producción clínica y teórica de Freud seguiría aumentando, pero ya no

en soledad: empezó a gestarse la idea de una "asociación internacional" que se cristalizaría en 1910 con la fundación de la API en el Congreso en Nuremberg.

Freud sentía temor que su teoría perdiera rigor: "El análisis nada tiene que ver con todo ese disparate, eso no es el psicoanálisis. En las sesiones de los grupos locales que compondrían la asociación internacional debía enseñarse el modo de cultivar el psicoanálisis, y ahí hallarían su formación médicos para cuya actividad podría prestarse una suerte de garantía" (Freud, 1914).

No sería hasta 1920 con la fundación de la Policlínica de Berlín, y posteriormente en 1924, en el Congreso de Salzburgo, Eitingon introducirá los principios fundamentales para la formación de analistas y el manejo de las sociedades en el mundo:

- La capacitación no debía dejarse a la iniciativa privada de los individuos;
- Los diferentes países deberían proporcionar institutos de capacitación;
- La API debería establecer las regulaciones para la capacitación en estos institutos. La capacitación debe incluir "análisis de instrucción" y el análisis de pacientes bajo supervisión. Cualquiera que desee practicar el psicoanálisis debe haber completado su entrenamiento antes de convertirse en miembro de la API.

Los tres modelos vigentes de formación de "candidatos" en API son: el Eitingon, el francés y el uruguayo. Con algunas diferencias, los tres modelos establecen básicamente lo mismo (es probable que existan

pequeñas diferencias según las Instituciones de cada país). Como dice la misma API: desde hace más de 50 años “se mantienen la mayoría de las regulaciones actuales”.

Estas normas buscaban proteger el psicoanálisis *(¿garantizar como decía Freud?)*, evitar su banalización, y que la transmisión sea lo más homogénea posible: ***estandarizar la transmisión***. Esto, ¿no puso en entredicho las mismas bases sobre las que descansa el psicoanálisis? El inconsciente es incomprensible, imposible de medir; no hay una relación univoca entre realidad y mundo psíquico.

III. La anomalía

En marzo del 2020 ocurriría algo inesperado. La pandemia del Covid “irrumpió” en el mundo. El paradigma establecido se veía confrontado con una “anomalía”. El mundo se vio obligado a encerrarse y con ello, no sólo el psicoanálisis, sino que todo el sistema mundial se vio forzado a modificar rápidamente sus fundamentos sociales, económicos, psicológicos, médicos, etc. Nos vimos, de repente, alienados, perseguidos, pero también muy requeridos a continuar trabajando como analistas, pero de diferente manera: empezaron las sesiones virtuales (on-line); como también tratar de responder el aumento geométrico de demandas de consulta de seres humanos agobiados por este nuevo paradigma. El dispositivo tuvo que ser replanteado del día a la noche: de la presencialidad se pasó a lo virtual donde el cuerpo ya no estaba en presente (aparentemente); lo mismo para las supervisiones y la formación académica. La tecnología vino a proporcionar su ayuda, con

alternativas no aceptadas para el psicoanálisis hasta ese momento.

Podemos hacer un paralelismo con lo que le ocurre a Neo, personaje de la película Matrix (Hermanas Wachoski, 1999): él es despertado por el "beep" de su computadora e invitado a conocer a quien hacía tiempo buscaba por la Red, Morfeo (alusión al Dios del Sueño). En la escena de la "entrevista", Morfeo le invita a Neo a conocer la "realidad de las cosas"; le ofrece la oportunidad (a través de dos pastillas, azul o roja) de elegir entre quedarse en la Matrix o "Wonderland" (en referencia a "Alicia en el país de las maravillas", novela de Lewis Carroll), o conocer lo que ocurre del otro lado del espejo. La referencia se consolida aún más cuando Morfeo le dice a Neo: *"Te sientes un poco como Alicia cayendo por la madriguera del conejo"*. ¿Qué implicaría quedarse en la Matrix o elegir por el camino de la verdad? ¿Ingresar a un proceso de análisis para conocer su verdadero ser? ¿Descifrar el inconsciente por medio de la virtualidad del lenguaje utilizando la asociación libre? Se ve en Neo el miedo, la confusión y la desconfianza. Aun así, toma el riesgo y elige la pastilla roja que le saca del "ensueño". Aunque tuvo "resistencia", termina tomando el riesgo de "atravesar el espejo".

El mismo Freud (¿Dios Morfeo?), sugiere lo "artificial" o virtual cuando se refiere a la transferencia: hay que transformar la neurosis ordinaria en una neurosis de transferencia, que es un ***"reino intermedio"*** entre la enfermedad y la vida; un nuevo estado, "crear" una ***"enfermedad artificial"*** que debe instalarse para que el proceso analítico tenga éxito. Por ende, trabajamos básicamente con lo virtual (Freud, 1914).

Hay fundamentos del psicoanálisis que actúan como rocas: la supremacía del inconsciente y sus diferentes manifestaciones; la transferencia; la relación edípica (más temprana o no, y sus consecuencias en el proceso identificatorio), entre otros. Estos son paradigmas que, si bien han sido hartamente analizados y reelaborados por post-freudianos, siguen siendo columnas que sostienen la teoría psicoanalítica, y sin los cuales no tendría ningún sentido.

Ahora bien, ***la transmisión*** del psicoanálisis es otra cosa, y esto afecta al trípode.

IV. Revisar, reelaborar y reformular

Como se mencionó en páginas anteriores, la historia y expansión del psicoanálisis, los deseos de Freud dar "garantías" y proteger su legado, llevó a formar una Asociación, primero local y después internacional. Esta expansión fue la justificación para proponer condiciones y reglas para la incorporación de nuevos analistas. Sabemos que hubo varios cercanos a Freud que nunca pasaron por un análisis formal y que hacían de didactas, supervisores y atendían pacientes (uno de los casos más conocidos fue Hans Sachs, aunque hubo otros que no tuvieron un análisis como el de hoy día: Rank, Eitingon y Abraham).

En este sentido, es imposible pensar una transmisión que garantice sin que algo quede sin comprender, sin que algo quede en el tintero. Es lo que Freud asocia a lo "inacabado" de su técnica o a la "continua formación" de la teoría, que remite al hecho el psicoanálisis no es una precisamente una ciencia (Sauval, 1999).

Ni siquiera el saber académico garantiza algo, porque uno puede terminar los 4 años de formación, pero esto no asegura la comprensión de los textos. Igualmente, una supervisión de control o un análisis didáctico, es siempre único, no hay sesión o supervisión igual a la otra.

Hoy, los candidatos deben cumplir con dos casos de supervisión didáctica, y en la mayoría de las instituciones, si estos no han sido terminados, el análisis didáctico debe continuar. Supervisión y análisis didáctico ciñen el inconsciente a requisitos formales, académicos y operativos a fin de obtener la aprobación del Instituto y la API.

No obstante, la base de un proceso analítico es que la pareja analítica es la que conoce el proceso en el cual se encuentran inmersos. Aun así, el analista didacta debe informar al Instituto sobre el inicio y fin del análisis; y si hubiera alguna excepción, debe ser autorizado previamente por el Instituto. Es decir, hay un *tercer opinante* que debiera estar o no de acuerdo con el proceso. ¿El análisis personal es diferente al análisis didáctico? ¿Lo pedagógico, es parte de un análisis?

Por lo general, el candidato que está por terminar los seminarios ya tiene pacientes y realiza supervisiones (didácticas o no). Técnicamente el candidato es "colega" de los miembros. ¿En qué momento un analista en formación deja de estar en formación? La formación nunca acaba, es continua. Nuestra profesión nos demanda seguir estudiando, produciendo, asistiendo a congresos, etc. Por ende, la diferencia entre candidatos y miembros ***es de grado***, de requisitos. Pueden ocurrir

innumerables situaciones que impidan al candidato no acceder a la membresía, con lo que ello implica en términos de costos, tiempo y por qué no decirlo, frustración.

Recientemente la API compartió una *"Propuesta de revisión del Código de procedimientos en relación con la formación (aprobado por la Junta para la revisión de los miembros)"* basado en estos dos grupos de trabajo. La intención de la API es que esto sea votado lo antes posible. Sería ideal que API tenga en cuenta e incorpore lo que la pandemia produjo: cambios en la manera de hacer psicoanálisis. Hay un antes y un después de la pandemia. Y el psicoanálisis está para ser revisado, tal como Freud lo hizo.

OCAL ha realizado recientemente una encuesta que plantea muchas preguntas a la manera de transmitir y formar en psicoanálisis. Hubo varios post-freudianos que revisaron las teorías de Freud, y eso ha permitido que el psicoanálisis evolucione, siga más vivo que nunca. La resistencia al cambio no nos permite avanzar. Ya lo dijo Freud: la resistencia es el principal obstáculo para la transferencia, pero cuando esta cede es esperanza de éxito en la terapia.

Referencias

Freud, S. (1893). Estudios sobre la Histeria. En S. Freud, Obras Completas (Tomo II). Amorrortu Editores.

Freud, S. (1900). La interpretación de los sueños. En S. Freud, Obras Completas (Tomo IV). Amorrortu Editores.

Freud, S. (1914). Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. En S. Freud, Obras Completas (Tomo. XII). Amorrortu Editores.

Freud, S. (1914). Contribución para una historia del movimiento psicoanalítico. En S. Freud, Obras Completas (Tomo XIV). Amorrortu Editores.

Kuhn, T. (1962). Estructura de las revoluciones científicas. Fondo de Cultura Económica

Sauval, M. (1999). La formación del analista. Acheronta.

La paradoja de la tolerancia: reflexiones sobre el lugar de la agresión, la autenticidad y la preocupación por el otro

Laura Jasso Zepeda [1]

La época actual se caracteriza por la promoción de la tolerancia y la aceptación de la diversidad. Sin embargo, paradójicamente, las narrativas sociales dominantes imponen una presión creciente para que las personas se alineen con ciertas expectativas y posturas, limitando así la autenticidad y la libertad de expresión. Esto me lleva a preguntarme ¿Qué es lo auténtico? ¿Estaremos siendo ingenuos frente a estos discursos? Pareciera que el discurso del mundo se ha vuelto totalmente bueno y comprensivo, una suerte de pecho bueno que solo es capaz de nutrir, de preocuparse por el otro. ¿Dónde queda la pulsión agresiva? ¿Ha sido proyectada, desplazada o es víctima de la formación reactiva?

Reconozco y valoro la importancia de la radicalización en el activismo y la tan necesaria lucha social. Sin embargo, el propósito de este trabajo es reflexionar sobre cómo, en lo individual, existe una dificultad para integrar y tolerar la ambivalencia que supone una postura ideológica. En ocasiones, esta misma dificultad es proyectada en el grupo y quién la exprese, recibirá el reproche.

Entiendo por narrativa social a un conjunto de ideas y postulados que se presentan como universales y obligatorios, y que buscan imponerse

1-SPM (México).

como la única verdad válida, excluyendo cualquier otra perspectiva o punto de vista. Estas narrativas suelen estar construidas en torno a conceptos aparentemente positivos, como la diversidad, la inclusión o la tolerancia, pero que en la práctica se convierten en dogmas inflexibles que no admiten crítica ni debate. Al cerrarse a la pluralidad de ideas y experiencias, estas narrativas sociales pueden terminar funcionando como mecanismos de control y exclusión, en lugar de promover la verdadera apertura y comprensión.

I. Sobre lo auténtico

En términos de desarrollo, las frustraciones que experimenta el niño pueden ser tan abrumadoras que resulten traumáticas para el yo. Las exigencias son vividas como parte del self y no necesariamente ambientales. Esto supone una amenaza a una identidad en construcción. El self falso actúa como una especie de protector del self verdadero. Mientras tanto, el self falso se enfoca en crear un entorno que permita al self verdadero expresarse y ser reconocido. En un proceso hacia la salud mental, el self falso se basa en identificaciones y se manifiesta a través de una actitud social, educada y cortés, que a menudo implica no expresar abiertamente la verdad. Esta capacidad de renunciar a la omnipotencia y adaptarse a la sociedad ha permitido al individuo integrarse y mantenerse en la sociedad de manera que el self verdadero solo no podría lograr (Winnicott, 1969, pp.187).

El self falso es fácilmente confundible con la persona real, pero queda descubierto porque comienza a fallar en las distintas esferas de la

vida del sujeto y las carencias quedan desenmascaradas. Volviendo a la premisa sobre la autenticidad en la relación con los otros y, primordialmente en lo social, hay que aclarar que cuando un sujeto cuenta con un alto potencial intelectual, "la mente experimenta una tendencia muy fuerte a convertirse en la sede del self falso" pues se desarrolla una disociación entre la actividad intelectual y el cuerpo (Winnicott, 1969, pp. 185-187). Planteo que ante esta situación, el discurso resuena falso. Como si el hacerse de un postulado estructurado y, a su vez avalado por cierto grupo, reforzara la defensa del self verdadero. Para evitar malos entendidos, quiero aclarar que con lo anterior no pretendo que todo posicionamiento ideológico es a partir de un self falso, más bien, lo propongo como una de las posibles explicaciones ante la rigidez y parcialidad de dichos discursos.

II. Sobre la preocupación por el otro

Que un individuo pueda tener una preocupación genuina por el otro, según Winnicott (1969) es una marca de salud psicológica, que se vincula con una integración del self verdadero. Tal preocupación implica haber desarrollado previamente una capacidad de responsabilidad, una consideración e interés por el otro que tienen su génesis en la experiencia con la madre como objeto y como ambiente. La madre, en su función de objeto, satisface las necesidades del infante, mientras que como ambiente, ofrece un entorno capaz de sostenerlo física y emocionalmente para que el infante logre una integración psíquica compleja. Es en el reconocimiento, la disponibilidad, la comprensión y la preocupación de la madre por el infante donde se establecen los

cimientos fundamentales para que el sujeto pueda desarrollar esas mismas capacidades hacia los demás (Winnicott, 1969, pp. 95-99).

La integración permite conservar una imagen positiva del objeto junto con la conciencia de haberlo dañado. La preocupación por el otro es un paso más en el crecimiento personal y se relaciona con la capacidad de asumir responsabilidad por nuestras acciones.

Jessica Benjamin (2012) introduce el concepto de "el tercero moral", se refiere a una figura simbólica que representa una instancia moral y ética que trasciende la relación dual entre dos personas o grupos. Incorpora los principios y valores que rigen la conducta humana, como la justicia, la empatía y la responsabilidad. Permite a las partes en conflicto reconocer la humanidad y dignidad del otro, y reflexionar sobre sus acciones, lo que fomenta la empatía. Al considerar la perspectiva del tercero moral, las personas pueden superar la polarización y encontrar un terreno común, creando un espacio para reconocer y negociar diferencias. Restaurar el sentido de la terceridad ayuda a superar momentos de desacuerdo, y requiere valentía para reconocer y aceptar la ruptura como parte de la realidad, evitando la disociación y la mistificación.

III. Sobre la agresión

Melanie Klein propone que la agresión no es simplemente una reacción a la frustración que experimentamos cuando nuestras necesidades no son satisfechas por la realidad. En lugar de eso, sugiere que hay

una tendencia innata en la naturaleza humana que genera una lucha interna entre sentimientos de amor y odio desde el comienzo de la vida.

Hanna Segal, siguiendo a Klein, apunta que en la posición esquizo-paranoide, ante la angustia de fragmentación y persecución, el yo del bebé se defiende haciendo una deflexión del instinto de muerte; una parte se proyecta en objeto externo original y la otra parte transforma el instinto de muerte en agresión, necesaria para protegerse de los perseguidores. Posteriormente, se podrá alcanzar la posición depresiva en donde una de las fases críticas en el desarrollo emocional es la toma de conciencia de que el objeto amado se encuentra en peligro de ser dañado o destruido por la propia intensidad del afecto.

Tolerar la ambivalencia supondría aceptar que el objeto amado es también objeto del odio y de la agresión. Al ser insostenible como idea, fantasía y deseo, se hace uso de la formación reactiva – entre otros mecanismos de defensa- quedando reprimidas las partes que generan agresión contra el objeto y enfatizando las tendencias positivas y amorosas. Por ejemplo, en los niños se observa una amabilidad excesiva, horror por la violencia, ansiedad por la seguridad y salud de la persona amada, etc. (Freud, 1949, p. 129). La respuesta podría parecer positiva en la superficie, pero encubre montos de agresión que quedarán expuestos por su intensidad. Por ejemplo, la excesiva amabilidad puede llevar a una pérdida de límites personales, mientras que la ansiedad por la seguridad y salud de la persona amada puede llevar a un comportamiento sobreprotector o controlador.

¿Qué lugar ocupa la agresión en un mundo que se presume híper

tolerante? En 1949, Anna Freud ya apuntaba que la agresión resulta intolerable, por lo que se evita mediante distintos métodos. Los impulsos agresivos y destructivos se proyectan hacia afuera, generalmente a las mismas personas hacia las cuales se dirigía la hostilidad originaria o a objetos secundarios que no resulten amenazantes. El niño experimenta intenso miedo de esas personas, anteriormente amadas, que asumen el papel de agresores y perseguidores (Freud, 1949, p. 130).

La agresión encubierta influye en las narrativas sociales, generando historias que destacan la empatía y el cuidado, pero también la protección y el control, la dinámica de víctima y victimario, el sacrificio y el martirio, y la culpa y la vergüenza. Estas narrativas reflejan la complejidad de las relaciones humanas, donde la preocupación por el otro puede llevar a patrones de comportamiento que oscilan entre la solidaridad y la agresión encubierta, perpetuando dinámicas de poder y relaciones de dependencia.

Cito a Anna Freud: “en la proyección y el desaplazamiento de la agresión se encuentra el motivo de buena parte de la tension, la suspicacia y la intolerancia que imperan en las relaciones entre individuos y naciones” (Freud, 1949, p. 130). Las narrativas a las que me refiero en el texto se caracterizan por su intensidad y pasión para ser defendidas. Considerando que en esta dinámica predominan la formación reactiva y la proyección; los opositores de la causa- cualquiera que fuese- se perciben como amenazantes y se convierten en los objetos persecutorios, depositarios de las proyecciones.

Quedan abiertas muchas líneas para continuar esta investigación; en términos de la autenticidad, el tema invita a reflexionar si el apropiarse

de algunas narrativas sociales se relaciona al sentido de identidad y, en caso de que fuera así, ¿cuál es la calidad de ésta?
Nos convoca la necesidad de un análisis reflexivo de las estructuras y prácticas que puedan contribuir a la promoción de la tolerancia y la empatía. Considero que en estos tiempos se llegan a (con)fundir los conceptos de tolerancia con imposición, predominando narrativas en donde la agresión queda encubierta y proyectada, pero que limitan la posibilidad de integración. La ambivalencia queda percibida como amenazante ante la incapacidad de pensar que asumirla significaría doloroso a la vez que disminuirían los niveles de angustia.

La demanda social de adoptar una postura ante una narrativa social puede generar una presión que lleva a los individuos a tomar posiciones de manera prematura. Esto puede resultar en una adhesión acrítica a ciertas ideas o creencias. Me parece digno de ser pensado cómo, más adelante, esto puede generar en el sujeto sentimientos de vergüenza y confusión ante la incapacidad o dificultad para replantearse dichas ideas. Cuando esto es consciente, se puede presentar un conflicto interno al reconocer la discrepancia entre las creencias inicialmente adoptadas y la información nueva.

Considero que encontrar una postura ideológica integrada supone asumir sus fallas e incongruencias. Tolerar la decepción y la reconciliación. Dicho en otros términos, se trata de buscar relaciones objetales que apunten hacia la totalidad. Jessica Benjamin (2012) señala en su artículo que no se trata de una cuestión moral en donde se apunte a lo correcto o lo incorrecto para evitar toda clase de sufrimiento, sino que se tenga la valentía de reconocerlo.

Referencias

Benjamin, J. (2012). El tercero, reconocimiento. Clínica y Estudios Internacionales de Relaciones (CeIR), 6(2), 1-24. Recuperado de https://www.psicoterapiarelacional.es/Portals/0/eJournalCeIR/V6N2_2012/01_Benjamin_Tercero-Reconocimiento_CeIR_V6N2.pdf

Freud, A. (1949). Psicoanálisis del desarrollo del niño y del adolescente. Paidós.

Segal, H. (1995). Introducción a la obra de Melanie Klein. Paidós.

Winnicott, D. W. (1993). El desarrollo de la capacidad para la preocupación por el otro. En D. Winnicott, Los procesos de maduración y el ambiente facilitador: Estudios para una teoría del desarrollo emocional (pp. 95-107). Paidós.

Winnicott, D. W. (1993). La distorsión del yo en términos de self verdadero y falso. En D. Winnicott, Los procesos de maduración y el ambiente facilitador: Estudios para una teoría del desarrollo emocional (pp. 182-199). Paidós.

PSICOANÁLISIS Y MUNDO

Marcelo Alborés [1]

¿Cuál de los mundos posibles o cuál de los mundos creados? Las construcciones de la mirada del otro -y del Otro- suman vivencias que distan de ser coincidentes. El hecho de crear deja en la singularidad un 'yo creo', que podríamos tomarlo tanto de creer como de crear que probablemente se alimenten sinérgicamente. Uno puede ir creando lo que va creyendo o creyendo lo que va creando. Estos sesgos van generando grietas en la sociedad. Estas construcciones singulares están impregnadas por la cultura. El manto de la cultura aglutina y brinda un mínimo común denominador que oficia como almácigo para las diferentes elaboraciones. Pero también accedemos a nuevos fenómenos que aportan nuevas variables a nuestra labor como es la eclosión de la cultura que se ha dado principalmente en las últimas décadas y que ha proliferado al abrigo del siglo XXI aboliendo la cultura hegemónica del siglo XX.

Al día de hoy, concebimos y hablamos de globalización, donde para determinado sector social el mundo es una aldea global y para otros una lucha diaria por el agua, la comida y la supervivencia circunscripto o condenado a un rincón del planeta. Hoy en día nos comunicamos, nos contactamos, interactuamos gracias a internet que parece ser la metáfora o tela araña en la cual vamos quedando adheridos como insectos y enredados en sus distintas tramas.

1-Asociación Psicoanalítica de Uruguay.

La modernidad líquida, los amores líquidos, vida líquida donde parece que nada se puede conservar y nada se puede asir. Donde todo es volátil, furtivo y parece que pasamos de una modernidad líquida a una modernidad que parece un hálito evanescente. En el mundo de la inmediatez, todo parece tener un efecto tan fulgurante como efímero. Lo que publico se hace público generando potencialmente una onda expansiva que trasciende el objetivo inicial cuando pasa a viralizarse.

Las problemáticas actuales oscilan entre sus raíces históricas y atemporales sometidas a las nuevas dinámicas sociales y tecnológicas de ritmo vertiginoso de nuestros tiempos. Ritmo que no da descanso y no permite sedimentar, muchas veces, los cambios. En la era de redes digitales que nos permiten vociferar al mundo un pensamiento, una palabra, una historia o una fotografía en busca de los codiciados 'me gusta' hace que gran parte tenga acceso a un lugar binario donde nos diluimos y segmentamos entre ceros y unos. Ese binarismo parece ser el ejemplo perfecto de la dicotomía a la cual somos voluntariamente sometidos por los algoritmos donde las sugerencias de amistad son en base a similitudes de gustos o ideológicas, donde las plataformas nos indican o guían con porcentajes orientando o sesgando nuestras potenciales futuras elecciones.

Conjuntamente y/o en paralelo al desarrollo de las redes encontramos el concepto de posverdad (Aparici y García, 2019) que moldea la realidad que aparece licuada entre bots y fakenews forjando escenarios confusionales que procuran (des)orientar a la opinión pública donde se sostienen creencias y se cree a la primera publicación sin check posible y casi sin posibilidades de acceder a la versión más fidedigna.

Procuraremos aproximarnos a estas manifestaciones y metamorfosis de intolerancias, fanatismos y monstruosidad para analizarlas en clave de masas e identificaciones. Si tomamos el capítulo VII de Psicología de las masas y análisis del yo (1921/2013c), Freud plantea a la identificación como la primera ligazón afectiva con otra persona y marca su ambivalencia. El otro en la obra de Freud como "rival, socio o adversario" (Viñar, 1998, p. 96) y podríamos pensarlo que también como enemigo. Pero la frontera entre el otro y la singularidad es un problema por zanjar para no caer en la dicotomía o la escisión. Viñar (1998) plantea:

> Proyección o identificación proyectiva mediante (como mecanismos básicos de los procesos inconscientes) el dilema del espejo de los dobles, de las zonas indiscriminadas donde no se sabe si te veo o me veo, si te odio o me odio, puede convertirse en una alternativa sin salida, o una paradoja insoluble (p. 96).

Poder saltear la primera barrera de la dicotomía del adentro y del afuera sería una forma de evitar obturar el abordaje de esta problemática y poder cuestionar no con la finalidad de arribar a una solución sino de poder evitar sostener respuestas reflejas o poco reflexivas. En palabras de Deleuze (2015) los pliegues del afuera en el adentro como la conformación de la subjetividad: "El afuera no es un límite petrificado, sino una materia cambiante animada de movimientos peristálticos, de pliegues y plegamientos que constituyen un adentro: no otra cosa que el afuera, sino exactamente el adentro del afuera" (p. 128).

También podríamos considerar la noción de que cada uno sea un triángulo como lo plantea Spinoza y que nos puede resultar familiar si lo pensamos desde la óptica de Freud con la importancia del tercero. Incluso podemos tomar que en los inicios Freud brinda un lugar preponderante al "individuo auxiliador" (Freud, 1895/2013, p. 363) dado que el niño humano nace desvalido y será el auxiliador el que satisfaga sus necesidades en un proceso de construcción del Yo -no Yo. Inclusive podríamos asociar a lo determinante de la presencia del Otro que señalará Lacan. La relevancia del otro es muy marcada en Lacan en todo momento y como el otro instila el modo de hablar y el deseo (Lacan, 2010).

Ahora, si pensamos desde la biopolítica pospolítica (Zizek, 2009) encontraremos dos atributos ideológicamente opuestos y complementarios; por un lado "la reducción de los humanos a la <<nuda vida>>, al Homo sacer[2], ser sagrado que es objeto del conocimiento de todo gobierno, pero excluido" (p. 57) y por el otro "el respeto por la vulnerabilidad del otro llevada al extremo como una actitud de subjetividad narcisista que experimenta el yo como vulnerable, expuesto sin descanso a una multitud de <<acosos>> potenciales" (p. 57).

Dentro de esas tensiones ¿Qué puede aportar el psicoanálisis? Quizá el aporte sea construir una cuña disruptiva que genere una pausa reflexiva en un mundo vertiginoso procurando que el sujeto halle sus potenciales verdades y que no encuentre respuestas absolutas, sino

2- Zizek toma el término de Giorgio Agamben (2020).

que vaya construyendo nuevos mundos posibles[3]. Quizá el aporte sea ser un contrapeso a lo volátil, ser una pausa a la inmediatez y lo vertiginoso de nuestros días, ser un espacio reservado y privado 'off the record´ de nuestras vidas.

Quizá el espacio analítico sea un espacio donde enfrentarnos al espejo sin espejismos ni filtros para poder, desde allí construir una verdad, crear nuestro mundo y pensar y pensarnos dentro de las dinámicas que parecen situarnos y procuran configurarnos. Pareciera ser uno de los bastiones que resguarda el tiempo singular, nuestra reflexión y la tensión entre el psicoanálisis y mundo.

3- O en otras palabras "que aprendamos la única lección magistral que nos pone en el camino de un saber verdadero y que consiste en percatarnos de que ninguna palabra puede decir toda la verdad" (Bauman & Dessal, 2014, p. 10)

Referencias:

Agamben, G. 2020. Homo sacer. El poder soberano y la vida desnuda. Adriana Hidalgo.

Aparici, R. y García, D. 2019. La posverdad. Una cartografía de los medios, las redes y la política. Gedisa.

Bauman, Z., Dessal, G. (2014). El retorno del péndulo. Sobre psicoanálisis y el futuro del mundo líquido. Fondo de Cultura Económica.

Deleuze, D. (2015) Los pliegues o el adentro del pensamiento (subjetivación). Paidós.

Freud. S. (1895/2013). La vivencia de satisfacción. En S. Freud, Obras completas (pp. 362 - 364). Amorrortu Editores.

Freud, S. (1921/2013). Psicología de las masas y análisis del Yo. En S.

Freud, Obras Completas (63 - 136). Amorrortu editores.

Lacan, J. (2010). Conferencia de Ginebra sobre el síntoma. En J. Lacan, Intervenciones y textos 2 (pp. 115 - 144). Manantial.

Viñar, M. 1998. El reconocimiento del prójimo (Notas para pensar el odio al extranjero). En M. Viñar, (Comp.), ¿Semejante o enemigo? (pp. 93 – 103). Trilce.

Zizek, S. 2009. Sobre la violencia. Seis reflexiones marginales. Contextos Ideas.

TRANSFORMACIÓN Nº17



TRANSFORMACIÓN

OCAL
ORGANIZACIÓN
DE PSICOANALISTAS EN FORMACIÓN
DE AMÉRICA LATINA